

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

De *rolê* pela cidade: os *pixadores* em São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira

Dissertação apresentada ao
programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em
Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. José Guilherme Magnani

São Paulo
2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

De *rolê* pela cidade: os *pixadores* em São Paulo

Alexandre Barbosa Pereira

São Paulo
2005

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho teve como ponto de partida as discussões realizadas no Núcleo de Antropologia Urbana da USP e, em especial, o grupo de pesquisa sobre os jovens e suas práticas culturais na cidade de São Paulo. Por isso, gostaria de agradecer imensamente aos colegas do NAU Jovem, como era conhecido, por todas as reuniões em que pudemos expor nossas pesquisas e trocar experiências de campo.

Agradeço também ao Professor José Guilherme Magnani, orientador deste trabalho, pela paciência e generosidade. Considero-me privilegiado em ter sido orientado por pessoa tão dedicada ao trabalho acadêmico e à antropologia.

Minha gratidão às colegas antropólogas Clara, Daniela e Íris pelas leituras, comentários, críticas e sugestões e à Cláudia Vaz Jorge pelas contribuições e troca de idéias.

A dedicação integral aos estudos e à pesquisa só foi possível graças à bolsa de mestrado concedida pela CAPES.

Aos professores Luiz Henrique de Toledo e Fernanda Peixoto, presentes no exame de qualificação, pelas críticas e comentários que ajudaram a afinar a análise e a própria dissertação.

Por fim, gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a todos os pixadores que contribuíram com este trabalho; sem a participação deles, esta pesquisa não teria sido possível. Dedico um agradecimento especial àqueles que estiveram sempre dispostos a colaborar: Junior (Arteiros), Irany (Pirados), Dudu (Acusados), Vagner (o VGN) e Lalo (Sombras).

RESUMO

A dissertação tem como foco de estudo os pixadores na cidade de São Paulo. Trata-se de jovens que percorrem as ruas da cidade a deixar inscrita em muros, prédios e viadutos a sua marca. Tal prática, porém, não é vista com bons olhos pela população paulistana que vê na pixação uma forma de degradação da paisagem urbana. Como forma de combate a ela, a cidade elegeu o grafite como sua antítese, estimulando-o para que este seja usado no embelezamento do espaço urbano e com a finalidade de evitar a pixação. Será aqui discutido, portanto, as complexas relações entre estas duas formas de manifestação na cidade. A dissertação aborda também o modo particular com que estes jovens se apropriam do espaço urbano pelo estabelecimento de pontos de encontro, os seus *points*. Os pixadores têm uma maneira de conceber o centro e a periferia de São Paulo que dialoga com a dinâmica da metrópole. Embora se identifiquem com a periferia de onde são oriundos, eles têm o centro como importante local de atuação. A pesquisa revelou, também, como eles estabelecem relações de troca, aliança e conflito entre si e com outros grupos juvenis na cidade.

Palavras-Chave: pixadores, cidade, juventude, troca, antropologia urbana.

ABSTRACT

The dissertation has as study focus, the street writers in the city of Sao Paulo. One is about young that covers the streets of the city to leave written in walls, building and viaducts its mark. Such practical, however, is not seen with good eyes for the paulistana population that sees in this writing a degradation form of the urban landscape. As combat form to it, the city chosen the artistic graffiti as its antithesis and stimulates it so that this is used in the brightened up of the urban space and with the purpose to prevent this writing. It is argued, therefore, the complex relations between these two manifestation forms in the city. The dissertation also approaches the particular way with that these young assumes itself of the urban space for the establishment of meeting points. The writers have a way to conceive the center and the periphery of Sao Paulo that dialogues with the dynamics of the metropolis. Although they are identified with the periphery where they are deriving, they have the center as important performance place. The research disclosed, also, as they establish exchange relations, alliance and conflict between them and with other youthful groups in the city.

Key Words: street writers, city, youth, exchange, urban anthropology.

Sumário

Introdução.....	7
1. As marcas na/da cidade.....	12
1.1. Apresentando a pixação paulistana.....	13
1.2. Grafite e pixação: relações imprecisas.....	17
1.3. Nomeando as pixações.....	28
1.4. Notoriedade e efemeridade.....	30
2. Apropriações do espaço urbano.....	40
2.1. Os pixadores na cidade.....	40
2.2. Os <i>points</i> dos pixadores.....	44
2.3. De <i>rolê</i> pela cidade.....	52
2.4. Da <i>quebrada</i> ao centro, do centro às <i>quebradas</i>	55
3. Trocando na humildade.....	67
3.1. A Troca das Folhinhas.....	69
3.2. As grifes.....	74
3.3 Os dois sentidos da humildade.....	87
4. Grupos juvenis na cidade.....	93
4.1. O proceder dos pixadores e o circuito da cultura de rua.....	93
4.2. Reflexões sobre a juventude e suas práticas culturais: o caso dos pixadores.....	103
Conclusão.....	116
Bibliografia.....	120
Fontes de pesquisa.....	127
Créditos das imagens.....	127

INTRODUÇÃO

“Objetivo: Não é pregar a apologia sobre pichação e sim mostrar o vandalismo existente”.

(Extraído do álbum de cromos “Só Pixo” produzido por pixadores)

“Cadê os maloqueiro, skatista e pixador de Cidade Ademar?”, gritou um dos integrantes do grupo de rap, em um show realizado na praça comunitária Lígia Maria Nóbrega (na verdade, na época, um grande vão livre onde eram realizados diversos eventos culturais¹) no bairro de Cidade Ademar, Zona Sul da cidade de São Paulo, no ano de 1999. Ao meu lado, alguns jovens pularam entusiasmados, pois eles eram, ou se consideravam, tudo aquilo que o *rapper* apontou: pixadores, *skatistas* e maloqueiros. Este foi um dos primeiros contatos que estabeleci com eles, antes mesmo de pensar em fazer a pesquisa. A frase gritada pelo *rapper* e a reação dos pixadores despertaram minha atenção para estes jovens. Desde então, apesar de pouco simpático a sua prática, meu interesse pelo grupo aumentou: conheci mais alguns deles no meu bairro que estudavam na mesma escola em que eu havia cursado o ensino médio. Dessa forma, adentrei o mundo dos pixadores na cidade de São Paulo.

Nas minhas primeiras incursões a campo, sentia um certo receio por causa da má fama adquirida pelos pixadores. No entanto, com o tempo percebi como funcionava a dinâmica de suas relações, notei que eles não eram a grande ameaça anunciada pela imprensa e, a partir desse momento, comecei a temer mais o que a polícia poderia fazer contra eles e contra mim, por estar junto deles. Concentrei minha atenção nos espaços que estes jovens ocupam na cidade: seus pontos de encontro, também conhecidos por *points*, suas festas e outros lugares nos quais poderia encontrá-los, como pistas de *skate* e shows de *rap*, entre outros. Inicialmente, achava que seria muito difícil que estes jovens quisessem conceder

¹ Hoje este espaço transformou-se em uma área de lazer com pistas de skate e quadras de esporte, constituindo-se em um dos pontos de encontro de pixadores na cidade.

entrevistas a mim. Embora, em um primeiro momento, alguns tenham ficado desconfiados de minha presença, os pixadores mostraram-se totalmente à disposição para contribuir com meu trabalho, sentindo-se valorizados por terem a oportunidade de aparecerem em uma pesquisa. Pediam para que eu tirasse fotos deles e de suas pixações. Em diversos momentos, recebia telefonemas de pixadores interessados em conceder fotografias e entrevistas, pois ficavam sabendo por outros colegas sobre o meu trabalho. Poucos, no entanto, entendiam que eu estava realizando uma investigação antropológica, confundiam-me com um jornalista a fazer uma reportagem sobre a pixação na cidade. Por esse motivo também é que muitos deles me procuravam, pois os pixadores ambicionam ter suas pixações divulgadas na mídia, conforme será discutido no primeiro capítulo.

Esta pesquisa baseou-se, portanto, em observações nos seus locais de encontro e em entrevistas individuais realizadas em seus bairros de moradia. Serviram também como importantes fontes de consulta, produtos criados pelos próprios pixadores, como revistas e vídeos-documentários sobre grafite e pixação, páginas na internet e um álbum de cromos com imagens de pixações. Acompanhei-os poucas vezes em sua prática principal, a pixação, por conta não apenas do risco envolvido, mas também por entender que esta, embora seja a atividade definidora do grupo, não era fundamental para compreender a sua dinâmica na cidade. Além disso, com a presença de um espectador nas suas atividades, estes encenavam as suas ações, buscando lugares mais arriscados para que parecessem mais ousados do que os outros. Modo, aliás, como costumam agir com os jornalistas, para mostrar como são audaciosos penduram-se em pontes e prédios para que estes tirem fotos suas em ação e as publiquem em jornais e revistas.

Os pixadores não são bem vistos pela população em geral. Os meios de comunicação estão sempre a produzir matérias visando condená-los. Já o poder público está constantemente à procura de um projeto para tentar resolver o “problema” da pixação, apontada como um fator de degradação do espaço urbano. Desde a administração Jânio Quadros, há cerca de 20 anos, quando surgiram os primeiros pixadores em São Paulo, diversas foram as ações realizadas pela prefeitura. A perseguição aos autores das assinaturas nos muros da cidade foi a forma encontrada por Jânio, que chegou até a publicar no diário oficial do município

que prenderia os responsáveis pelas inscrições que apareciam nos muros da cidade. Durante a gestão Luiza Erundina, no entanto, tentou-se um diálogo com os pixadores, buscando aproximá-los das oficinas de grafite promovidas pelo governo municipal. Porém, foi o prefeito Celso Pitta que tentou adotar a medida mais controversa: cobrar multa daquele que tivesse os muros de sua propriedade pixados e não os pintassem dentro de um prazo máximo estipulado. Logo em seguida, na gestão da prefeita Marta Suplicy, as oficinas de grafite ganharam força novamente, junto com elas o “Projeto Belezura”, que visava deixar a cidade mais bonita através da pintura constante de determinados espaços para que estes não voltassem a ser pixados. Nenhum destes projetos, no entanto, conseguiu obter êxito e conter a ação dos pixadores na cidade. Em 2005, a gestão José Serra lança um projeto denominado “Plano Anti-Pichação”, que visa, através da pintura constante de muros e de um maior rigor no tratamento dado aos pixadores (com prisões e aplicação de penas alternativas), acabar com a pichação.

Apesar de todas as denominações negativas que recaem sobre os pixadores e das acusações que lhes são feitas de sujar e enfeiar a cidade, o que se buscou aqui foi não partir destes pré-conceitos, mas enxergar para além das representações colocadas pela mídia e pelo poder público, com o intuito de tentar entender como eles atuam na cidade e se relacionam com o espaço urbano. Para isso, foi preciso acompanhar os grupos de perto e tentar entender como eles pensam e agem na cidade.

Logo de início, portanto, cabe uma observação ortográfica aprendida com os pixadores: pois ao invés de escrever a palavra pichação, com “ch”, como consta na grafia dos dicionários, estes jovens a escrevem com “x”. O que poderia ser constatado apenas como uma falta de conhecimento da maneira como a palavra é escrita, conforme as normas da Língua Portuguesa, é apontado pelos mesmos como um jeito de diferenciá-la do significado atribuído pelos dicionários. Segundo alguns, a pichação com “x”, expressaria o modo com que se apropriam da cidade, que não teria relação com os significados apontados pelo dicionário *Aurélio* para o verbo pichar: “1. Aplicar piche em; untar com piche; 2. Escrever (dizeres políticos, por via de regra) em muros ou paredes; 3. Escrever, sobretudo, dizeres políticos em: pichar um muro; 4. Espinafrar; 5. Falar mal; maldizer” (AURÉLIO, 1975). Assim, para

melhor definir o modo como estes jovens inscrevem na paisagem urbana suas marcas, que são criadas através do uso de letras contorcidas, tem-se a pixação com “x”. Dessa maneira, diferencia-se, também, a pixação de outras pichações que existem na cidade (de caráter político, publicitário etc.). Tratar-se-á aqui, portanto, de um tipo de pixação com características bem particulares, que se define como sendo o meio pelo qual certos jovens escolheram expressar-se na cidade com seus nomes escritos à tinta spray e com letras estilizadas. Estas pixações, no entanto, ao contrário de outras pichações, não são feitas necessariamente para todos os cidadãos paulistanos, mas principalmente para que os outros pixadores, que fazem parte de um mesmo circuito, possam ver e entender o que afinal aqueles símbolos querem dizer.

A pixação é uma prática predominantemente masculina. Há poucas meninas pixadoras. A presença feminina nos espaços de sociabilidade específicos dos pixadores, quando ocorre, se dá principalmente por meio de namoradas e amigas que os acompanham em algumas atividades. Os pixadores são jovens que vêm, em grande parte, dos bairros da periferia de São Paulo. Tanto a periferia quanto o centro da cidade são espaços importantes para estes jovens, embora estes lugares sejam apropriados de maneiras diferentes. O objetivo desta pesquisa, portanto, será analisar como os pixadores se apropriam do espaço urbano e como estabelecem redes de trocas pela cidade, demonstrando-se, assim, porque a pergunta feita pelo *rapper* aos pixadores gerou uma identificação imediata destes com os elementos apontados: o ser *skatista*, maloqueiro e pixador. Afinal, os pixadores não estão isolados na cidade, mas em contato com diversos outros grupos. Entre estes, pode-se apontar os próprios *skatistas* e os integrantes do *Hip Hop*. A maneira como os pixadores atuam na cidade - tendo a transgressão como fundamento de suas ações - irá justificar o porquê da identificação com a figura do maloqueiro, para a qual, em mais uma consulta ao dicionário *Aurélio*, encontram-se as seguintes definições:

1. Denominação comum a rapazinhos que andam pelas ruas, sujos e descalços, de ordinário em grupo, pedindo dinheiro emprestado, praticando pequenos furtos, etc. [Alguns deles pernoitam em esconderijos feitos na areia da praia, denominados *malocas* Sin. (no RS e RJ): pivete];
2. Indivíduo

maltrapilho ou mal-educado. 3. Aquele que vive em maloca; salteador, bandido (AURÉLIO, 1975).

O primeiro significado atribuído à palavra maloqueiro, em particular, tem certa relação com o modo que se poderia denominar os pixadores, a partir da dinâmica dos mesmos na metrópole. Pois afinal, o que seriam eles se não jovens que andam pelas ruas, sujos da tinta com que pintam suas inscrições nos muros, freqüentemente em grupo, a realizar pequenas transgressões e a deixar suas marcas pela cidade? Para tentar compreender melhor estes atores sociais, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro, intitulado: “As marcas na/da cidade”, discuti-se a própria pixação como forma de expressão e como esta marca deixada por determinados grupos é vista pela população paulistana. Tenta-se entender também a relação da pixação com o grafite e com outras formas de expressão, bem como a relação dos pixadores com a mídia e com o poder público. No segundo, tratar-se-á das “Apropriações do espaço urbano”, do modo como os pixadores apropriam-se da cidade, com seus pontos de encontro e os seus rolês – sendo este último o nome dado aos seus deslocamentos pela cidade com o intuito de pixar. Além disso, aborda-se a relação destes jovens com a periferia e o centro da cidade. As trocas e as alianças que os grupos de pixadores estabelecem entre si é o tema do terceiro capítulo, intitulado: “Trocando na humildade”. Por fim, o quarto capítulo tenta refletir sobre a noção de juventude a partir das práticas dos pixadores e de sua relação com a cidade, mostrando a relação destes com outros grupos juvenis em São Paulo.

CAPÍTULO 1

AS MARCAS NA/DA CIDADE

“Só quem é sabe o que é”.

(Frase pixada em muro da cidade pelo grupo Sapecas)

Observar a paisagem paulistana e não notar a interferência dos pixadores é impossível. Ela está inscrita em muros, prédios, viadutos e monumentos. Em todas as grandes avenidas da cidade ela está presente, em maior ou menor número. Por isso, alguns autores que tratam do espaço urbano em São Paulo, ainda que de passagem, acabam abordando esta temática em seus trabalhos. Eduardo Yázigi, em *O Mundo das Calçadas* (2000), por exemplo, discute as apropriações do espaço público na cidade de São Paulo e coloca a pixação dentro da chave do vandalismo. Dentro da perspectiva desse autor, ela estaria contribuindo para a negação da democracia do espaço público. Já o antropólogo italiano Massimo Canevacci (1993), ao realizar o que denominou de uma *“antropologia da comunicação urbana”* na cidade de São Paulo, principalmente através da observação de sua paisagem, define a pixação como *“um fenômeno já clássico da comunicação urbana em São Paulo”* e *“um estilo que se tornou verdadeiramente característico da capital paulistana”* (CANEVACCI, 1993:182). Este autor define esta manifestação como sendo, na sua forma, uma escrita *“árabe-gótica”* e afirma que é essa matriz obscura e misturada que complica sua compreensão. Esta peculiaridade decorreria, segundo ele, do fato de o escritor anônimo querer se comunicar não através de palavras, mas por sua presença fantasmática, pois o sentido do discurso consistiria desta maneira em atestar a sua existência anônima através da presença abstrata destas inscrições.

A pixação atrai sobre si algumas discussões e opiniões nem sempre positivas. Pelo contrário, na maioria das vezes, ela é tratada como um das grandes problemas da cidade. Para alguns, no entanto, esta prática desperta certa curiosidade, por causa de seus traços estilizados. E, assim, parece importante caracterizar seu

formato para que se possa compreendê-la. Antes de iniciar a pesquisa, eu mesmo não entendia praticamente nada daqueles rabiscos espalhados pela paisagem paulistana. Estranhas para mim, aquelas letras não representavam nada. Após o contato com os pixadores e algumas idas a campo passei a apreender um pouco mais seus significados. Os “rabiscos” tornaram-se um pouco mais coerentes, porém confesso que ainda não é possível decifrar algumas inscrições. Entretanto, para meu conforto, muitos deles também não conseguem saber, logo de início, o que significam certas pixações. Isto porque não se trata de um código sempre inteligível para os iniciados nesta prática, mas sim de palavras escritas de forma rebuscada que, às vezes, tornam-se incompreensíveis até mesmo para eles, já acostumados com os contornos angulosos conferidos às letras. No caso dos pixadores, os nomes mais difíceis de se entender passam a ser compreendidos em suas conversas nos seus pontos de encontro e, principalmente, através do ato, comum entre eles, de se trocar folhas de papel com as pixações assinadas. Com isso, fica claro que a intenção principal é transmitir algo para eles próprios. Por mais que indiretamente acabem se comunicando com a cidade, o que querem realmente é comunicar-se entre si. Quando um pixador deixa sua marca em determinado local, não pensa muito no que os outros cidadãos vão pensar, mas sim na visibilidade que terão ante seus colegas de *spray*.

1.1. Apresentando a pixação paulistana

A pixação em São Paulo caracteriza-se por possuir, geralmente, três elementos: a “grife”, que congrega diversos grupos de pixadores, representada, geralmente, através de um emblema; o “pixo” ou “marca”, nome dado ao grupo de pixadores; e, de forma abreviada, o nome, ou o apelido, dos indivíduos que integram aquele grupo e que estavam presentes no momento da ação. Portanto, nessa inscrição, vai-se do mais geral ao mais particular.

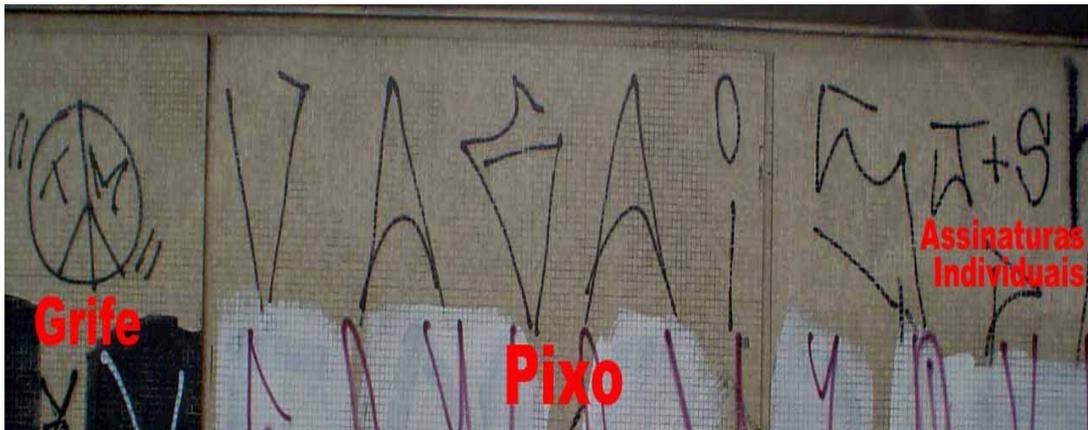


Foto 1: Observa-se nesta pixação, feita no muro do Jôquei-Clube de São Paulo, o pixo *Vagais*, nome maior ao centro, o emblema da grife *Turma da Mão* à esquerda e à direita a primeira letra do nome dos dois pixadores que participaram da ação: *J + S*.

A grife, como o próprio nome sugere, é uma espécie de etiqueta, um acessório que valoriza o pixo. Esta idéia de marca atribuída ao pixo e o próprio termo grife são interessantes para se refletir sobre o formato peculiar da pixação paulistana, pois, de uma certa maneira, ela se assemelha aos logotipos e às marcas comerciais, também espalhadas pela cidade em cartazes, fachadas e painéis. Algumas pixações podem não ter o símbolo da grife estampado, ou por uma questão de tempo, ou porque o pixo foi feito por jovens que não pertencem a nenhuma grife. Também quando o pixo é feito por uma só pessoa, não se escreve o nome individual. Outras vezes, para tornar a ação rápida, ou por falta de espaço, abrevia-se até o próprio pixo. Desse modo, *Baderneiros* pode virar *BDRS*; *Gênios do Crime*, *GDC*; *Os Bicho Vivo*, *OS BV*; *Kaloteiros*, *KLTS*². Além da grife, do pixo e da assinatura individual do pixador, a indicação da região de onde vêm seus autores ou mesmo o bairro podem também acompanhar as pixações. Assim, é comum ver, as inscrições *ZO*, *ZL*, *ZS* ou *ZN* (*Zona Oeste*, *Zona Leste*, *Zona Sul* ou *Zona norte*) sinalizando o local de origem daqueles pixadores. Outros elementos que às vezes aparecem são determinadas frases que relacionam a ação da pixação com o momento ou condição em que ela foi feita. Estas já não são escritas mais com as

² Este tipo de abreviação é também muito comum entre os usuários da *internet*, que, em salas de bate-papo virtual ou em programas específicos de envio de mensagem instantânea, precisam, assim como os pixadores, de uma certa rapidez para escrever as palavras e acompanhar a dinâmica destas formas de comunicação. Dessa maneira, na linguagem da *internet*, a palavra “você” torna-se “vc”, “também” vira “tmb”, entre muitas outras simplificações realizadas.

letras estilizadas do pixo e, portanto, possíveis de serem lidas por não-pixadores também. Geralmente, essas frases ressaltam a dificuldade encontrada para pixar naquele local ou algo que aconteceu durante o ato; algumas vezes, porém, elas manifestam alguma forma de protesto. É comum então ler ao lado dos pixos: “*com o pé quebrado*”, “*e a polícia passou*”, “*mó chuva*”, ou então: “*ajudando a destruir um país mal governado*” ou: “*foda-se o governo*”. Há ainda aquelas que desafiam outros pixadores. É famosa a história dos pixadores que deixaram sua marca no alto de um prédio e escreveram: “*acima de nós deus*”, mas tendo uma resposta à altura de um concorrente que conseguiu chegar ainda mais alto e escreveu: “*então eu sou seu deus*”.



Foto 2: Diversas *pixações* no muro do Jôquei-Clube em São Paulo.

Há nestas *pixações* um padrão estético peculiar, seguido e altamente valorizado pelos pixadores. Os contornos das letras têm que ser bem expressivos e o traço, firme, sem deixar a tinta escorrer. No pixo, cada letra escrita no muro é trabalhada de uma forma muito particular. O pixador tenta exprimir a exclusividade daquilo que ele está estampando através de um formato único dado ao nome que

ele pixa. Com isso, as letras tomam contornos bem angulosos, dificultando a compreensão do que é escrito. O nome de um grupo tem seu desenho trabalhado previamente para criar um estilo original. Os pixadores, na verdade, não escrevem nos muros, mas desenham palavras neles.

Pixar com a forma padrão das letras de nosso alfabeto, sem uma elaboração, é para os pixadores algo feio. Recentemente surgiu uma pixação na cidade que gerou muitos comentários por ser feita com letras comuns, retas, lidas claramente por qualquer um. Esta pixação traz a seguinte inscrição: “*Neguinho ZO*”. Alguns deles questionaram quem seria esse tal de *Neguinho ZO* que estava pixando em vários lugares da cidade. Porém, ninguém descobriu a sua real identidade. Alguns afirmam que se trata de uma brincadeira de certos grafiteiros, que estariam pixando daquela forma propositalmente para gerar polêmica. Outros querem encontrar o responsável por essa inscrição para tirar satisfações, pois ele está sobrepondo sua pixação a outras. Todos, no entanto, concordam em uma coisa: que a pixação do *Neguinho ZO* não é nada bonita: “*Quem é eu não sei, só sei que é muito feio o pixo do tal do Neguinho ZO*”, conclui um pixador.



Foto 3: *Pixação do misterioso Neguinho ZO no Vale do Anhangabaú no centro da cidade.*

1.2. Grafite e Pixação: relações imprecisas

A polêmica gerada pela aparição da pixação do “tal Neguinho ZO” demonstra como há para os pixadores um padrão estético específico nesta forma de expressão. Porém, se os pixadores admiram o formato que imprimem às letras com que escrevem os pseudônimos que espalham pela cidade, já não é novidade para ninguém que as suas pixações não são vistas com bons olhos pelo restante da população paulistana. Para esta, de uma maneira geral, o que se vê são apenas rabiscos, garranchos indecifráveis que enfeiam e poluem visualmente a cidade. A pixação é quase sempre apresentada como uma das principais inimigas do espaço público. Ao se referir aos locais degradados da cidade, inevitavelmente, ela é apontada como um dos fatores dessa degradação. A mídia está sempre a abordar o tema da pixação e pronta para condená-la:

Valendo-se da impunidade, os bandos de pichadores infestam a cidade com seus garranchos incompreensíveis. (...) Esta turma faz parte dos batalhões de pichadores que munidos de spray e rolos de tinta nas mãos e nenhuma idéia na cabeça, emporcalham a cidade com letras e sinais (REVISTA VEJA SÃO PAULO, 1997).

Nas abordagens feitas pela mídia ou pelo poder público, sempre se tenta diferenciar a pixação de uma outra forma de manifestação, o grafite. Na mesma matéria em que se encontra o trecho citado acima, há a seguinte ressalva:

Não se trata de grafite, aquele desenho urbano que é até autorizado em alguns pontos e se encontra em muros da Vila Madalena ou no túnel da Paulista. São garatujas incompreensíveis, que conspurcam monumentos, praças, muros de residências, altos de edifícios (Idem).

Embora utilizem o mesmo material, a tinta *spray*, e tenham o mesmo suporte, a cidade, pixação e grafite são tratados de maneiras diferentes em São Paulo. À primeira atribui-se o caráter de vandalismo e sujeira que depreda a paisagem; o segundo, porém, conseguiu obter o *status* de arte, de uma manifestação que

embeleza o espaço urbano. Alguns autores, como Roaleno Costa (1994) e Arthur Lara (1996), ambos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em suas pesquisas sobre o grafite paulistano criticam justamente esta postura que valoriza uma forma de expressão às custas da depreciação da outra.

Essa iniciativa contraditória confronta o graffiti artístico como uma manifestação “bonitinha e decorativa” à pichação que “sujava a cidade”. Essa posição confusa esquece que as duas formas são essencialmente transgressoras (COSTA, 1994:96).

Esta discussão, porém, não é nova e remete às origens das duas manifestações na cidade. A curadora e crítica de arte Lisette Lagnado, em matéria sobre a pichação feita pela *Folha de São Paulo* (30/06/2003), afirma que a discussão sobre o porquê de se aceitar o grafite e se negar o *status* de arte à pichação seria datada. Para ela, haveria tanto pichações interessantes quanto grafites horríveis. Vale ressaltar que o grafite, em seu surgimento em São Paulo, também sofreu uma forte repressão. Os grafiteiros eram tão perseguidos quanto os pixadores o são atualmente. De uma certa forma, o grafite enfrentou, em seu início, o mesmo problema que a pichação encontra hoje: a dificuldade de classificação. O grafite foi encarado como poluição, como algo perigoso, justamente por estar fora de lugar, o que converge com a definição de impureza de Mary Douglas (1991:50). No caso do grafite, a confusão se dava pelo fato de se considerar que as artes plásticas não deveriam estar nas ruas, mas em galerias e museus. Porém, com a entrada da pichação em cena, em meados da década de 1980, o foco da repressão volta-se totalmente para esta última. Neste momento, alguns grafiteiros levantaram-se contra esta nova forma de manifestação e a encararam como um adversário a competir pelos espaços da cidade. Porém, Maurício Villaça, importante nome do grafite em São Paulo, questionou, na época, esta atitude de depreciar e condenar as pichações.

Estamos com a mesma atitude policiaisca que tiveram conosco. A pichação também representa uma geração querendo se expressar e não dever ser combatida. Seria um extermínio artístico (Maurício Villaça, extraído do Álbum SóPixo, s/d).

A pixação acabou, dessa maneira, por motivar uma maior tolerância ao grafite, bem como a sua aceitação por grande parte da população. Isso se deve ao próprio formato dessas duas manifestações: enquanto o grafite tem no desenho e na pintura figurativa os principais meios de expressão, a pixação, conforme discutido anteriormente, é composta por letras estilizadas de difícil compreensão para a maioria da população. Desse modo, por contraposição, o grafite conseguiu ser enquadrado como arte e com isso sair da posição ambígua que ocupava; de uma certa maneira, conseguiu encontrar seu espaço. O rótulo de sujeira, antes também atribuído ao grafite, ficou reservado apenas para a pixação. Retomemos então Mary Douglas (1991) que, em *Pureza e Perigo*, demonstra como tudo que não se encaixa em um determinado sistema classificatório é tido por sujeira, por algo perigoso.

Em suma, o nosso comportamento face à poluição consiste em condenar qualquer objeto ou qualquer idéia suscetível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações (DOUGLAS, 1991:51).

Por este processo, passam as pichações, pois estas não são desenhos como o grafite e tampouco são palavras escritas que expressem um protesto político ou uma manifestação poética. Não se consegue entender o que estes jovens escrevem na paisagem urbana. Para muitos, portanto, a pixação, aparentemente, não traz mensagem alguma. Nessa perspectiva, o que seriam então estas pichações, se não sujeira, poluição visual, ato de vandalismo? Esta é uma reação bastante comum ao inclassificável. Em um sítio na internet foi possível extrair um depoimento de um cidadão indignado com a pixação que expressa justamente essa dificuldade da população em entendê-la e demonstra, também, por outro lado, esta maior tolerância ao grafite, mesmo que muitos não o achem tão bonito assim.

As pichações são sempre vistas como formas de "auto-afirmação". Aí eu pergunto: auto-afirmação de quê? Será que para se auto-afirmar, é necessário depredar o patrimônio alheio? É necessário condenar a cidade à feiúra e à nojeira, como se tem visto pela cidade afora? E não me refiro ao chamado "grafite", que é uma espécie de pichação mais elaborada, com desenhos e tudo - que são horrorosas, mas ainda assim, mais aceitáveis que as pichações propriamente ditas. Não, eu me refiro a

pichações mesmo, aqueles rabiscos feitos com spray e que, na grande maioria das vezes, não significa nada. Muitos reclamam de a pichação ser associada à depredação - mas o que é, então? Pichação é, SIM, depredação do patrimônio alheio ou público (<http://gazetadameianoite.zip.net/index.html>, 15/11/2004).

Por conta dessa aversão a pixação, os grafiteiros conseguiram adquirir até uma certa notoriedade junto à mídia e à população. Atualmente muitos deles são contratados para realizar seus trabalhos em portas e fachadas de comércios, escolas e equipamentos públicos como forma de combate e prevenção à pixação. Cabe ressaltar, entretanto, que estas duas manifestações têm muita coisa em comum: utilizam o mesmo elemento: o *spray*; têm o mesmo suporte: a cidade; e suas intenções iniciais eram as mesmas: subverter o espaço urbano, transgredir. Contudo, com a cooptação do grafite pelo poder público, pela mídia e por determinadas organizações não-governamentais, este acabou perdendo muito dessa sua intenção e representação original. Surgem, inclusive de iniciativas públicas, oficinas de grafite com o intuito de converter pixadores em grafiteiros. Porém, como a relação entre estas duas manifestações é ambígua, muitas vezes o resultado esperado por essas oficinas não é alcançado. Muitos pixadores acabam aprendendo grafite nestes lugares, mas, sem largar o antigo ofício, continuam a pixar. Há ainda aqueles que não pixavam e que, ao ingressar numa dessas oficinas de grafite, têm contato com a pixação e começam a praticá-la. Arthur Lara, que escreveu dissertação de mestrado sobre o grafite em São Paulo, em entrevista, chega a afirmar que a pixação, hoje, estaria mais próxima da arte do que o grafite: *“A verdadeira arte hoje parece vir mesmo dos pichadores, porque o grafiteiro ou ficou bonzinho ou virou mera cópia dos americanos”* (FOLHA DE SÃO PAULO, 30/06/2003).

Os representantes do poder público também costumam estabelecer esta distinção dicotômica entre grafiteiros e pixadores. Em entrevista concedida ao programa “Panorama Metrópole” da Rádio Eldorado, o prefeito de São Paulo, José Serra, deu a seguinte declaração sobre o que achava da pixação e do grafite e sobre as medidas de combate à pixação que seriam adotadas por seu governo:

Olha, nós temos que separar duas coisas, pichação de grafite. Grafite é o sujeito que tem vocação, ou acha que tem, para pintar. E aí ele pode até encontrar outras oportunidades, o poder público deve oferecer oportunidades para ele disciplinar esse trabalho, dar chance para eles estudarem, de aprenderem etc. Agora o pichador, que faz aqueles hieróglifos, que faz simplesmente sujeira, esse não é artista, esse é vândalo. E isso realmente tem que ser combatido. Nós estamos nos preparando para começar esse trabalho, não dá pra fazer em toda a cidade ao mesmo tempo, nós vamos começar por alguma região e por algumas ruas. Porque esse trabalho de pichação e sujeira o que faz, na verdade, é quebrar a auto-estima da cidade, corrói o amor próprio de São Paulo, estimula o desamor pela cidade, de ver a cidade suja, vandalizada, isso às vezes desanima as pessoas. Nós temos que juntar forças, e aí não é só a prefeitura, é o poder judiciário, o ministério público, os promotores, as entidades da sociedade, junto com a prefeitura e o governo do estado (Prefeito José Serra em entrevista à Rádio Eldorado, 17/02/2005).

Conforme esta fala, os grafiteiros deveriam ser encaminhados para Secretaria da Cultura ou da Educação. Já os pixadores, vândalos a serem combatidos, seriam um problema de Segurança Pública; por isso, no caso deles, seria necessário recorrer à Secretaria de Segurança Pública e ao Poder Judiciário. Percebe-se, também, como esta distinção entre grafite e pichação está posta como se fosse algo muito claro. Assim, o grafite, mesmo que realizado de maneira não autorizada, seria uma manifestação de arte a ser desenvolvida em projetos sociais, enquanto a pichação, um caso de polícia. José Guilherme Magnani, ao tratar de como a imprensa aborda os grupos de jovens e suas práticas, fez a seguinte observação a respeito do impasse de como se lidar com grupos como os dos pixadores:

Algumas dessas ocorrências, contudo, oscilam entre as fronteiras do tolerado e do francamente reprovado: é o caso das pichações, que introduzem uma tensão entre a natureza de seus protagonistas ("adolescentes em fase de auto-afirmação") e os danos que suas intervenções produzem no patrimônio público ou privado. Fica-se na dúvida entre acionar os policiais da Secretaria de Segurança, os psicólogos da Saúde ou os teóricos da Secretaria da Cultura (MAGNANI, 1992b).

Esta diferenciação entre grafite e pixação existente em São Paulo deve-se ao formato peculiar das pixações paulistanas e também ao modo particular com que estas se configuraram por aqui. Em outras cidades do mundo, os similares da pixação paulistana seriam os *tags*, utilizados como assinaturas dos grafites convencionais, mas que também são feitos de forma independente dos grafites; deixando-se apenas a assinatura, assim como acontece com a pixação paulistana. Entretanto, diferente desta, mais angulosa, os *tags* são mais arredondados, com um formato bem sinuoso. O *tag* é mais visto como um estilo dentro do grafite ligado ao *Hip Hop*. Ele lembra uma assinatura, uma rubrica. Já a pixação em São Paulo é feita com letras mais retas, como se fosse escrita em letra de forma, por isso também é chamada de *tag reto*³. Com isso, por conta de seu formato a pixação aqui não está ligada diretamente ao grafite do estilo *Hip Hop*, embora grande parte dos pixadores gostem de ouvir *rap*. Os *tags* começaram a aparecer há pouco tempo em São Paulo; porém estes não são feitos com spray, como o são em outras partes do mundo⁴, mas com giz de cera e/ou caneta do tipo pincel atômico, também chamada de canetão.



Foto 4: *Tags* em banca de jornal no centro da cidade.

³ Por conta desta característica, as pixações paulistanas não são feitas apenas com tinta spray, mas também com tinta comum, utilizando rolos.

⁴ Mesmo em outras cidades de outros estados do Brasil, como no Rio de Janeiro, não se observa a presença de uma pixação como a paulistana. Nestas o que impera são os *tags* (em outras cidades do estado de São Paulo, como Campinas, prevalece o mesmo estilo da capital). Em um fórum virtual de pixadores na internet houve inclusive uma discussão entre pixadores cariocas e paulistas. Os primeiros afirmavam que a pixação paulista seria muito feia, por ser reta, os segundos retrucaram afirmando a exclusividade e originalidade do formato de sua pixação.

A distinção entre pixação e grafite apresenta-se como algo muito específico do Brasil e, principalmente, de São Paulo. Em entrevista, um grafiteiro de Portugal, chamado Eith, afirma que em Lisboa não há diferenciação entre o que aqui se chama de pixação e grafite. O que é denominado por nós como pixação seria, então, apenas um estilo dentro do grafite.

O graffiti não são caras bonitas, nem cores. O graffiti é vandalizar. Por mais que as pessoas não queiram, os tags e as letras gordas e cromadas, isso é que é graffiti. À parte disso é tipo uma evolução só do graffiti e agora então há outras... outras coisas ainda que já não lhe chamam graffiti, chama-se street art, que é fazer um recorte numa folha, chegar e encostar à parede fica lá o molde... isso já nem é graffiti. Graffiti é mesmo só assinar nos sítios mais escandalosos possíveis e o maior número de vezes, mesmo. Só aí é que se é respeitado, mesmo.

(...) Quem faz bombing é um bomber que vandaliza tudo, destrói tudo. Isso é que é o verdadeiro graffiti, mesmo. Depois há o hall of fame, o corredor da fama que são as tais paredes a cores... só lá vai quem ... quem é mesmo... quem é King, pode-se assim dizer. A assinatura cada um tem de escolher uma, como qualquer artista (Eith, entrevista realizada por Cláudia Vaz Jorge em Lisboa, 03/03/2005)⁵.

Há ainda outros tipos de manifestações presentes na cidade de São Paulo. Uma delas é a mistura entre grafite e pixação, conhecida por muitos como “grapixo” ou *bomber*. Estes grapixos inspiram-se nos grafites americanos do estilo *Hip Hop* e são feitos com letras mais cheias e coloridas do que a pixação. Estes também são chamados de *bombers*, por serem rápidos de se fazer e, por isso, possibilitar disseminação do maior número deles pelo espaço urbano. Ou seja, bombardeia-se a cidade assim como fazem os pixadores. Nas palavras de Celso Gitahy o grapixo seria uma:

Fase intermediária entre pichação e graffiti, seriam, basicamente, pichações mais coloridas, não tão elaboradas como as estrangeiras, porém já não eram simples “pichos” (GITAHY, 1999:31).

⁵ Material inédito, gentilmente cedido pela pesquisadora.



Foto 5: *Bombers ou Grapixos* no centro da cidade.



Foto 6: Neste muro, em uma praça onde pixadores costumam encontrar-se no bairro de Cidade Ademar, nota-se a presença de diferentes estilos: grapixos, tags e as típicas pixações paulistanas.

Recentemente, surgiu uma outra forma de manifestação na cidade: os *stickers*. Conforme o próprio termo, em inglês, sugere, são adesivos em que os jovens deixam estampado seu *tag*, um desenho ou qualquer imagem que eles queiram espalhar pela cidade. Os *stickers* são geralmente colados em postes, orelhões, semáforos de pedestres, pontos de ônibus, lixeiras públicas ou placas de trânsito. Porém, apesar de uma presença mais recente na paisagem paulistana, o *sticker* já começou a ser enquadrado dentro da dicotomia pixação e grafite. Em uma curta matéria feita pela revista *Veja São Paulo*, já se assinala que o poder público classificou esta nova forma de intervenção como algo mais próximo de uma manifestação artística, portanto, mais ligado ao grafite.

Para a prefeitura, o sticker está mais próximo do grafite do que da pichação. “Prendemos estimular essa produção em lugares preestabelecidos”, afirma o secretário de Subprefeituras, Walter Feldman (REVISTA VEJA SÃO PAULO, 16/02/2005).



Fotos 7 e 8: *Stickers* em semáforo e placa de trânsito no centro da cidade.

As relações entre pixadores e grafiteiros são, também, bastante ambíguas e não muito bem definidas. Conforme já foi dito anteriormente, há grafiteiros-pixadores

e também pixadores-grafiteiros; ou seja, esta separação não é muito nítida. Porém, a incorporação do grafite e a marginalização da pixação tornou a interação entre estes dois grupos ainda mais complexa. Assim, tem-se a todo o momento aproximações e distanciamentos. Grafiteiros passaram a ser contratados para combater a pixação. Surge, assim, o denominado grafite comercial que teria como tarefa cobrir lugares pixados e ainda evitar que pixadores voltassem a atuar no local, pois se supõem que estes respeitariam a arte do grafite. Há nisto uma visão equivocada, que parte da idéia de que o grafite seria uma evolução natural da pixação e de que todo o pixador desejaria, um dia, tornar-se grafiteiro. Muitos pixadores, realmente, querem aprender o grafite, mas isso não implica em abandonar a pixação. Há inclusive aqueles que não querem se converter ao grafite. Um dos precursores da pixação na cidade de São Paulo, o Juneca, transformou-se em grafiteiro e hoje é visto com reservas por muitos pixadores. Estes o condenam não tanto pela conversão realizada, mas muito mais pelas críticas à pixação que ele passou a fazer.

Outro equívoco recorrente é o de achar que os pixadores não pixam sobre os grafites por respeitar e admirar a sua arte. O que acontece na realidade é que existe uma regra entre os pixadores, que vale também para os grafiteiros, de não “atropelar” - pixar por cima da - a intervenção do outro. Em outras palavras, não se deve sobrepor pixações, nem grafites. Para um pixador, atropelar a pixação de outro é desafiar e criar um conflito com aquele que foi atropelado. Esta lógica também funciona entre grafiteiros e pixadores, por isso os pixadores não atropelam os grafites. Porém, como os grafites vêm sendo utilizados como forma de combate às pixações, alguns pixadores passaram a atropelá-los, já que muitos grafiteiros também fazem seus trabalhos sobre as pixações - principalmente as antigas, muito valorizadas pelos pixadores. Muitos deles reclamam dos grafiteiros e de sua falta de respeito com a pixação.

Não gosto de grafiteiro, tá ligado. Tem vários pregos aí que atropelam umas agendas da velha [muros inteiramente pixados, com pixações antigas] com essas porcarias de grafite. Pra mim grafiteiro e político são tudo farinha do mesmo saco, só atrapalham a pixação (Dudu, Acusados).

Alguns afirmaram que atropelam os grafites conhecidos como comerciais, porque, para eles, não seriam grafites de verdade, pois foram pagos e feitos com autorização: “são como outdoors”, ressaltou um pixador.



Foto 9: Em Cidade Ademar, o motivo ou o sinal de conflitos na pixação: o “atropelo”.



Foto 10: Grafite de Juneca no centro da cidade “atropelado” por grapixo (bomber), na parte de baixo, à direita: a assinatura de Juneca riscada e à esquerda, apesar da parede descascada, pode-se ler: “O sistema foi mais forte que você”.

As representações que envolvem as relações entre grafite e pixação na cidade de São Paulo afirmaram-se por meio de pares de oposições dicotômicas. Assim, enquanto a pixação se enquadra na transgressão, no feio e no vandalismo, o grafite situa-se do lado da ordem, do belo e da política pública. Esta oposição rígida, no entanto, não reflete o cotidiano das relações entre essas duas formas de expressão, pois estas não estão separadas, mas em uma interação complexa e nuançada. Quando os pixadores são surpreendidos em atividade pela polícia sempre falam que estão fazendo um grafite. Assumem a identidade de grafiteiros para tentar escapar da repressão policial, pois sabem da maior aceitação dessa manifestação. Já os grafiteiros quando querem se passar por radicais e transgressores, assumem a identidade de pixadores.

1.3. Nomeando as pixações

Os nomes dados aos pixos e às grifes são bem peculiares e têm diversos motivos como inspiração. Porém, há algumas recorrências de temas que valem a pena discutir. Há um número considerável de pixos que se referem às idéias de sujeira, criminalidade, marginalidade, transgressão, drogas, loucura. É possível, então, agrupar alguns destes nomes conforme o tema a que fazem referência.

1º Grupo - Criminalidade, marginalidade e transgressão:

Acusados; A Máfia; Arsenal; Arteiros; Artigo 12 [artigo do código penal que se refere ao tráfico de drogas]; Baderneiros; Bandit's; Chacina; Delinqüentes; Facção; Febem; Fugitivos; Gangsters; Homicidas; Ilegais; Imorais; Justiceiros; Kaloteiros; Kanalhas; Larápios; Marginais; Metralhas; Parasitas; Patifes; Pilantras; Rifle; Sacanas; Sapecas; Skopetas; Suspeitos; Vadios; Vagais; Vândalos; Vítimas.

2º Grupo - Sujeira, excremento e poluição:

Abutris; Arrotos; Dejetos; Katarro; Lixomania; Os Cata Lixo; Os Dorme Sujo; Perebas; Sujos; Trapos; Vômitos.

3º Grupo – Loucura, drogas e seus efeitos:

Adrenalina; Aloprados; Alucinados; Brisados; Canabis; Chapados; Dopados; Duentes; Hemp's; Jamaica; Lunáticos; Pirados; Malucos; Marofas; Os Fuma Erva; Psicopatas; Psicose; Vício.

Percebe-se no primeiro conjunto de nomes dados aos grupos de pixadores não apenas a inspiração em temas ligados à criminalidade (artigos do código penal, nomes de armas, ou alusão direta ao crime em denominações como Homicidas), como também em temas que denotem supostas situações de marginalidade e transgressão em que eles se encontram. As alcunhas dos pixos adotam, muitas vezes, denominações depreciativas. Em alguns casos, incorpora-se adjetivos que a população, a imprensa e mesmo o poder público costumam atribuir a eles, como: vândalos, delinqüentes ou marginais. Esta forma como são tratados pela sociedade em geral acaba por reforçar a afirmação de uma postura marginal e transgressora por parte destes jovens. Do mesmo modo, no segundo conjunto de nomes, que aludem à idéia de sujeira, percebe-se também a assimilação do modo como a pixação é encarada pelos cidadãos paulistanos. Já os nomes de pixos que fazem referência a uma idéia de loucura abrangem também a temática das drogas. Estes se referem tanto ao risco enfrentado para pixar em determinados lugares na cidade, quanto ao efeito causado pelo uso de psicoativos. Muitos pixadores, inclusive, afirmam consumir determinadas substâncias antes de pixar para, conforme os mesmo, se ter mais coragem na hora de se arriscar nos altos dos edifícios.

O nome de um pixo é único, por isso não pode haver outra turma de pixadores com a mesma denominação na cidade. Quando se descobre que há um outro grupo homônimo na cidade, logo se vai tirar satisfações com este. Nestes casos, o critério adotado para definir qual deles deve manter a denominação utilizada é o tempo. O pixo criado há mais tempo tem mais legitimidade, portanto, tem o direito de continuar utilizando a alcunha. Porém, nem sempre esta definição se dá de maneira pacífica e pode haver disputa entre os grupos, com brigas toda vez que estes se encontrarem. Em outras circunstâncias, no entanto, os grupos homônimos acabam resolvendo a situação sem conflitos. Assim, aqueles que utilizam o nome há menos tempo reconhecem a legitimidade daqueles que estão

pixando há mais tempo e simplesmente trocam o nome de seu pixo. Há ainda casos em que os dois grupos acabam se unindo, passando a pixar juntos. Quando isto acontece, a única exigência posta é que o grupo mais novo adote o mesmo desenho das letras utilizadas por aqueles que pixam há mais tempo. Isto demonstra que o formato dado às letras tem tanta importância quanto o significado da palavra atribuído pelos pixadores para os nomearem. Dessa maneira, não só o nome utilizado para se pixar é único, como a forma conferida a este, pela estilização das letras, também é exclusiva do grupo que a criou.

As grifes também se baseiam nestes conjuntos temáticos – transgressão, sujeira e loucura - em suas denominações, mas com a incorporação de outros elementos, pois, como estas são associações de pixos, ocorre também a menção às idéias de aliança e de união. Suas denominações geralmente são precedidas pelo artigo “Os”, ou pela palavra União. Além disso, é interessante notar também que as grifes, muitas vezes, ou ressaltam uma certa humildade ou exaltam determinadas características sem muita humildade.

Estes são alguns nomes de grifes:

Arte Proibida; Humildade Faz a Diferença; Nada Somos; Operação Maloca; Os Fora da Lei; Os Infernais; Os Mais Antigos; Os Mais Fortes; Os Mais Imundos; Os Mais que Todos; Os Mais Loucos; Os Mais Sujos; Os Melhores; Os Menos Prezados; Os Piores; Os Podrão; Os Porra Nenhuma; Os Registrados; Projeto Marginal; Somos Bafos; Superiores; Turma da Janela; Turma da Mão; União Destrói Muro; União Faz a Força; União Pega Nós em Cima e em Baixo; União Rebeldia; União Tira Paz; União Viela; Viva Cola.

1.4. Notoriedade e efemeridade

Uma das principais características da pixação é a efemeridade. Poucos são os pixos que conseguem ter uma vida longa na cidade, até porque eles não têm a aprovação da população. Por isso, a marca deixada em um muro hoje pode estar sendo apagada pelos proprietários do local amanhã. Em entrevista com pixadores

da cidade de Diadema⁶, um deles manifestou sua indignação ante a rapidez com que algumas pixações desaparecem:

O que é muita treta também é você fazer um pixo do começo, tem muito tempo que você lançou e quando você chega para ver, apagaram. Outra treta é a gente pegar e fazer o nosso barato, e pintarem logo atrás. Por exemplo, eu fiz um rolê na zona leste com o GDC, na hora que a gente desceu do busão, já pegou e fez o pixo, plena tarde, aí a gente saiu fora, e na volta do show, o maluco já tava pintando. Isso deixa a gente injuriado. Isso desanima mesmo, é sem chance (Lalo, Sombras).

Os pixadores enfrentam então o seguinte dilema: como preservar a memória daquela imagem gráfica, que os representa, frente à efemeridade do suporte que ela utiliza? Uma das formas encontradas para se guardar uma recordação de suas marcas são as folhinhas - modelo reduzido, em folhas de papel, das pixações realizadas no espaço urbano. Nelas, eles assinam o nome que pixam pela cidade e trocam entre si nos seus encontros. Estas folhinhas são guardadas em pastas como um conjunto de fotografias. Alguns pixadores têm grandes acervos em suas casas.

Eu gosto de colecionar umas folhas, tipo dos manos que eu fiz rolê, dos manos que eu conheci; é também a história do pixo, né mano. Para daqui uns anos eu mostrar pro meu filho pra ele ver qual que é (Dudu, Acusados).

Acho que a troca das folhas é o jeito de se guardar como lembrança o pessoal antigo, o pessoal que tá parado. Porque as pixações do pessoal que parou some dos muros, aí você vê nas folhas a pixação do pessoal. Pois a pixação não fica pra sempre (GARRA).

No acervo de folhinhas de um pixador, as assinadas pelos pixadores mais antigos e com mais tempo na pixação são as mais valorizadas.

A importância da folhinha é que a gente fica conhecido entre nós e a gente monta a nossa pasta, a nossa pasta é muito importante para gente. Porque fica como uma

⁶ Região Metropolitana de São Paulo.

recordação e depende de quanto mais tempo tem um pixador essa folhinha é mais valorizada (Lalo, Sombras).

É você pegar uma folhinha dum cara que você não tem, aquela folhinha é rara, você não tem aquela folhinha, tipo o cara já é velho, já morreu e pá. Isso vale mais. Se você tiver uma pasta grande você já pode até vender (Ferrugem, Kanastras).



Foto 11: Pixador assina folhinha no *Point* da Vergueiro.

A coleção de folhinhas serve, dessa forma, como um meio de se tentar conservar a memória da pixação. Visto que não apenas o seu suporte é efêmero, como o tempo de pixar para estes jovens também é passageiro, muitos deles param por volta dos vinte e cinco anos ou até antes. Assim, as folhinhas retêm, em um outro suporte, a marca destes pixadores que resolveram deixar a atividade ou diminuíram a intensidade com que saíam para pixar, e também daqueles que já morreram.

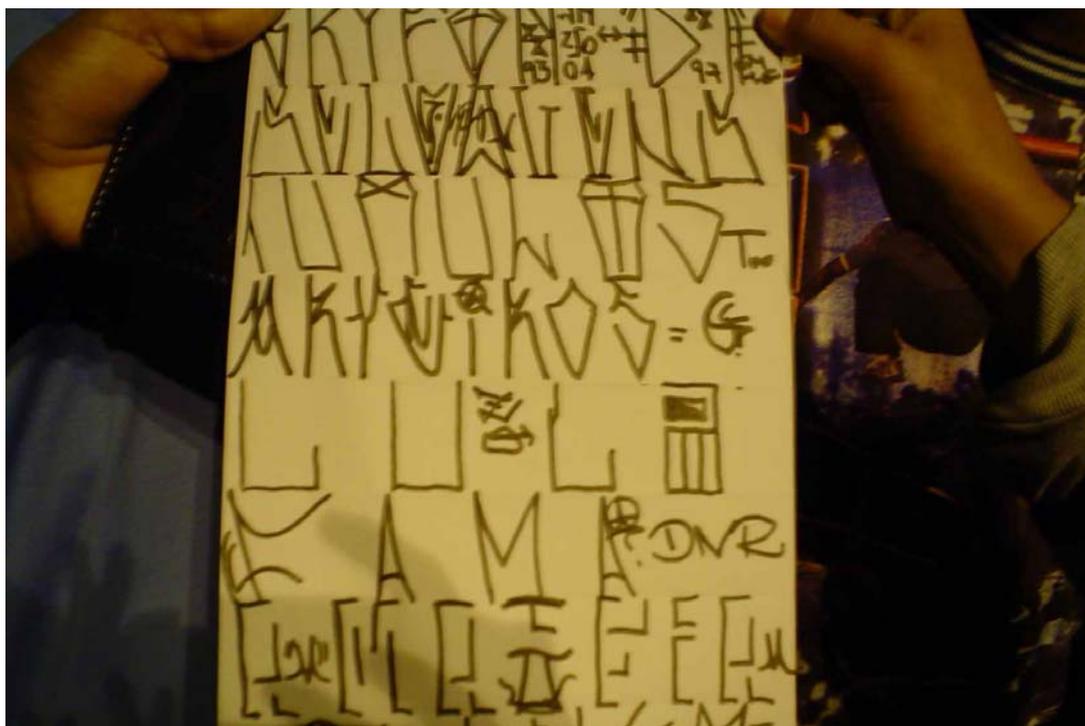


Foto 12: Pixadores exibem folhinha no *Point* da Vergueiro.

Além das folhinhas, os pixadores também colecionam em suas pastas todas as matérias que saem sobre pixação em jornais e revistas. As reportagens condenando esta atividade tornam-se peças importantíssimas de seus acervos, ainda mais se houver alguma foto de seu pixo ou de algum que seja conhecido. Ao sair alguma publicação sobre o assunto, os pixadores logo a exibem para os amigos para mostrar o registro de sua marca na imprensa. Eles praticamente não lêem o que está escrito na matéria, apenas observam as imagens tentando ver quais pixações foram retratadas e se as deles ou de seus parceiros foram publicadas.

A televisão também é um meio de comunicação muito visado por estes jovens como forma de ter seu pixo divulgado. Reportagens que não tenham a pixação como tema, mas que, ao mostrar a cidade, captem alguma pixação, já os deixam orgulhosos. É comum ouvir em suas conversas comentários do tipo: “*Você viu? Meu pixo apareceu na Globo*”. Por tudo isso, os pixadores estão sempre buscando uma forma de chamar a atenção da mídia para suas pixações. Quando eles sabem antecipadamente que a imprensa estará em determinado lugar, cobrindo algum evento ou registrando um fato qualquer, tratam logo de se adiantar e pixar este local. Dessa maneira, criam diversas estratégias para atrair a atenção das câmeras e

transformar seus pixos em acontecimentos. O pixador VGN contou que, ao saber onde seria o julgamento do “maníaco do parque”⁷, pixou todo o entorno no dia anterior e teve seu pixo divulgado por todas as televisões. Contudo, esta não foi a única vez que pixadores se aproveitaram da atenção dada aos grandes crimes para tentar divulgar suas pixações. Um exemplo é o caso de uma jovem que planejou e executou, junto com o namorado e o irmão deste, o assassinato dos pais em um bairro de classe média de São Paulo. Este crime alcançou grande repercussão na mídia⁸ e atraiu também a atenção de alguns pixadores, que, aproveitando-se dos holofotes, pixaram a casa da família onde tal fato ocorreu. Esta ação foi devidamente noticiada pelas televisões e jornais. Há inúmeros outros casos de pixadores tentando atrair a atenção da mídia. Em um deles, um jovem conhecido por Di protagonizou um fato curioso: após pixar o Conjunto Nacional, importante prédio situado na Avenida Paulista, ele ligou para o jornal identificando-se como um morador. Di afirmou ter visto como a ação tinha acontecido. Segue a reportagem sobre o assunto, que foi publicada sem que se soubesse que o morador a denunciar o fato era, na verdade, o autor das pixações.

O Conjunto Nacional, que fica na avenida Paulista, 2.073, foi alvo de pichações no setor residencial, que tem entrada pela rua Augusta, em Cerqueira César. Segundo um morador, que pediu para ser identificado apenas como Di, os pichadores podem ter entrado no prédio pulando de cima de um orelhão para o beiral da fachada. Dali, teriam quebrado uma janela, no 1º andar. Ele contou que, além de quebrar o vidro e amassar essa janela, os invasores arrombaram portas. A administração do prédio, que não registrou a ocorrência na Polícia, negou as informações, confirmando apenas que houve pichação.

Di afirmou que ficou apavorado com a situação. Segundo ele, o esquema de segurança do prédio não poderia permitir esse tipo de ação, visto que há homens fazendo ronda por dentro e por fora. “À noite essa segurança é reforçada”, destacou.

⁷ Caso que despertou grande atenção da mídia. Trata-se de assassino em série que estuprou e matou mulheres no Parque do Estado, no ano de 1998. Ficou nacionalmente conhecido como o “maníaco do parque”.

⁸ Famoso caso da família Von Ritchthofen, ocorrido no ano de 2002.

Ele tentou apurar maiores detalhes do que aconteceu, mas o porteiro e o segurança disseram que não viram nada (Recorte de jornal extraído do Álbum SóPixo, s/d)⁹.

Percebe-se que Di, além de contar como realizou a façanha, tentou ressaltar as dificuldades encontradas para pixar o Conjunto Nacional, justamente para mostrar o quanto a ação foi ousada. Os jornalistas não perceberam a brincadeira e acabaram publicando seu depoimento como se ele fosse realmente um morador. Di é considerado um dos maiores pixadores de São Paulo de todos os tempos, devido a sua ousadia. Ele teria realizado grandes feitos, deixando sua marca em lugares difíceis e arriscados. Os outros pixadores se referem a Di como um mártir, um herói da pixação, que foi assassinado por motivos não muito bem esclarecidos. Sempre que se procura homenagear algum pixador já falecido, ele é lembrado.

No ano de 1991, outros dois jovens realizaram aquele que foi considerado um dos atos mais ousados da pixação paulistana. Eles viajaram 400 quilômetros até a cidade do Rio de Janeiro e deixaram suas marcas na famosa estátua do Cristo Redentor. Para indicar que vinham de São Paulo, ainda escreveram: “Z. Oeste de São Paulo – Apavoramos”. A fim de garantir a almejada notoriedade, os pixadores ligaram para a Rede Globo e anunciaram a proeza. Os dois acabaram sendo presos, pois foram identificados por terem deixado cair um dos bilhetes da passagem de ônibus (muitos afirmam que propositalmente). O fato, entretanto, alcançou a repercussão desejada por eles, tornando-os conhecidos em todo o Brasil. Em São Paulo, foram idolatrados pelos outros pixadores. O episódio ocorrido há quase quinze anos é até hoje lembrado.

Antes, porém, de discutir o que faz estes jovens procurarem a mídia em busca da divulgação de suas pixações, deve-se destacar o que os motiva a saírem pela cidade a pixar. Ao perguntar a um pixador porque ele pixa, muito provavelmente se terá uma dessas três respostas, ou todas de uma vez: por lazer, por protesto ou por fama. Estas três dimensões aparecem em maior ou menor grau como justificativa para o ato de pixar. A pixação como uma forma de ocupar o tempo livre parece ser um consenso para todos os pixadores. Muitos deles afirmam que não têm o que fazer à noite e apontam o ficar em casa como sinônimo de tédio. A pixação

⁹ No álbum não há informação sobre onde esta reportagem teria sido publicada, mas apenas o recorte com a notícia do jornal.

surge, então, como uma opção de ocupar o tempo, de se divertir e sair da monotonia da casa. Alguns inclusive ressaltam um lado político nesta forma de lazer. Dizem que, enquanto alguns jovens com condições sociais mais favoráveis têm dinheiro para se divertir, ir a parques de diversões ou praticar esportes radicais, eles, jovens da periferia, encontram na pixação uma forma de entretenimento. Aqui, então, já aparece um pouco do lado de protesto que muitos afirmam existir na pixação. Esta idéia de contestação apontada pelos pixadores parece alimentar-se muito do contato que grande parte deles tem com o *Hip Hop*, pois todos os que de alguma forma participavam mais ativamente deste movimento deram maior ênfase a este caráter de protesto da pixação. Para alguns como Naldo, do pixo *Os Bicho Vivo*, entretanto, a pixação não se configura como uma forma de protesto: *“Não tem nada a ver com revolta, com protesto. Isso é desculpa, o cara quer falar que tá certo”*. Em alguns momentos, realmente, essa idéia parece ser a forma que alguns deles encontraram para legitimar a sua ação na cidade. Embora muitos tenham até um discurso articulado sobre o modo como estão questionando a sociedade em que vivem através da pixação, grande parte deles não consegue dizer contra o que estão se posicionando, como na declaração abaixo:

No meu modo de ver a pixação é protesto porque é contra o sistema. O sistema impõe muita coisa que não estamos de acordo. O sistema impõe muitas regras e muitas vezes não quer saber a opinião das pessoas (Lalo, Sombras).

Este mesmo pixador, entretanto, não soube responder o que seria este “sistema” contra o qual protesta e quais seriam estas regras impostas.

Assim, o elemento principal que motiva estes jovens a pixar é o que eles chamam de “ibope”. O ibope expressa o quanto eles são conhecidos pelos outros pixadores; ou seja, trata-se de um indicador do prestígio que eles têm entre os seus pares. Isso os leva, então, a tentarem aparecer na mídia, já que a busca do reconhecimento dos colegas parece ser a grande meta de todos; porém, é preciso realizar algumas tarefas para alcançar esta notoriedade. Uma delas é pixar o maior número possível de locais na cidade. Quanto mais pixos se fizer, mais pixadores irão conhecer a sua marca e mais o “ibope” elevar-se-á. Há, no entanto, certos lugares em que *“dá mais ibope”* pixar. São eles as grandes e movimentadas avenidas, pois

por estas passarão colegas de ônibus e avistarão as pixações; o centro da cidade, por onde passam pixadores de todas as regiões de São Paulo e, além disso, pixar em lugares altos e arriscados também confere a eles bastante prestígio. Quanto mais um pixador se arrisca, mais ele ganha reconhecimento dos outros. Surge, assim, uma competição para ver quem pixa mais alto em determinados prédios da cidade. Quando um deles consegue pixar mais alto que o outro em algum edifício, este se sente desafiado e tentará pixar mais acima ainda. Esta competição para ver quem deixa sua marca na parte mais elevada de um prédio é chamada por eles de “quebrar o pixo”. Embora, não seja uma ofensa direta como o atropelo, quebrar o pixo de alguém pode gerar certas desavenças, mas também maior popularidade.

A pixação em São Paulo teve diversas fases desde que ela por aqui surgiu. Celso Gitahy (1999), grafiteiro e estudioso do tema, identifica quatro destas fases. A primeira corresponderia ao início, em meados da década de 1980, em que pixadores deixariam seus próprios nomes pela cidade. Na segunda fase, surgiria uma maior competição pelo espaço e, ao invés do nome próprio, passa-se a usar o pseudônimo de grupos que desejam se tornar mais conhecidos que os outros. Na terceira, Gitahy aponta o momento em que pixadores começam a driblar porteiros e zeladores de prédios para pixar nos lugares mais altos, esta é a fase em que quanto maior o risco melhor. Com a imprensa voltando suas lentes para os pixadores, surge o que este autor denominou de quarta fase:

Nessa fase a pichação atingia seu auge, quando o maior acontecimento na mídia, aquele que gerasse a maior polêmica, era o que todos os pichadores queriam. Aparecer, acontecer, desafiar as autoridades ou realizar obras inusitadas passou a ser a ordem do dia (GITAHY, 1999:29)

Segundo Gitahy, o que se observa atualmente é quase que uma mistura destas quatro fases apontadas por ele. Contudo, os pixadores também apontam o que consideram as diferentes gerações da pixação. Eles, entretanto, adotam como critério os locais em que deixam suas marcas e a evolução do desafio enfrentado para realizar as pixações. Conforme relataram alguns pixadores, tem-se primeiro a fase dos pixos feitos nos muros, no chão. Depois vem a fase dos picos e prédios, em que se busca pixar os locais mais altos. A terceira e última fase, indicadas por eles,

é a das janelinhas, em que a idéia é escalar as janelas e deixar sua marca sobre elas, ocorre, assim, uma competição para ver quem consegue galgar ao ponto mais elevado. No caso destas fases indicadas pelos pixadores, também se observa hoje em dia uma mistura de todos as etapas.

Porém, percebe-se como a própria mídia ajudou a influenciar esta atitude dos pixadores de buscarem ações que causassem certo impacto, pois sempre que ela realiza alguma reportagem para denunciar a pixação em São Paulo, acaba por estimulá-los ainda mais a pixar, já que um dos objetivos deles é aparecer na mídia, mesmo que de forma negativa. Desde as primeiras aparições das pixações na cidade, a maior perseguição aos seus autores estimulava-os a pixar com maior intensidade para torná-los ainda mais conhecidos. Arthur Lara (1996) aponta essa questão ao tratar da repressão ao pixador Juneca durante a gestão do prefeito Jânio Quadros.

Na maior parte das vezes, no caso de São Paulo, a repressão teve até mesmo um efeito contrário ao desejado pelas autoridades. O melhor exemplo é o da perseguição a Juneca feita pelo então prefeito Jânio Quadros. Suas ameaças e atitudes repressivas apenas ajudaram a difundir a imagem ousada dos pichadores que queria combater. Jânio nem sequer chegou a prender Juneca, como preconizava, e isto ajudou ainda mais a reverter sua ação em favor dos pichadores, que deram muito trabalho na sua gestão (LARA, 1996:50).

Atualmente a prefeitura de São Paulo, na gestão do prefeito José Serra, vem empreendendo uma nova ação que busca reprimir os pixadores. Ela teve início no dia 17 de Maio de 2005 e foi denominada “Plano Anti-Pichação”. O objetivo é prendê-los e cobrar penas mais rigorosas do poder judiciário. Para isso, decidiu-se usar uma rua como isca, a Cardeal Arcoverde no bairro de Pinheiros¹⁰. A idéia é pintar um trecho da rua e esperar a noite para prender os pixadores em ação. A proposta principal desta ação é fazer com que os policiais, ao invés de aplicarem um castigo físico aos jovens (como costumam fazer), levem os pixadores presos, fazendo assim com que seus pais sejam notificados e responsabilizados. Esta ação inspira-se em um programa semelhante realizada pela prefeitura de São José dos

¹⁰ Bairro de classe média da cidade de São Paulo.

Campos, interior de São Paulo. Pouco se falou em alternativas para que estes jovens encontrem outras formas de manifestação criativas que pudessem substituir a pixação. Ao que parece, no entanto, a intenção principal desta nova ação da prefeitura é simplesmente afastar os pixadores dos bairros mais nobres e centrais da cidade.

CAPÍTULO 2

APROPRIAÇÕES DO ESPAÇO URBANO

*“Na sexta feira pego o busão, tô indo pro point ver os meu irmão, trocar idéia e marcar balada, assinar a agenda da rapaziada. Nesta semana tem festa de pixação, rola acerto de conta e muita diversão”.
(Letra do rap: “Pixar é o Crime”, do grupo Tenebroso Cão Fila)*

2.1. Os pixadores na cidade

Os pixadores têm uma forma muito particular de vivenciar a cidade. Apesar de serem acusados de sujá-la e torná-la mais feia, eles a conhecem como poucos, circulando pelos mais diferentes lugares e percorrendo todas as regiões, da periferia ao centro. Portanto, discutir como os pixadores pensam o espaço urbano e como efetivamente se apropriam dele, torna-se uma tarefa imprescindível, já que a pixação em São Paulo não tem a função de demarcação de um território específico onde membros de algum outro grupo não podem entrar. A relação com o espaço estabelecida pelos pixadores não é construída como em determinados grupos de jovens que têm a defesa contra os de fora como elemento fundamental. Embora o bairro de moradia constitua uma forte referência para eles, este não é o elemento primordial que os define, uma vez que têm toda a cidade como espaço de ação a partir da construção de alianças com outras turmas de pixadores de outras localidades.

No modelo clássico das gangues estudadas por autores da Escola de Chicago, principalmente na década de 1930, tem-se uma forte demarcação dos espaços como fator constitutivo dos grupos, pois estes se dividiam em territórios dominados por jovens de diferentes etnias que tinham nos conflitos violentos e em regras rígidas de pertencimento com sistemas de obrigações mútuas suas

características marcantes. Frederic Thrasher (1964) aponta para uma localização bem definida dessas gangues em Chicago. Elas se situavam na denominada zona de transição que circundava o distrito central, também chamado de cinturão de pobreza. Nos Estados Unidos havia um forte componente de vizinhança em sua formação, que tinha como base os jovens moradores de determinados distritos e ruas, com os quais mantinham uma intensa relação de apego e de defesa deste território.

Thrasher (1927) define a gangue como sendo um grupo intersticial, formado espontaneamente e integrado através do conflito. Ela é caracterizada também pelos seguintes tipos de comportamento: encontro face-a-face, movimentação em grupo pelo espaço urbano, conflito e planejamento. O resultado desse comportamento coletivo é o desenvolvimento de tradição, estrutura interna, consciência de grupo, solidariedade e apego a um território local. Em outro estudo sobre gangues, realizado em uma região de Boston habitada por famílias de imigrantes pobres italianos, denominado *Street Corner Society*, William Foote Whyte (1943) demonstra como estes grupos se estabeleciam, cresciam e continuavam em determinadas esquinas até que seus membros atingissem determinada idade. Este autor expõe que mesmo quando alguns rapazes mudavam de distrito, ainda mantinham ligações com sua esquina original. Thrasher (1964) demonstra como cada gangue tinha seu território local que era defendido contra “os de fora”.

Outra questão discutida por Thrasher (1964) sobre as gangues refere-se à composição étnica das mesmas. Afirmando a tradição dos estudos da Escola de Chicago, este autor aponta as gangues como produto de comunidades desorganizadas, formadas principalmente por imigrantes que se instalaram em Chicago. Por esse motivo, as gangues desta cidade eram fundamentalmente um fenômeno dos filhos de imigrantes estrangeiros. Este autor ainda afirma que, em vizinhanças homogêneas, estas gangues eram compostas de garotos de uma mesma nacionalidade que travavam guerras com aquelas de outras nacionalidades, principalmente se essas eram tradicionalmente hostis na Europa. Entretanto, em vizinhanças heterogêneas, os componentes da nacionalidade e da raça não eram centrais na formação das gangues, como o próprio Thrasher (1964) destaca. Havia, portanto, gangues com membros de diversas nacionalidades e mesmo aquelas que

misturavam negros e brancos. Segundo Ulf Hannerz (1980), a etnicidade não era a única e, talvez, nem mesmo a maior base de formação e de conflito entre as gangues. Elas eram recrutadas, fundamentalmente, sobre uma base de vizinhança e com a existência de diversos distritos étnicos na chamada zona intersticial - que Thrasher considerou a zona da cidade que mais propiciava a formação de tais agrupamentos - as gangues étnicas acabavam sendo uma consequência natural.

Embora mesmo os conflitos violentos que ocorrem entre os pixadores não sejam tão recorrentes e eles não tenham a defesa territorial como causa, há algumas similaridades entre este modelo das gangues estudado pela Escola de Chicago e os grupos de pixadores de São Paulo, como a existência de um sistema de obrigações mútuas e de rivalidades. Porém, há que se ressaltar as diferenças mais relevantes entre estes dois tipos de agrupamentos juvenis. Uma delas refere-se às regras de pertencimento que não são tão rígidas nos grupos de pixadores como nas gangues juvenis estudadas nos Estados Unidos. Os pixadores constantemente trocam de grupo ou mesmo passam a pixar sozinhos. Não há grandes problemas nesta troca, o que demonstra uma maior flexibilidade nestas relações. A diferença fundamental entre estas duas formas de agrupamento juvenil, porém, parece residir mesmo no modo como se relacionam com o espaço da cidade.

Ruth Cardoso e Helena Sampaio (1995), ao discutir o tema da juventude, afirmam que tanto as gangues de Chicago da década de 1930, quanto os grupos juvenis contemporâneos têm um forte referencial espacial. Porém, enquanto há nas primeiras uma delimitação de território, nos grupos juvenis contemporâneos esta territorialidade é mais simbólica, sendo por isso mais fluida e cambiante. Este é o caso dos pixadores de São Paulo, em que não se observa a mesma rigidez na forma de se lidar com o espaço. Para eles, pixar longe do bairro onde se mora é mais interessante do que pixar ao lado de casa. Seguindo essa lógica pode-se afirmar que as brigas entre os grupos de pixadores decorrem do desrespeito ao nome impresso no muro através das sobreposições de pizações, os chamados *atropelos*, e não do fato de se ultrapassar os limites de uma área, invadindo território de outrem. O contrário pode ser observado nas gangues da cidade de Fortaleza estudadas por Glória Diógenes (1998), as quais, entre outras atividades, também têm a pização

como prática. Neste estudo, a autora apresenta a figura do “cruzeta”: indivíduo que invade o território alheio.

O cruzeta, tipo significativo na definição dos limites entre áreas, é reconhecido, consensualmente entre as gangues, como o indivíduo que desrespeita os pactos e as fronteiras, “ele quebra os contratos feitos e avança os limites das áreas” [participante da Gangue das Goiabeiras] (DIÓGENES, 1998:151).

Diógenes (1998) afirma também que ser acusado de “cruzeta” e sofrer as sanções que tal acusação pode render é o risco que os membros das gangues de Fortaleza correm ao cruzarem os limites de seus bairros para os territórios dos rivais. Outro estudo, realizado em Brasília, também ressalta a delimitação de um espaço onde determinados grupos atuam, conforme apontam os autores e os próprios jovens entrevistados.

A defesa do seu território, da sua área, da sua quadra é um dos maiores motivos do conflito entre elas: “É briga entre quadras. Eles vêm aqui mete bala, nós vai lá e mete bala”; “Cada uma quer ser a melhor, a mais forte e a mais falada entre as quadras”. Assim, existem regras claras que limitam o acesso de membros de gangues a determinadas quadras (ABRAMOVAY et al., 1999:124).

Nos dois casos, o de Brasília e o de Fortaleza, a pixação é apenas uma das atividades realizadas pelas gangues, não sendo a principal e nem a prática definidora do grupo como o é no caso de São Paulo. Os grupos de pixadores paulistanos, apesar de terem em sua formação um componente territorial baseado nas relações de vizinhança, pois têm os bairros onde residem como primeiro local de constituição, ultrapassam as fronteiras do lugar de moradia e expandem suas relações por toda a metrópole. Estes jovens criam, através da filiação às grifes e de seus deslocamentos pelo espaço urbano, todo um circuito da pixação que tem a cidade como referência e não apenas determinados bairros ou ruas que são defendidos contra a invasão de outros grupos.

2.2. Os points dos pixadores

Eles têm como palco principal de atuação a rua, local onde pixam, encontram os amigos e resolvem os conflitos com outros pixadores que infringiram as regras de convivência da pixação. Não por acaso, afirmam pertencerem a uma “cultura de rua”. A rua, como espaço do público, está em contraposição a outro espaço, este do âmbito do privado, a casa, conforme a célebre dicotomia formulada por Roberto Da Matta (1997). Segundo este autor, a rua implica movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende harmonia e calma. Os grupos sociais que ocupam estes dois espaços seriam opostos. A rua é tida como o espaço da decepção, do engano, da malandragem. Da Matta (1997:93) afirma também que “a rua é o local do castigo, da ‘luta’ e do trabalho”. Enfim, conforme esta concepção, a rua seria o espaço por excelência das forças impessoais. No entanto, ela também pode ser local de lazer, de encontro e de estabelecimento de relações mais duradouras, a partir de sua apropriação por grupos juvenis. Pois, segundo José Guilherme Magnani (1993), a rua também pode apresentar como característica a possibilidade do encontro dos diferentes:

É a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas (MAGNANI,1993:1).

No caso dos pixadores, estas duas caracterizações do espaço da rua não se chocam, pois são justamente estas duas possibilidades de se vivenciar a rua apontadas por Da Matta e Magnani que a tornam mais atrativa. Visto que se a rua num primeiro momento pode ser o espaço da impessoalidade, esta também pode ser transformada a partir da apropriação de determinados grupos sociais e tornar-se o espaço de sociabilidade e de encontro de iguais. No caso dos pixadores, o que eles procuram quando saem para pixar é tanto o movimento, a novidade e a ação ou mesmo o perigo quanto a busca por estabelecer laços de amizade com outros jovens de outros bairros da periferia da cidade que não os seus. A rua estaria, para eles também, em oposição a casa, mas esta não apenas como local de calma e

harmonia, mas principalmente como local de tédio. Sair de casa em direção à rua significa, muitas vezes, para estes jovens a busca por aventura e lazer. José Machado Pais (2003), ao discutir as formas de lazer e sociabilidade dos jovens portugueses, percebe uma forma semelhante de conceber o espaço da rua por parte de alguns grupos.

Com efeito, designadamente entre jovens das camadas médias e inferiores, a rua fornece formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil. (...) A rua é encarada como um espaço mais “livre”, tanto em termos comerciais como em termos de controle social (PAIS, 2003:117).

Assim, a rua pode perder um pouco do seu caráter impessoal e adquirir, a partir da apropriação por parte destes jovens, as características apontadas por Magnani (1993), tornando-se um local de lazer, encontro e troca. E se a rua, principalmente à noite, pode ser encarada como o local do perigo e da malandragem, para os pixadores aprender a lidar com os riscos que possam vir a enfrentar neste espaço torna-se um elemento importante e bem valorizado.

A pixação representa muita coisa na minha vida. Com a pixação você começa a viver mais a rua, a se envolver com moleques de outras quebradas. Fica bem mais esperto, pega a malandragem da rua, aprende a trocar idéia na madrugada, a dar perdido na polícia (Chico, Baderneiros).

É justamente esta rua, que, segundo Marília Sposito (1994), possui dimensões socializadoras para os jovens, onde os pixadores constroem uma forma particular de ocupação do espaço urbano, os seus *points*. Há vários deles em São Paulo. Dentre eles, o mais importante e o que atrai o maior número de pessoas situa-se na rua Vergueiro, bairro do Paraíso; mais especificamente, na calçada em frente ao Centro Cultural São Paulo. Ele é conhecido como *Point da Vergueiro*. Para lá se dirigem pixadores de diversos bairros e mesmo de outras cidades da Grande São Paulo. Os outros *points* ficam em bairros mais afastados do centro e têm uma abrangência menor, são mais regionais, congregam apenas pixadores de determinadas regiões ou de determinados bairros. Quando um grupo de pixadores

resolve criar um *point regional*, distribui convites para a sua inauguração no *Point da Vergueiro*. Os *points regionais* são também bastante efêmeros. Às vezes eles nem chegam a existir, apesar de serem anunciados pelos pixadores, como quando fui para a inauguração de um na cidade de Diadema, a partir de um convite recebido na rua Vergueiro. Ao chegar no local, na data e no horário marcado, não havia ninguém. Após algum tempo de espera, apareceram apenas dois pixadores, também motivados pela notícia da inauguração, estes se decepcionaram e apenas disseram: “o *point* não rolou”.

Para se criar um *point*, mais especificamente um *point regional*, deve-se, segundo o pixador Irany, realizar alguns procedimentos. O primeiro passo é arrumar um local disponível para os encontros. Conforme o pixador Irany, a escolha de um lugar para abrigar um *point* deve levar em conta os seguintes elementos: possuir diversas rotas de fuga - ruas e caminhos para onde se correr em caso da chegada da polícia -, ter um espaço amplo para que se possa andar de *skate* e ser em um local escondido e com pouco movimento para que “os *pixadores* possam fumar seus *baseados*, não são todos que fumam, mas a maioria” (Irany). Após a escolha do lugar ideal para o *point*, os *pixos* da região expressam seu apoio à iniciativa e inscrevem suas marcas numa folha anunciando o novo ponto de encontro. Cada um dos *pixadores* que deixa seu *pixo* no apoio deve contribuir com uma certa quantia para que se possa tirar cópias do convite para a inauguração e das listas com os apoios que vão em anexo. Os convites são distribuídos nos outros *points* da cidade, principalmente no central, informando aos outros *pixadores* da cidade a existência de um novo ponto de encontro.

Os *points* regionais, geralmente, têm em praças, becos, vielas e calçadas sem muito movimento seus espaços prediletos, assim como acontece no *point* central. Para os *pixadores*, quanto mais ermo e isolado o local, melhor. Durante a pesquisa, tive a oportunidade de visitar diversos destes *points* nos bairros, dentre eles, o *Point* da Lapa que acontecia na calçada do Banco Bradesco, em uma encruzilhada que ficava deserta à noite. Este que foi um dos primeiros *points* da cidade, encerrou suas atividades ainda no início da pesquisa, no ano de 2001. Recentemente, no início de 2005, surgiram iniciativas de se constituir novamente um *point* neste bairro, na praça em frente ao terminal de ônibus. Além do *Point* da Lapa,

realizei pesquisa também em um *point* situado em uma praça às margens da Represa Billings, no bairro de Pedreira, zona sul da cidade; no *point* da cidade de Santo André - município da Grande São Paulo - em uma praça embaixo de um viaduto; no *Point* de São Bernardo – outro município da Grande São Paulo, vizinho ao de Santo André, ambos na região do ABC Paulista – próximo a uma pista de *skate*; no *Point* de Cidade Ademar em uma praça, onde também há uma pista de *skate*. Alguns desses *points* já não existem mais, por causa, justamente, da sua inconstância. Há ainda outros que não visitei, mas como esses estão sempre a surgir e a desaparecer com a mesma rapidez, é difícil pontuar quantos ainda estão realmente em atividade na cidade. Em todos estes *points*, os pixadores que lá se encontravam eram da região, de bairros próximos.

O local mais inusitado, porém, que encontrei como *point* de pixadores situava-se no Shopping Morumbi, em uma área nobre da zona sul da cidade. Este *Point* fica mais especificamente numa espécie de praça na entrada do shopping, um pórtico que liga o estacionamento ao seu interior. Os encontros ali acontecem às sextas-feiras à noite. De início, quando fiquei sabendo deste *point* achei que se tratava de pixadores mais abastados, oriundos das chamadas classes médias, pois havia recebido o conselho de um pixador no *Point* da Vergueiro, recomendando não perder tempo com este lugar. Ao chegar ao local, no dia marcado, defronto-me com dezenas de adolescentes nesta entrada do shopping. Percebia-se a presença de muitas meninas, o que não é comum em *points* de pixadores. Estas estavam vestidas com roupas novas e não se pareciam com as poucas meninas que apareciam no *Point* da Vergueiro a trajar roupas no estilo *Hip Hop*. Havia ainda alguns garotos que se vestiam de forma diferente dos pixadores e mesmo os que adotavam um estilo mais parecido como a moda *Hip Hop* ou *skatista* tinham algo que os distinguia. Quando observo melhor aquele aglomerado de jovens percebi concentrados em um canto, um grupo pequeno, cerca de dez, com os trajes característicos, mas com roupas mais surradas, não tão novas quanto as dos outros garotos. Olhando mais atentamente, notei que tinham folhas de papel na mão com as marcas da pixação. Encontrei-os, finalmente. Ao conversar com os pixadores deste *point*, percebi que todos moravam em bairros da periferia da zona sul e, assim sendo, não eram jovens oriundos das camadas médias arriscando-se na pixação.

Eles, inclusive, ao serem perguntados sobre os outros que também se reuniam no local, disseram que aqueles eram *boys*¹¹ que se encontravam ali antes de irem para as baladas. Os pixadores afirmaram que não havia uma maior interação com “aquele pessoal”, o que era perceptível pela forma como estavam separados, sem ocorrer relações mais estreitas entre eles.

Contudo, o *point* que se constitui como a grande referência para os pixadores da Grande São Paulo é o *Point Central*, no caso, o da rua Vergueiro. Isto porque é este espaço que cria a possibilidade de troca entre pixadores de diversas localidades; é a partir dele que se inicia toda uma rede de sociabilidade. No *point*, os pixadores conversam sobre as pixações realizadas, falam dos apuros passados com a polícia, bebem, fumam, combinam futuras pixações, resolvem conflitos e trocam as folhinhas. Além disso, circulam convites para festas de pixadores e fica-se sabendo das novidades do mundo da pixação, como os lançamentos de álbuns de cromos com fotos de pixações e fitas de vídeo feitas por pixadores. Enfim, este é o espaço para se manter informado do que está acontecendo no mundo da pixação.

Possuir *points*, entretanto, não é exclusividade dos pixadores de São Paulo. Diversos grupos juvenis em outras cidades possuem seus pontos de encontro. Em seu trabalho sobre o movimento *punk* na cidade do Rio de Janeiro, Janice Caiafa (1985) apresenta o *point* dos *punks* na Cinelândia como um espaço de encontro e reunião. Há muitas similaridades entre este *point* dos *punks* no Rio de Janeiro em meados da década de 1980 com o dos pixadores em São Paulo do final da década de 1990 e início dos anos 2000. Ambos tem o espaço público como abrigo e se entre os pixadores há a troca de folhinhas e convites para festas, entre os *punks* estudados por Caiafa, há a troca de revistas, discos, fitas, camisetas etc. Há, segundo esta autora, uma grande circulação de informações sobre o grupo nestes lugares. Também no caso dos pixadores, pode-se dizer que o *point* é um local importante de circulação de novidades dentro de um *circuito* maior.

Nem sempre o *point* principal dos pixadores teve como localização a rua Vergueiro. Até o início do ano 2000, ele se situava na Ladeira da Memória, ao lado da estação Anhangabaú do metrô e foi desarticulado por causa da intenção da Prefeitura de São Paulo de limpar e restaurar os monumentos da Ladeira, que

¹¹ Modo como são denominados os jovens com condições financeiras elevadas e que ostentam roupas de grife e artigos de luxo. Palavra derivada de *playboy*.

estavam sujos e bem pixados. Uma das primeiras iniciativas do poder público municipal, neste sentido, foi colocar a Guarda Civil Metropolitana para vigiar o local, impedindo a concentração dos pixadores ali. Em matéria de 26 de Fevereiro de 2000, do jornal *O Estado de São Paulo*, há relatos de alguns pixadores, que se reuniam, na ocasião, numa rua próxima à Ladeira da Memória, e que revelaram a intenção de se criar um novo *point* com as características daquele:

Segundo alguns deles, sexta-feira ainda vai continuar sendo o dia tradicional de encontro dos pichadores. Mas o ponto deve mudar. "A polícia tá embaçando muito na ladeira", disse Celso, do grupo Infernais, descendo as escadarias agitando uma latinha de cerveja como quem balança uma lata de tinta spray só para provocar. "A gente muda e pronto", afirmou o office-boy, visivelmente chateado por perder o ponto que freqüenta desde os 12 anos [agora tem 18] (O ESTADO DE SÃO PAULO, 26/02/2000).

No mesmo ano em que esta matéria foi publicada, o ponto de encontro principal foi transferido para a rua Vergueiro. Mas a Ladeira da Memória ainda seria lembrada por muito tempo com certa nostalgia como o antigo *Point do Centro*. Apesar do Centro Cultural São Paulo, ou melhor, do trecho da calçada da rua Vergueiro na sua frente, constituir-se hoje numa referência para os pixadores, no início, ele também não era exatamente ali, mas próximo, numa praça na saída do metrô Paraíso: a Rodrigues de Abreu, que fica entre os viadutos Santa Generosa e Paraíso. É uma das muitas praças na cidade ligadas a estações de metrô.¹² Esta, em particular, possui torres de ventilação e iluminação e alguns bancos que dão de frente para a agitada avenida Vinte e Três de Maio. À noite, a praça, com muito pouco verde e escondida atrás dos volumes de concreto das torres do metrô, torna-se ainda menos convidativa. Segundo Vladimir Bartalini, *"não se trata propriamente de uma praça, mas de um espaço livre associado ao sistema viário"* (BARTALINI, 1988:166).

Não é a primeira vez que os pixadores servem-se desse tipo de lugar como ponto de encontro. A Ladeira da Memória, local do antigo *point*, também é um

¹² Bartalini em 1988 observara que das trinta estações de metrô em funcionamento na época, metade estava diretamente ligada a estas denominadas "praças do metrô" (BARTALINI: 1988:1).

espaço vinculado a uma estação de metrô, a Anhangabaú. Bartalini (1988) expõe que a construção desta estação alterou a dinâmica da Ladeira da Memória, que passou a ter a circulação de pedestres como uso principal, não havendo outras ocupações mais fixas naquele espaço.

Concebidas como locais de passagem e de circulação para os usuários do metrô, estas praças, e em particular a Rodrigues de Abreu associada à estação Paraíso, poderiam ser classificadas, portanto, como “não-lugares”, conforme o termo utilizado por Marc Augé (1994), que define o conceito de “não-lugar” como um espaço que não pode ser definido nem como identitário, nem como relacional e nem como histórico. Em síntese, tem-se o contrário da noção antropológica de lugar, de cultura localizada no tempo e no espaço. Entretanto, apesar de Bartalini (1988) afirmar que estas praças do metrô seriam apenas espaços ligados ao sistema viário sem funções fixas, com uso pouco diversificado e que não serviriam efetivamente como lugares, elas se transformam a partir da apropriação de grupos de jovens, como o dos pixadores. Demonstra-se assim que os atores sociais conseguem subverter o uso estabelecido inicialmente para determinados locais, criando novas formas de apropriação do espaço urbano.

Da praça, os pixadores passaram a ocupar a calçada do Centro Cultural São Paulo, poucos metros adiante, pois a polícia passou a expulsá-los de lá, por causa, entre outros motivos, do consumo de maconha no local. Quando os policiais chegavam à praça, os pixadores corriam para frente do Centro Cultural, onde se encontravam com outros jovens que já ocupavam aquele espaço. Esses últimos se caracterizavam por gostar de ouvir e tocar Rock, MPB e Forró. Consideravam-se “alternativos” e vestiam-se como *hippies*. Alguns traziam zabumba e triângulo para tocar e dançar forró na calçada da rua Vergueiro, outros traziam violões e ficavam tocando rock e MPB. Havia também aqueles que aproveitavam toda aquela movimentação para vender peças de artesanatos e camisetas com mensagens de protesto. Além da calçada do Centro Cultural São Paulo, estes jovens ocupavam também o bar em frente, chamado Cultura. Alguns ambulantes levavam, em caixas de isopor, bebidas para vender (vinhos e batidas de frutas eram as mais consumidas). No meio de toda esta agitação na calçada da rua Vergueiro, surgiam os pixadores.

É importante ressaltar que este espaço desponta como lugar de encontro juvenil a partir de uma iniciativa do próprio Centro Cultural. Pois este realizava um evento gratuito que acontecia às terças-feiras à noite chamado *Terças Blues*. Assim, neste dia da semana, bandas de blues tocavam no vão livre do Centro Cultural, próximo ao espaço de uma lanchonete. Com as mudanças na administração municipal, as *Terças Blues* deixaram de ser realizadas; porém os jovens continuaram a se encontrar do lado de fora do Centro Cultural toda semana. Aproveitando-se de um projeto promovido pelo poder público, estes jovens passaram a articular o seu próprio espetáculo. A atividade oficial acabou, mas o evento persistiu, ocorrendo não mais no Centro Cultural, mas do lado de fora, na calçada em frente.

Com a chegada dos pixadores na calçada da rua Vergueiro, fugidos da repressão policial na praça, houve uma convivência pacífica entre eles e os denominados “alternativos” que já ocupavam o lugar. Havia alguns elementos que uniam estes jovens, certas práticas comuns que fazia com que pixadores e “alternativos” desfrutassem daquele espaço sem conflitos; dentre elas, podemos destacar o uso da maconha e, principalmente, a apropriação da rua como um espaço de encontro e transgressão. Eles desenvolviam ali, naquela calçada, duas formas particulares de sociabilidade juvenil, que às vezes convergiam quando algum indivíduo recorria a alguém do outro grupo para pedir um trago no cigarro de maconha, por exemplo. Centenas de jovens chegavam a se reunir na frente do Centro Cultural às terças-feiras, com os pixadores mais concentrados de um lado e os jovens “alternativos” de outro.

Os pixadores, durante um tempo, ficaram entre a praça Rodrigues de Abreu e a calçada da rua Vergueiro. Quando a polícia chegava para expulsá-los da praça, eles corriam para frente do Centro Cultural São Paulo, onde as atividades do *point* continuavam a ocorrer sem uma interferência maior da polícia pelo menos até as dez horas da noite, horário de fechamento do Centro Cultural. Os pixadores perceberam que o Centro Cultural e a concentração daquele outro grupo de jovens, de uma certa forma, os protegiam da repressão policial. A partir daí, eles passaram a ocupar ainda mais aquele espaço. Porém, a polícia militar resolveu - em grande parte por causa de algumas brigas que ocorreram entre os pixadores - mudar de estratégia,

passando a concentrar sua atuação na frente do Centro Cultural, atingindo também os “alternativos”. Ao mesmo tempo em que a polícia intensificava sua presença na calçada do Centro Cultural – revistando quem estivesse parado por ali e impedindo-os de permanecer no local - houve uma trégua na praça Rodrigues de Abreu. Os pixadores, então, voltaram a se reunir lá, levando os “alternativos” consigo. A praça transformou-se em um lugar de festa com música, bebidas alcoólicas e maconha. Para quem observava de fora, parecia um grupo homogêneo; porém, um olhar mais atento revelava que ali estavam presentes dois grupos distintos que, inclusive, separavam-se espacialmente, concentrando-se em lados opostos e possuindo certos sinais de pertencimento diferenciados. Enquanto alguns tocavam e dançavam forró, outros apenas conversavam e trocavam folhas de papel onde assinavam as suas inscrições.

Quando os encontros na praça passavam por um momento de aparente tranqüilidade, ocorreu um incidente, uma briga de pixadores, com a posterior chegada da polícia. Na semana seguinte, outro conflito: alguns pixadores foram armados para tirar satisfações do que havia acontecido na terça-feira anterior, tiros foram disparados, a confusão foi geral e a polícia apareceu novamente. A partir desse dia, a repressão policial àqueles jovens intensificou-se ainda mais, tanto na praça Rodrigues de Abreu quanto na calçada em frente ao Centro Cultural. Os jovens “alternativos” pararam com os seus encontros ali devido às investidas da polícia. Não se permitiu mais a concentração na praça Rodrigues de Abreu, uma viatura policial passou a ficar parada ali todas as terças-feiras. A calçada em frente ao Centro Cultural tornou-se, então, local quase que exclusivo de encontro dos pixadores. Todavia, a polícia permaneceu sempre presente. Em alguns momentos apenas observando e acompanhando de longe, em outros, no entanto, ela atuava, revistando os jovens ou dispersando-os do lugar.

2.3. De rolê pela cidade

No *point* são marcados os *rolês*. Quando um pixador diz que vai “fazer um *rolê*”, não significa que ele vai dar uma volta ou sair para se divertir em um bar ou

danceteria, conforme o uso que esta expressão tem entre os jovens paulistanos que não pertencem ao mundo da pixação. “*Fazer um rolê*”, entre os pixadores, significa sair para pixar a cidade. Ao se referir ao ato de pixar como *rolê*, estes jovens passam a idéia de andar pela cidade, deixando nos lugares por onde se passou a sua marca estampada. É como se eles estivessem dizendo “*eu estive aqui*”. Não é por acaso que quanto mais longe um pixador for e deixar sua marca, mais ele conseguirá respeito e reconhecimento entre seus pares e será considerado um pixador que tem *rolê*; ou seja, que tem notoriedade, *ibope*. Assim como quanto mais alto e com maior visibilidade na cidade ou quanto mais inusitado e de difícil acesso o local, maior será o prestígio de quem conseguir chegar a ele e pixá-lo, para poder dizer “*eu estive lá*”, seja este local o topo de um edifício, o Teatro Municipal ou um muro em frente a uma delegacia de polícia. A ação de pixar seria então uma forma de fixar o movimento realizado. Ao deixarem suas marcas no topo de um prédio, os pixadores querem deixar registrados os riscos que enfrentaram para chegar até ali. Para estes jovens, pixar representa deixar gravado o próprio ato de circular pela cidade em busca de aventura e diversão.

Um *rolê* é quase sempre feito em dupla ou em grupo; somente os mais destemidos saem para pixar sozinhos. O *point* é um lugar privilegiado para se marcar um *rolê* com pixadores de outras *quebradas* - de outros bairros e de outras regiões da cidade. Ao pixar os locais por onde passaram, eles deixam impresso na cidade os *rolês* que fizeram. Assim, outros pixadores verão aquelas inscrições e saberão quem fez determinado *rolê* em tal lugar. As pixações tornam-se referência para estes jovens na cidade. Muitos dizem reconhecer alguns locais pelas pixações. Afirmam até se guiar por elas, pois se lembram onde havia determinada pixação. Por isso, o olhar do pixador é sempre direcionado para o alto dos prédios pixados. Dessa maneira, eles se mantêm informados sobre quem são os pixadores que estão em ação na cidade e também observam possíveis locais onde poderiam encaixar a sua marca.

Por diversas vezes, quando fui até a casa de pixadores para colher depoimentos, eles me indicaram, como referência para se chegar até onde moravam, suas pixações. Diziam que eu as veria em determinados muros, como se eu também pudesse me guiar por elas. Em um desses momentos, um pixador

indicou que assim que eu descesse do ônibus no ponto indicado, avistaria uma pixação sua numa casa de esquina, pois seria justamente naquela rua que eu deveria entrar.

Acompanhar o trajeto de um pixador, de seu bairro, em Cidade Ademar, zona sul da cidade, até um *point* na Lapa, na zona oeste, serviu para confirmar como essas pixações são referências para estes jovens. Foi também uma excelente oportunidade para observar como se dão seus deslocamentos pelo espaço urbano. Pegamos um ônibus na avenida Cupecê até a estação Jabaquara do metrô, de onde seguimos até a estação Barra Funda. Ao descermos fomos da Barra Funda até o *Point da Lapa* andando. Este pixador fazia parte do grupo chamado *Pirados* e pertencia à *grife Os RGS*. Chama-se Irany, mas era conhecido por Ira, nome que assinava ao lado da inscrição *Pirados* e do símbolo da *grife Os RGS*. Durante este trajeto, Ira mostrava as pixações. Uma delas era a de um pixador que, segundo ele, tinha destaque porque morava em Barueri e havia ido até ali para pixar, ou seja, ele percorreu uma grande distância para fazer aquela pixação. Segundo as palavras de Ira: “*Ele fez o maior rolê para pixar aqui, por isso é valorizado*”. Durante o trajeto, Ira tinha seu olhar direcionado para todos os muros, prédios e viadutos pixados. Sempre fazia algum comentário sobre algum pixo que lhe chamava a atenção. Ele revelou que muitas vezes sabia já ter passado em algum lugar pelas pixações. Em determinado momento, disse que apesar de não lembrar muito bem onde ficava o *Point da Lapa*, porque não ia há muito tempo pra lá, achava que estávamos chegando, pois estava reconhecendo as pixações.

Os deslocamentos dos pixadores, para seus *rolês*, idas aos *points* e festas são geralmente feitos de ônibus. Este é o meio de transporte principal utilizado por eles em sua circulação pela cidade. Burlar o pagamento da tarifa do ônibus é uma constante. Geralmente eles conseguem essa façanha negociando com o cobrador para passar por baixo da catraca, o que nem sempre dá certo, pois algumas vezes há discussões de pixadores com cobradores e motoristas de ônibus. Entretanto, como os pixadores costumam andar em grupos, cobradores e motoristas, na maioria das vezes, sentem-se intimidados e permitem que eles utilizem o transporte coletivo sem pagar.

Além da prática de passar por baixo da catraca, outra forma de se aproveitar da dinâmica do transporte público na cidade é a utilização das baldeações gratuitas nos grandes terminais de ônibus. Os pixadores podem até fazer percursos maiores do que o necessário para não pagarem a tarifa. Saindo da zona sul para uma festa na zona leste da cidade, um pixador levou-me a fazer o seguinte percurso: seguimos de ônibus até o terminal da Praça da Bandeira, no centro da cidade, onde embarcamos em outro ônibus para o terminal do Parque Dom Pedro II, para finalmente partirmos para São Miguel Paulista, bairro em que seria realizada a festa. O percurso teve quase três horas de duração e poderia ter levado metade do tempo se fossemos de metrô, pois o bairro de onde saímos ficava próximo da estação Jabaquara. Apesar do maior tempo gasto, os pixadores não reclamam ao fazer percursos mais longos como este. Além de não gastarem dinheiro, ao circularem de ônibus pela cidade eles podem observar as pixações e saber um pouco mais sobre qual pixador está em destaque. Eles sempre ficam extremamente atentos à paisagem durante os percursos de ônibus, para que nenhuma marca ou possível local a ser pixado escape aos olhos. Às vezes, pode surgir também um pincel atômico ou um cristal de riscar vidros e o ônibus não ficará incólume de pixações em seus bancos e janelas. Vale ressaltar então o papel importante que o ônibus têm para estes jovens, pois ele não apenas lhes serve como meio de transporte, como também possibilita que estes jovens vejam a cidade. Por outro lado, as próprias pixações são feitas preferencialmente em ruas e avenidas por onde passa este transporte coletivo, pois, assim, outros pixadores poderão admirá-las.

2.4. Da quebrada ao centro, do centro às quebradas

Além de estabelecerem pontos de encontro e *fazerem os seus rolês*, os pixadores também se apropriam de uma forma bastante particular do centro da cidade e de sua periferia – ou de suas periferias. Eles revelam que o melhor lugar para se pixar é o centro, pois é por onde passam pixadores de todas as regiões. Assim, as pixações feitas na região central adquirem maior visibilidade. *“Dá mais ibope pixar no centro”*. A região central também abriga o mais importante *point* de

São Paulo. Os pixadores, em sua imensa maioria, moram na periferia da cidade, em bairros distantes do centro. Eles, no entanto, fazem trajetos de seus respectivos bairros para pixar no centro ou mesmo para se encontrar com outros pixadores no *Point da Vergueiro*. Marília Sposito (1994), ao tratar dos grupos de *Hip Hop* e da sociabilidade desenvolvida no espaço da rua por grupos juvenis, como os *b.boys*¹³ no Largo São Bento, já havia observado que, embora a sociabilidade de rua construída por estes jovens nasça no *pedaço* do bairro periférico, “eles protagonizam possibilidades diversas de mobilidade espacial em direção ao centro, facilitada pela malha de transportes coletivos urbanos” (SPOSITO, 1994:173). No caso dos pixadores, este deslocamento para o centro é ainda menos custoso devido à prática de se passar por baixo das catracas de ônibus sem pagar a passagem.

Para a rua Vergueiro dirigem-se, todas as terças-feiras, dezenas de jovens que saem de suas *quebradas* para se encontrar com outros pixadores. O termo *quebrada* é utilizado para se referir ao bairro onde se mora. Ele tem bastante similaridade com a noção de *pedaço* que, segundo Magnani (1998), designa um espaço de sociabilidade observado originalmente em bairros da periferia de São Paulo e que, se não possui a proximidade e a intimidade do mundo da casa, também não reflete o anonimato do espaço da rua, enquanto espaço público e de passagem. Quem é do *pedaço* conhece as regras do local e sente-se protegido por uma “particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência” (MAGNANI, 1998:115). A idéia de *quebrada* contém estes elementos da categoria de *pedaço*, mas também designa uma forma de apresentá-lo para quem é de fora, mostrando-o como um lugar hostil e perigoso para quem não pertence a ele e não conhece suas regras. A *quebrada* é associada à idéia de um bairro periférico pobre com altos índices de violência, onde não se deve desprezar as normas de conduta. Ao discutir a noção de *pedaço*, Magnani já abordava o cuidado que se deve ter quando se está em um *pedaço* desconhecido, ao qual não se pertence:

Pessoas de “pedaços” diferentes, ou alguém em trânsito por um “pedaço” que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo

¹³ Garotos que dançam *break*, estilo de dança que constitui um dos elementos do movimento *Hip Hop*.

lugar fora do “pedaço” é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo (MAGNANI, 1998:116-117).

No *Point da Vergueiro*, pixadores de diversas *quebradas* da cidade, muitas vezes, não se conhecem, mas se reconhecem enquanto portadores de determinados símbolos e códigos de pertencimento. “*Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas*” (MAGNANI, 2000:39). No caso em questão, às terças-feiras, está-se no *pedaço* dos pixadores. Conforme aceção de Magnani sobre a possibilidade de utilização da noção de *pedaço* não mais nos bairros da periferia, mas nos bairros centrais da metrópole¹⁴. Ao chegarem de suas *quebradas* no *Point da Vergueiro*, os pixadores formam rodas para conversar, beber, fumar maconha e trocar folhinhas. Observam-se várias rodas e, geralmente, no início, quando os primeiros jovens começam a chegar, costuma-se observar rodas de pixadores de uma mesma *quebrada* que permanecem juntos por um determinado tempo. Certo dia, ao chegar ao *Point da Vergueiro* e encontrar um pixador, morador do bairro do Jardim João XXIII, zona oeste de São Paulo, este me perguntou se eu não tinha visto ninguém da *quebrada*; ou seja, se eu não tinha visto ninguém do seu bairro. Ele conversou comigo até avistar os pixadores de sua *quebrada*, quando me convidou para se juntar aos seus amigos do bairro. No final do encontro no *point*, entretanto, as rodas já estão misturadas e jovens de diversos bairros da cidade efetuam trocas e expandem suas redes de sociabilidade. Muitos deles transitam por diversas rodas de pixadores, apontando, portanto, para a existência de trocas entre os pixadores das diversas localidades.

No *point*, e entre os pixadores de uma forma geral, ser de alguma *quebrada* torna estes jovens iguais: é um elemento que os une. É comum no estabelecimento de contato entre dois pixadores que ainda não se conhecem a pergunta: “*Você é de que quebrada?*”. A partir deste primeiro questionamento os dois conseguirão situar-se um em relação ao outro. Descobrirão em qual bairro o outro mora. Num segundo

¹⁴ Magnani (2000) referindo-se a categoria de *pedaço*, originalmente pensada na periferia expõe como esta noção configura-se em regiões centrais da cidade: “(...) a diferença com relação à idéia tradicional de pedaço é que, aqui, os freqüentadores não se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro -, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 2000:39).

instante, estes jovens acionarão uma série de referências para tentar mostrar que conhecem, ou que pelo menos já ouviram falar do bairro a que o outro se refere. Neste momento é comum ouvir frases do tipo: “*conheço essa quebrada sim, já fiz rolê com uns manos que moram lá*”, ou ainda: “*conheço ‘tal’ pixador que mora por esses lados*”, outras vezes até laços de parentesco são acionados: “*conheço essa quebrada, tem uns tios meus que moram lá*”. Neste sentido, o termo *quebrada* evoca uma identificação com o espaço da periferia, ou com a representação que estes jovens constroem deste espaço.

Após o reconhecimento de que se está efetivamente entre iguais, pois ambos habitam alguma *quebrada* da cidade, os laços de sociabilidade podem tornar-se mais duradouros e estender-se para além do *point*. Nestes casos, marca-se um *rolê*. Quando isso acontece, cada um convida o outro para pixar no seu bairro. Vemos atuar nesse caso as regras de reciprocidade, pois quando um pixador marca com outro de pixar em seu bairro, este último retribui levando-o também para pixar na região onde mora. Ser acolhido por um pixador em sua *quebrada* tem duas vantagens. A primeira é o fato de se poder deixar sua marca em outros lugares da cidade e com isso aumentar o seu *status* na pixação. A segunda é ter uma maior proteção, pois ao se entrar em uma *quebrada* desconhecida, se está exposto aos seus perigos. Um bairro da periferia pode se tornar um local ainda mais arriscado quando esse alguém chega para pixar a propriedade alheia à noite. Estar acompanhado de um pixador que mora na *quebrada* em que se vai atuar torna as coisas um pouco mais fáceis, pois, além de ser conhecido, esse está informado sobre suas características: sabe, por exemplo, em quais avenidas passam mais policiais, onde estão os pontos de tráfico de drogas e se circulam ou não matadores por ali; enfim, sabe onde é mais arriscado de se pixar. Assim, comenta um pixador sobre o seu procedimento ao pixar na *quebrada* de outro colega e junto com ele.

Quando estou de rolê na quebrada do mano, faço o que ele quiser, pixo onde ele falar que dá pra pixar, mesmo que eu ache que dê para pixar em outro lugar, eu sigo o que o cara fala. Ele é que é da quebrada (Pixador no Point da Lapa).

O *Point da Vergueiro* é o centro da pixação em São Paulo e, também, o ponto de partida e chegada dos *trajetos* dos pixadores na cidade. Pode-se dizer que ele

funciona de uma forma centrípeta e centrífuga. Pois, inicialmente, este local atrai pixadores de diversas regiões para o centro, depois os dispersa para a periferia, para as diversas *quebradas* da cidade através dos *rolês* marcados com outros pixadores e das festas divulgadas neste *point central*. Sendo assim, primeiro há os *trajetos*¹⁵ que levam do particularismo dos bairros para a diversidade do centro; depois, já no centro, surge a possibilidade de outros *trajetos* que os levam para outras *quebradas*. Esta dinâmica coincide com a própria lógica do centro da cidade, que, conforme define Beltrão Sposito (1991), funciona como um ponto de convergência e divergência.

É o nó do sistema de circulação, é o ponto de onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo (BELTRÃO SPOSITO, 1991:6).

Além dos *rolês*, uma outra forma dos pixadores conhecerem outras *quebradas* da cidade é através das festas de pixadores. Estas, na maioria das vezes, são realizadas para comemorar o aniversário de formação de um *pixo* ou de uma *grife*. Sua divulgação ocorre pela distribuição de convites no *Point da Vergueiro*. As festas são momentos de confraternização, mas também de acertos de contas entre os pixadores rivais. Elas são realizadas geralmente em espaços abertos, como terrenos baldios ou quadras de futebol. De uma forma geral, as festas reproduzem a sociabilidade que ocorre nos *points*. Em sua dinâmica estão presentes as trocas de *folhinhas* e, de forma mais intensa, a bebida alcoólica, a *maconha* e os *inalantes*. A novidade, porém, é a presença da música, sendo o *rap* a sua trilha sonora principal. Há também uma atividade anterior à festa, pois muitos pixadores, ao saberem de sua realização, *pixa* os arredores do local onde esta acontecerá para que os outros possam ver sua marca. A maioria dos convites, no entanto, pedem para que eles não *pixem* no dia do evento para não atraírem a atenção da polícia. Porém, este

¹⁵ “É a extensão e principalmente a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamento por regiões distantes e não contíguas: esta é uma primeira aplicação da categoria: na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, *trajetos* ligam pontos, manchas, circuitos, complementares ou alternativos” (MAGNANI, 2000:43).

aviso é muito pouco respeitado, o que implica na presença da polícia em muitos destes eventos. As festas, portanto, são um outro fator que explicita este caráter centrípeto e centrífugo do centro da cidade e do próprio *Point Central*, demonstrando assim também a relação que estes jovens constituem com as diversas periferias da cidade a partir de seus deslocamentos.

A oposição entre centro e periferia vem sendo cada vez mais relativizada por especialistas. Segundo alguns autores, as relações entre estas duas categorias não seriam tão dicotômicas quanto apontavam os estudos realizados principalmente na década de 1980. O fenômeno do esvaziamento do centro da cidade, segundo Odete Seabra (2004), contribui para o deslocamento da população para os extremos da Grande São Paulo. Seabra ainda aponta que este movimento de ida para os extremos é realizado pelos mais pobres que se afastam cada vez mais do centro da cidade, mas também pelos mais ricos com a constituição de seus condomínios de luxo nos arredores, formando o que Teresa Caldeira (2000) denominou de enclaves fortificados. A periferia de São Paulo tornar-se-ia mais complexa do que a periferia dos anos 1980, tida como principal área de expansão urbana das classes populares, conforme expõe Heitor Frúgoli Jr.

Nas últimas duas décadas, todavia, tal crescimento relativamente diminuiu, em vista de fatores como a própria redução do fluxo migratório e o aumento do desemprego estrutural, fazendo com que vários grupos buscassem residir em áreas mais centrais, ainda que em moradias mais precárias. Ao mesmo tempo, em várias regiões periféricas nota-se a chegada de grupos de maior poder aquisitivo, em busca de áreas de exclusividade, assinalando os inúmeros tipos de condomínios fechados que se espalham na paisagem urbana. Além disso, certas regiões da periferia outrora precárias melhoraram sensivelmente do ponto de vista urbanístico, tornando-se “periferias consolidadas”, cujo efeito perverso tem sido a expulsão de parcelas de seus moradores originais, diante dos novos custos de permanência em tais locais, como ocorre em certos bairros da zona leste. Em certos casos, novas frentes de expansão periférica vêm se constituindo em áreas ainda mais longínquas, em contextos de enorme precariedade, além do aumento populacional de vários municípios da Grande São Paulo (FRÚGOLI JR., 2000:179-180).

A melhoria de certos bairros periféricos de São Paulo, em termos de uma maior presença de equipamentos urbanos, fez com que estas recebessem a denominação de periferias consolidadas. Porém, como apontam Marques e Torres (2001), esta melhoria dos padrões de atendimento a algumas regiões periféricas ocultaria “*condições da extrema pauperização e péssimas condições sociais e exposição cumulativa a diversos tipos de risco*” (MARQUES & TORRES, 2001:3). Segundo estes autores, há uma heterogeneidade na chamada periferia, havendo, portanto, certos setores com uma maior qualidade de vida e, ao mesmo tempo, a presença de uma população com condições de vida ainda piores do que as enfrentadas na década de 1980. Com isso, os mesmos autores levantam a hipótese de existência de uma hiperperiferia dentro das diversas periferias da Grande São Paulo.

A melhoria das condições de vida de uma parte expressiva da periferia, acompanhada de espaços extremamente precários indica a existência de um grande degrau urbano (e social), mesmo em espaços considerados como periféricos (MARQUES & TORRES, 2001:20).

Por outro lado, concomitantemente a estas mudanças na periferia, alguns autores apontam uma nova configuração na ocupação do centro, que Seabra (2004) denominou de uma periferização do centro.

Logo, o fenômeno de perda de população nas áreas centrais da cidade resultou num grande número de imóveis vazios e também na generalização do comércio de rua por “ambulantes” que cresceu a ponto de configurar a periferização do centro de São Paulo (SEABRA, 2004:283).

Há ainda o surgimento de novas centralidades como a da Avenida Paulista e a da Avenida Luís Carlos Berrini como assinala a pesquisa de Frúgoli Jr. (2000). Nota-se que até os pixadores aproveitaram-se da lógica destas centralidades para a construção de seus *points* centrais. O primeiro localizava-se no centro tradicional da cidade, no Vale do Anhangabaú, com a dissolução deste, o segundo, na rua Vergueiro, veio a situar-se próximo de outra centralidade, a da Avenida Paulista.

Apesar desta relativização da oposição centro/periferia e a própria noção de periferia na cidade de São Paulo vir sendo discutida e apontada como um espaço não homogêneo, estas duas categorias organizam a forma com que os pixadores apropriam-se da cidade. O centro é onde pixadores de diversas partes interagem. É nele que eles se encontram e preferem pixar para que outros, ao passarem pela região central, vejam sua marca impressa no alto dos prédios e viadutos. Enfim, o centro é o espaço de confluência que une jovens dos mais distantes lugares.

Contudo, é o espaço do bairro na periferia, denominado por eles de *quebrada*, que serve de referência em suas relações de troca no cenário urbano. Porque, se o sujeito com quem se interage mora em alguma *quebrada*, ele já demonstra que tem algo em comum. Ele é reconhecido como alguém com quem se pode traçar laços de sociabilidade, tornando-se uma pessoa próxima. Evans-Pritchard (1999), ao referir-se à noção de espaço entre os Nuer, mostra como esta pode estar permeada por valores outros que a percepção física do ambiente¹⁶. Para isso, ele apresenta a idéia de *distância estrutural*, que exprimiria: “a distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social, expressa em termos de valores” (EVANS-PRITCHARD, 1999:23). Neste sentido, os pixadores, quando se identificam como moradores de bairros considerados como *quebradas*, diminuem a distância entre eles, o que propicia o contato, bem como as trocas. A periferia para estes jovens ultrapassa a referência espacial, torna-se um modo de proceder na cidade em que se deve ter algumas referências comuns e dominar certos códigos tidos como próprios dos moradores da periferia. Assim, mesmo que um pixador more no bairro de Vila Joaniza na zona sul e outro em São Mateus na zona leste, eles estarão, ou se sentirão, próximos por serem ambos moradores de *quebradas*.

Percebe-se, então, dois movimentos com a relação à idéia de *quebrada*. O primeiro refere-se a uma universalização desta noção que incorpora a representação da periferia, pois ser de alguma *quebrada* é morar na periferia da cidade e, portanto, partilhar certos valores comuns. É justamente por conta dessa universalização da

¹⁶ “Uma aldeia nuer pode estar equidistante de outras duas aldeias, mas, se uma destas duas pertencer a uma tribo diferente daquela a que pertence a primeira aldeia, pode-se dizer que ela está estruturalmente mais distante da primeira aldeia do que da última, que pertence à mesma tribo. Uma tribo nuer que está separada de outra tribo nuer por quarenta quilômetros está, estruturalmente, mais próxima desta do que de uma tribo dinka da qual está separada por apenas vinte quilômetros” (Evans-Pritchard, 1999:123).

noção de *quebrada* que a defesa de um território não demonstra força na prática cotidiana dos pixadores. Esta valorização da *quebrada*, no entanto, não é exclusiva dos pixadores, pois diversos grupos de *Hip Hop* têm um discurso sobre as *quebradas* da cidade. Pedro Guasco (2001) discute como a periferia não funcionaria apenas como uma referência espacial para os *rappers*, mas também como uma categoria social.

Ao assumirem a periferia como o espaço da exclusão, os rappers assumem nele todos os sinais negativos associados a essa condição, seja pela ausência do que deveria haver, seja pela presença do que não deveria existir. Mas ao fazerem isso eles descrevem a periferia também de forma positiva, como o espaço da igualdade e da solidariedade, firmadas na miséria e apesar da violência (GUASCO, 2001:90).

O segundo movimento trata de uma particularização da idéia de *quebrada*. Neste, percebe-se uma valorização do bairro em que se mora. *Quebrada* aqui, refere-se ao seu próprio bairro, ao seu *pedaço*. Nesta acepção, a de bairro, o pixador identifica-se primeiro com o indivíduo que mora no seu *pedaço*, na sua *quebrada*.

Estes dois movimentos estão sempre atuando simultaneamente nesta concepção de *quebrada* corrente entre os pixadores. Um valoriza o bairro, o local de moradia; portanto, restringe. O outro universaliza, explicitando uma condição comum, a de moradores dos bairros pobres da periferia. Há, entretanto, um certo receio entre os pixadores desta valorização da *quebrada* apenas como bairro onde se mora. Ocorre um certo mal estar quando há uma sobrevalorização excessiva do local onde se mora, principalmente quando se aponta para uma rivalidade com outras regiões ou bairros da cidade. Os pixadores relataram o caso de uma pixadora que deixou escrito em um muro do centro da cidade, na avenida Nove de Julho: “Se *bafo fosse flor, a zona sul seria um jardim*”. A frase fazia uma provocação aberta aos pixadores da zona sul, pois ser chamado de *bafo* é ser considerado um fraco, alguém que não é um grande pixador. Todos os pixadores, moradores ou não da zona sul, mostraram-se indignados com a atitude daquela pixadora e prometeram retaliações. Esta reação demonstra o receio em relação aos conflitos que este tipo de provocação pode causar. Eles, de uma certa maneira, tentam evitar as disputas que tenham o território e a defesa deste como referência. Quando esta valorização

do bairro acontece, é de maneira velada e sutil. Como em o caso relatado por um pixador do bairro de São Mateus, na zona leste, que revelou que o símbolo da grife criada pelos pixadores do seu bairro, chamada *Projeto Marginal*, tinha como foco as letras *P* e *M*. Porém, de forma muito sutil, no contorno das letras rebuscadas, formava-se também um *SM*, iniciais do bairro de São Mateus. O pixador afirmou, no entanto, que isso somente os integrantes da *grife* sabiam, pois por causa disso ele poderia criar confusão com os outros pixadores de outras quebradas.

Enfim, a dinâmica da noção de *quebrada* atua tanto no sentido de particularizar o bairro onde se mora, como de situá-lo num quadro mais geral, enquadrando-o dentro da imagem de um bairro pobre, em que a violência seria uma presença constante e as condições precárias de moradia na periferia a sua principal marca. Dessa forma, não se pode enquadrar os pixadores no modelo das gangues estudado em outros contextos, como o da Escola de Chicago ou mesmo de outras cidades brasileiras, pois a defesa de um território não fundamenta os grupos de São Paulo. Para estes jovens, sair do bairro de moradia para pixar em outras regiões da cidade é muito mais interessante do que apenas pixar em seu próprio bairro. Para eles, inclusive, é no momento em que eles deixam de atuar apenas na quebrada onde moram e saem para pixar em outras quebradas, ou mesmo no centro da cidade, que se tornam pixadores de verdade. Quando indagados sobre o ano em que iniciaram, a maioria deles apresenta duas datas, aquela em que começou no bairro, de uma forma mais localizada e menos intensa e a data de quando “realmente” iniciou-se na pixação; ou seja, de quando saiu para pixar em outras quebradas, em outras partes da cidade, que não a região próxima ao local de moradia.

Entretanto, se a pixação em São Paulo não funciona como demarcadora de um território específico onde outros grupos não podem entrar, não é correto afirmar que estes jovens não tenham um território com o qual se identifiquem. Os pixadores não são nômades, desterritorializados a andar pela cidade sem destino como teorizam alguns pesquisadores ao abordar os grupos juvenis, inspirados nas reflexões de autores como Deleuze e Guattari (1997) ou Michel Maffesoli (2001). Este último, ao formular a metáfora da tribo para nomear a formação dos agrupamentos contemporâneos, aponta também para a idéia do nomadismo como a

forma de apropriação do espaço na pós-modernidade. Segundo Maffesoli (2001:87), o nomadismo seria o modo de apropriação do espaço na pós-modernidade em que se é “*ao mesmo tempo de um lugar e simultaneamente tendendo para um não-lugar*”, conforme definição do próprio sobre o errante. Tomando como base estes autores, muitos estudos passaram a analisar qualquer agrupamento de jovens que transite minimamente pela cidade como uma tribo desterritorializada que não consegue estabelecer relações duradouras e muito menos identidades. Segundo esta perspectiva, a chamada pós-modernidade teria causado uma crise de relação dos indivíduos e grupos sociais com o espaço. Paul Virilio (1997) chega a afirmar que se teria, não o fim da história, como anunciou Fukuyama, mas o fim da geografia. Rogério Haesbaert (2004), em texto denominado “O mito da desterritorialização”, vai criticar justamente as abordagens que tratam do espaço a partir da sua negação. Haesbart (2004), retomando as reflexões de Deleuze e Guattari, reafirma a idéia de que o processo de desterritorialização sempre implica em uma reterritorialização em outros termos.

O mito da desterritorialização é o mito dos que imaginam que o homem pode viver sem território, que a sociedade pode existir sem territorialidade, como se o movimento de destruição de territórios não fosse sempre, de algum modo, sua reconstrução em novas bases (HAESBAERT, 2004:16).

Haesbaert defende que se tem não a perda de importância do território e, conseqüentemente, um processo de desterritorialização, mas sim a percepção da existência de múltiplos territórios. O mesmo processo ocorreria com a noção de lugar, segundo este autor.

A emergência dos “não-lugares” tão alardeada por Marc Augé, tal como o fim dos territórios ou o discurso da desterritorialização, acaba, de qualquer forma, tendo de ser bastante relativizada. Primeiro, porque os “lugares” não estão simplesmente perdendo identidade, relações, história. Tal como em relação à territorialidade, cada vez mais múltipla, eles muitas vezes estão se redefinindo pela multiplicidade de identidades, relações e histórias que passam a incorporar (HAESBAERT,2002:139).

No caso dos pixadores paulistanos, deve-se destacar como o espaço tem grande importância para eles. Não estamos falando, portanto, de um grupo de jovens desterritorializados, que têm o deslocamento como um fim em si mesmo. Pelo contrário, os pixadores têm uma relação muito forte com o espaço, constituindo territórios com características próprias, onde ocorrem diversas relações de trocas. O bairro na periferia, através da concepção que eles têm deste local, é o território que lhes confere uma identidade e fornece-lhes um conjunto de valores e de regras que guiam suas ações na cidade. Ao se encontrarem no centro da cidade, de uma certa maneira, eles estão reconstituindo em outros espaços este território da periferia. Menos do que desterritorializados talvez os pixadores estejam multiterritorializados ou hiperterritorializados. Cabe ressaltar também que os pixadores não estão a caminhar de forma totalmente aleatória pela cidade, ao contrário do que se possa pensar, pois eles constituem algumas regularidades em seus trajetos pelo espaço urbano.

CAPÍTULO 3

TROCANDO NA HUMILDADE

“Na humildade, mas sem abaixar a cabeça”.

(pixação de autoria não identificada)

A pixação em São Paulo estabelece-se como uma rede de trocas que se expande por toda a cidade. Nas turmas formadas entre amigos da vizinhança ou em seus pontos de encontro, as relações de reciprocidade são acionadas constantemente. Para conseguir entender as regras que regem estas relações vigentes, é preciso antes atentar para o modo com que elas se configuram na cidade.

Os pixadores formam grupos¹⁷ que pixam um mesmo nome, uma mesma marca, o pixo. Estes agrupamentos surgem das relações de amizade já existentes na vizinhança ou na escola; portanto, são mais localizados. Particularmente as escolas aparecem como lugares bastante propícios para o contato com a pixação. Quando questionados sobre como iniciaram nesta prática, muitos relataram que começaram com amigos de escola. Não é difícil comprovar este fato, basta reparar nas últimas folhas de seus cadernos para logo perceber que uma atividade não prevista no currículo escolar é muito treinada durante o horário das aulas. Além de assinarem suas pixações em seus próprios cadernos, estes jovens também assinam uns nos cadernos dos outros.

Nos bairros, o contato entre os grupos de pixadores é intenso. Eles estabelecem tanto relações de amizade e parceria quanto de conflito e rivalidade. Podem marcar *rolês* juntos e assim dividir os gastos com a tinta, ou então estabelecer uma relação conflituosa principalmente através dos *atropelos* e, em casos extremos, de confrontos físicos. Nos *points regionais* estas relações de amizade ou de conflito, no âmbito local, são reforçadas. Nestes espaços, costuma-se encontrar os pixos aliados de uma determinada região para planejar novos *rolês*

¹⁷ Há também aqueles que pixam sozinhos, mas que nem por isso deixam de fazer parte desta rede de trocas entre os pixadores na cidade.

pela cidade, mas também se conversa sobre as ações dos pixadores rivais na região.

Contudo, é no *point central* da cidade onde as relações de reciprocidade são expressas de maneira mais explícita e intensa. Isto porque o *Point da Vergueiro* se configura sobretudo como um amplo local de troca e de compartilhamento dos saberes específicos do mundo da pixação: contam como foram os rolês anteriores e marcam novos rolês. Nas conversas, falam sobre os pixos mais antigos, os pixadores que já morreram, as histórias da pixação, os conflitos entre grifes, os pixadores que estão se destacando no momento e as aventuras e apuros passados durante o ato de pixar. Não são raras as ocasiões em que as discussões saem do âmbito da pixação e abordam outros temas também comuns a eles, como o *Hip Hop*, as festas, os shows, os locais propícios para se andar de skate e, algumas vezes, o envolvimento de alguns com a criminalidade. Enfim, o *point* é onde eles estabelecem laços de sociabilidade e demonstram seu conhecimento específico sobre a pixação, compartilhando-o com os outros colegas.

Alguns estudos mostram como outros grupos também apresentam determinados espaços de troca e compartilhamento de certos saberes que lhes são comuns. Um exemplo é o trabalho de Loïc Wacquant (2002) que, em sua etnografia feita em um ginásio de boxe em Chicago, demonstra como aquela academia não servia apenas como um local de exercício e treino, mas também como suporte de uma sociabilidade particular. Assim como o *point* dos pixadores, a academia de boxe, estudada por Wacquant, também se apresentava como um lugar próprio para se demonstrar o conhecimento sobre o esporte praticado, mas também sobre outros temas afins a todos que freqüentavam o lugar, como a violência das ruas, por exemplo.

(...) funciona como um palco no qual cada um pode dar provas de sua excelência no manejo do capital cultural próprio ao grupo, no caso, a informação pugilística e sobre o conhecimento da rua e de seu mundo suspeito (WACQUANT, 2002:57).

Em outra pesquisa, esta sobre as torcidas organizadas de futebol em São Paulo, Luiz Henrique de Toledo (1996) também ressalta a circulação de um saber específico dos torcedores em suas sedes.

De modo geral, todos acabam compartilhando um conhecimento comum, fundamental para o grupo, tanto pela exposição das fotografias quanto pelo saber oral transmitido pelas pessoas que vivenciaram alguns jogos considerados importantes (TOLEDO, 1996:46).

Demonstra-se assim a necessidade de determinados grupos estabelecer espaços de troca onde conhecimentos particulares são compartilhados por todos. Nestes locais, deve-se dominar bem o repertório valorizado pelo grupo para não se passar por novato. Este repertório pode remeter tanto às lutas de boxe, às brigas de rua ou aos jogos de futebol do time preferido, quanto aos locais escolhidos para se pixar ou ao reconhecimento dos pixadores mais famosos. Certa vez, ao conversar com pixadores no *Point da Vergueiro*, eles me questionaram sobre o quanto eu realmente havia aprendido sobre a pixação. Para isso, tive que passar pela difícil tarefa de responder em que ano alguns célebres pixadores começaram a pixar. Claro que não fui aprovado no teste, pois esta não era uma informação que eu considerasse relevante, o que demonstrou para eles a minha ignorância sobre a pixação. Apesar da reprovação, esta avaliação foi importante para mostrar-me qual o tipo de conhecimento é valorizado por eles.

3.1. A Troca das Folhinhas

O *Point da Vergueiro* reúne pixadores de toda a Região Metropolitana de São Paulo. A relação entre aqueles que não se conhecem no *point* começa a partir do ato da troca de folhinhas, nas quais inscrevem o nome que pixam. Eles levam folhas de papel em branco, cadernos ou agendas para recolher assinaturas no *point*. As folhinhas são colecionadas em pastas e as assinadas pelos pixadores há mais tempo em atividade ou que têm um maior número de pixações pela cidade são as mais valiosas. A troca de folhinhas, no entanto, é marcada por uma série de regras que precisam ser conhecidas previamente e respeitadas para que a troca efetivamente ocorra. Percebem-se, então, práticas ritualizadas que se iniciam

quando um pixador aproxima-se de outro e pergunta o que ele “lança”, o que ele pixa. Faz parte da etiqueta deste primeiro contato demonstrar que se conhece o pixo do outro e que já o viu estampado pela cidade. Pois dizer o contrário a um pixador é uma ofensa muito grande, é o mesmo que afirmar que ele não tem *ibope*, o que, embora não cause um conflito imediato, pode atrapalhar as relações de troca e criar rugas logo de início. Por isso, os pixadores afirmam que conhecem o pixo do outro, mesmo que algumas vezes nunca o tenham visto, apenas para não gerar constrangimentos e não criar inimizades. Entretanto, muitas vezes, eles realmente já viram determinado pixo e até dizem onde, já que costumam andar a observar as pixações pela cidade. Depois de saber o que cada um pixa, e caso as regras iniciais do ritual tenham sido respeitadas, eles pedirão para que um assine uma folhinha para o outro.

Após esta primeira etapa, surge a seguinte questão: “de que *quebrada* você é?”. Este é o momento em que se identifica o local de moradia do outro. Combinam, então, de fazer “um *rolê*” em suas respectivas *quebradas*. Cada um receberá o outro em seu bairro para pixar juntos. Avança-se assim nesta rede de relações recíprocas para além do *point* através dos *rolês*, conforme já abordado no capítulo anterior. Marcel Mauss (2003) ao discutir a questão da troca ressalta a importância de três elementos: o dar, o receber e o retribuir. Segundo o autor, estes elementos, embora pareçam manifestar-se de maneira livre e voluntária, na verdade, são obrigações sob pena de guerra para aqueles que deixarem de cumprir uma das três regras. No caso dos pixadores, pode-se perceber em vários momentos o dar, o receber e o retribuir da dívida sendo colocados em prática por eles. E o *rolê* é uma ocasião importante em que a lógica do dom, enunciada por Mauss, se efetiva.

Há ainda outras regras que atuam na dinâmica da troca das folhinhas. Este momento ritualizado permite vislumbrar as diferenciações de *status* existentes entre os pixadores, pois a troca nem sempre se dá entre iguais. Por isso, dependendo da posição que o pixador ocupa, ele desempenhará um papel diferente na permuta. Esta posição diferenciada é determinada pelo tempo em que se está na pixação e pelo *ibope* – o quanto já se é conhecido. Os pixadores identificam claramente, com base nestes dois critérios, tempo e *ibope*, duas categorias em que eles podem ser encaixados: os *pixadores mais velhos* e os *pixadores mais novos*. No ato da troca

das folhinhas, os pixadores mais novos são os que sempre estão dispostos a recolher assinaturas dos colegas no *point*, principalmente dos mais velhos. Os mais novos também assinam folhinhas, porém são menos solicitados. Na troca entre dois pixadores novatos, tem-se uma relação de igualdade, portanto, cada um assina uma folhinha para o outro e o elemento trocado é, neste caso, da mesma qualidade e do mesmo valor.

Já quando se trata dos pixadores mais velhos a relação se inverte, pois estes não recolhem assinaturas no *point*. Ou seja, não coletam folhinhas. Os pixadores mais novos solicitam aos mais velhos que assinem em suas folhinhas, porém estes últimos não exigem e nem esperam a retribuição da assinatura. Contudo, nessa relação de troca, o pixador mais novo recebe não apenas uma simples folhinha, mas uma de grande valor, pois as assinadas por pixadores mais velhos são as de maior importância. E estes ganham, na verdade, o prestígio de serem solicitados para autografar uma folhinha sem precisar pedir aos outros que assinem para eles também. Enfim, recebem o reconhecimento por já serem grandes pixadores. Para os mais velhos não há porque angariar mais folhinhas, tendo em vista que esta é uma atividade para os mais novos que estão começando suas coleções. Os mais velhos e mais famosos já têm grandes acervos de folhinhas, muitas delas antigas e valiosas, em suas casas. Porém, não é apenas por isso que os pixadores ilustres não solicitam mais folhinhas, mas, também, porque não pedir ao outro que assine uma folhinha é uma forma de demonstrar que se está em uma posição superior dentro da pixação. Para estes mais velhos, poder dar sem esperar a retribuição é um sinal de afirmação de sua importância na pixação. Quando um destes famosos chega ao *point*, logo é cercado pelos pixadores a pedir que deixe sua marca em folhas de papel ou em agendas e cadernos.

Entre os pixadores mais velhos não ocorre a troca de folhinhas, pois como já estão em um outro patamar, ao se encontrarem no *point* apenas conversam sobre a pixação. A maioria deles, na verdade, afirma que vai aos *points* ou a outros espaços de encontro como as festas, para rever velhos amigos da pixação e “trocar idéias”. Surge então um problema com relação ao assédio sofrido por estes notáveis. Muitos querem conversar com os antigos parceiros do pixo e desfrutar de todas as relações de sociabilidade que o *point* oferece, porém acabam não tendo tempo para isso, pois

estão constantemente cercados por jovens a pedir seus autógrafos. Por esse motivo, muitos reclamam de ter que ficar apenas assinando folhinhas. Porém, quando um deles recusa deixar sua marca em uma folhinha, pode sofrer a acusação de não ser humilde e a partir daí entrar em conflito com estes pixadores mais novos. Zé, um dos poucos que conseguiu chegar à casa dos trinta anos de idade sem romper com a pixação, conta que hoje em dia só faz rolê com o recurso da “molecada”, raramente gasta dinheiro com *spray*. Isto porque os mais novos querem ter a honra de pixar com tão ilustre pixador. Entretanto, Zé também relata o outro lado de sua vida de celebridade.

Quando estou em festa ou em point, pedem muito para eu assinar folhinhas e alguns não se contentam em pegar só uma e pega outras para os amigos e mesmo até para vender. Pois eu sou um cara que é conhecido e não sou de colar em point, então quando o cara me vê quer aproveitar. (...) Eu até gostaria de ir ao point para conversar, para confraternizar, pois o point é um local de confraternização, mas chega na hora eu fico só assinando agenda, a molecada me cerca e é só assinando agenda o tempo todo, e se eu me canso e paro um pouco de assinar, recusando assinar para alguém, sou chamado de metido (Zé, Lixomania).

Este é o dilema enfrentado pelos que alcançam a fama na pixação: se por um lado eles têm a honra de serem venerados pelos colegas, por outro enfrentam a árdua tarefa de, em todo encontro, terem que passar a maior parte do tempo assinando folhinhas. E o pixador mais velho que se recusa a assinar uma folhinha para alguém corre o risco de, como o próprio Zé afirmou, ser considerado metido, sem humildade.

A divisão entre os mais novos e os mais velhos é sempre apontada pelos próprios pixadores. Eles constantemente se referem a estas duas categorias, porém o ritual da troca de folhinhas revela uma terceira categoria intermediária entre os que estão começando agora na pixação e os já há bastante tempo em atividade. Estes “pixadores intermediários” raramente recolhem folhinhas, exceto quando os pixadores consagrados aparecem no *point*. Se eles ainda não têm a fama dos mais velhos, também não começaram a pixar há pouco tempo como os mais novos. Eles têm também um razoável acervo de folhinhas e por isso já não lhes interessa pedir

assinaturas aos pixadores mais novos, pois estas não têm tanto valor. Contudo, eles estão sempre dispostos a assinar folhinhas para os que lhes solicitam, para estes pixadores deixar sua marca é uma honra. Estes “intermediários” não têm problemas em assinar folhinhas. Apesar do tempo em atividade na pixação, eles ainda não têm o reconhecimento dos mais velhos, por isso assinar folhinhas é uma forma de divulgar seu pixo e torná-lo conhecido para que, assim, consigam alcançar mais fama e chegar ao patamar dos notáveis da pixação. O quadro a seguir tenta exprimir como se configuram as trocas de folhinhas entre os pixadores no *point*.

	Pixadores mais novos	Pixadores intermediários	Pixadores mais velhos
Assinam folhinhas para quem:	Para eles mesmos	Para os mais novos	Para todos
Pedem assinatura nas folhinhas para quem:	Para todos	Para os mais velhos	Para ninguém

Percebe-se, conforme este quadro, que na relação de troca entre os pixadores, se for considerada apenas a folhinha como elemento trocado, somente quando entre os próprios pixadores mais novos é que o dar, o receber e o retribuir se efetivam completamente. Assim, na relação dos mais novos com os outros dois grupos, os primeiros apenas recebem a folhinha (ou assinatura), pois eles a pedem para os mais velhos e os intermediários, mas não dão para nenhum deles, ou seja, não retribuem. No caso dos intermediários, estes recebem as folhinhas dos mais velhos e as concedem para os mais novos. Já os mais velhos dão folhinhas para todos os outros dois grupos, mas não recebem de nenhum deles. Novamente supondo que nessas relações de troca estariam em jogo apenas as folhinhas, poderíamos dizer que os pixadores mais velhos sempre doam sem ter nada como retribuição e os mais novos sempre recebem sem dar, nem retribuir nada. Desse modo, não haveria troca entre os pixadores mais velhos, nem entre os

intermediários. Porém, conforme a discussão realizada anteriormente, no caso da troca das folhinhas, o que está sendo trocado não são apenas assinaturas num papel, mas outros elementos importantes para a dinâmica da pixação, como o reconhecimento, o prestígio e a possibilidade de ascensão de seu prestígio entre os pares. Pode-se afirmar, portanto, que especificamente no ritual de troca das folhinhas o dar tem um peso maior do que o receber ou o retribuir. Poder dar a sua assinatura numa folhinha, sem precisar de uma retribuição, sem querer receber outra em troca, revela que este indivíduo tem um maior prestígio. No entanto, se é levado em conta que os pixadores mais velhos já foram mais novos e intermediários, é possível dizer que, de certa maneira, todos já passaram pelas três fases. Assim, os mais velhos, que hoje apenas dão as assinaturas nas folhinhas, já estiveram em outra posição: a de apenas recebê-las dos colegas. Por isso, quando assumem uma posição superior, de apenas dar as assinaturas, é porque outrora já receberam dos outros de sua geração. Dessa maneira, conclui-se que a troca de folhinhas entre os pixadores se completa na diacronia, pois o *dar*, o *receber* e o *retribuir* somente são efetivados plenamente se considerarmos as três gerações de pixadores.

3.2. As Grifes

Os *points*, em especial o *Point da Vergueiro*, são espaços privilegiados para se perceber uma outra forma de organização dos pixadores na cidade: a *grife*. Esta extrapola os limites dos seus bairros de origem e dos seus pontos de encontro. Uma *grife* congrega diversos grupos de pixadores com diferentes alcunhas. Fazer parte de uma delas possibilita expandir as relações de troca pela cidade, constituindo-se, assim, uma rede de grupos de pixadores. Porém, nem todos os indivíduos que pertencem a alguma *grife* se conhecem, devido ao grande número de pixos que podem estar a ela associados. Os *points* possibilitam a formação das grifes por serem locais onde as trocas ocorrem com intensidade. As grifes são também denominadas alianças pelos pixadores. E elas de fato funcionam como tal, pois reforçam as relações de troca entre eles. O *point* mais propício para o surgimento das grifes é o *da Vergueiro*, devido ao grande número de pixadores de diferentes

localidades que o freqüentam. Desse modo, neste espaço surgem as uniões entre pixadores de diversos bairros da cidade, não mantendo mais seu caráter local, como nos pixos. Entretanto, há também as grifes com um caráter mais regional, formadas nos bairros, as quais, porém, são menores e menos importantes na dinâmica da pixação na cidade. As grifes maiores e mais famosas conferem também maior *status* aos pixos que se filiam a elas. Deve-se ressaltar, contudo, que as grifes não surgem apenas das relações amistosas de troca. Como o *point* também é um local de conflitos onde, em determinados momentos, grupos rivais se enfrentam, as alianças podem surgir para se ter parceiros nas brigas. Portanto, as grifes têm como motivação para a sua formação tanto a troca quanto o embate.

Ao discutir a questão da troca a partir de estudo de sociedades indígenas da América do Sul, Pierre Clastres (2004) afirma que a guerra entre os grupos indígenas estimularia a formação das alianças para que pudessem combater com mais força. Segundo ele, a partir dessas alianças é que se constituiriam as trocas. Conforme esta perspectiva, o conflito fundaria as alianças e as alianças dariam origem à troca. Clastres, desse modo, dirige críticas à teoria de Lévi-Strauss, segundo a qual é o ato da troca que fundaria as alianças. Clastres ainda contestaria Lévi-Strauss por esse último considerar as trocas como guerras pacificamente resolvidas e as guerras como consequência de trocas que não deram certo, pois para Clastres: *“a guerra é uma estrutura da sociedade primitiva e não o fracasso acidental de uma troca malsucedida”* (2004:257). O autor prossegue afirmando que *“a troca é que é um efeito tático da guerra”* (2004:263).

É importante, porém, atentar para a obra que inspirou a discussão sobre reciprocidade de Lévi-Strauss exposta em seu *Estruturas Elementares do Parentesco* (1982): o “Ensaio sobre a Dádiva” de Marcel Mauss (2003). Neste importante texto, Mauss abordará a troca como uma resolução pacífica das guerras, ou como uma continuação da guerra pelos meios de paz, como aponta Alain Caillé (2002). Pois, para que a troca pudesse ocorrer, segundo Mauss, *“foi preciso inicialmente depor as lanças”* (2003:313).

Foi opondo a razão e o sentimento, foi estabelecendo a vontade de paz contra loucuras bruscas desse gênero, que os povos conseguiram substituir a guerra, o isolamento e a estagnação pela aliança, a dádiva e o comércio (MAUSS, 2003:313).

Apesar de Mauss (2003) afirmar a troca como um elemento que suplanta a guerra, o próprio *Ensaio sobre a Dádiva*, ao tratar do *potlatch*, como assinala Ciméa Bevilaqua (2002), apresenta a reciprocidade como uma possibilidade de guerra e não apenas como seu substituto. Caillé (2002), ao iniciar seu livro intitulado *Antropologia do Dom* e inspirado em Mauss, ressalta como não são apenas gentilezas que são trocadas, mas também indelicadezas.

Dar, receber e retribuir. Pôr em circulação os presentes e os benefícios. Ou também, os malefícios, por outro lado. Os penhores de amizade, as irmãs ou as esposas, os filhos, as fórmulas de polidez, as canções, os objetos preciosos ou de luxo, os poemas, os sonhos; os sentimentos, numa palavra, a própria vida. Mas também as ofensas, as feridas, a morte (CAILLÉ, 2002:7).

Entre os pixadores a guerra também se faz presente. Ela se expressa por meio dos confrontos físicos que, em alguns momentos, podem resultar em mortes, conforme alguns relatos dos próprios. Mesmo na competição que há entre eles, ainda que não resulte em um conflito declarado, pode-se observar a guerra pela conquista do maior número de marcas na paisagem paulistana. A intenção aqui é tentar perceber de que forma as discussões sobre a troca e a guerra podem ajudar a entender o modo como os pixadores se configuram na cidade. Reflete-se, assim, sobre estes dois fenômenos mais gerais em outro contexto de pesquisa.¹⁸ No caso em questão, o dos pixadores, é possível ponderar que é o momento de troca no *point* que possibilita o encontro de diversos grupos de pixadores e, por conseqüência, propicia a formação das alianças. Porém, o conflito e a competição entre os grupos de pixadores também exercem grande influência na criação destas grifes. Portanto, ao se abordar a pixação em São Paulo, pode-se afirmar que, tanto a necessidade de expandir os laços de sociabilidade e as relações de troca pela cidade, como a possibilidade de se fortalecer nos conflitos são responsáveis pela

¹⁸ Em sua pesquisa sobre “a forma e a razão dos conflitos no mercado de consumo”, Ciméa Bevilaqua (2002) demonstra como estas questões, da guerra e da troca, podem ser pensadas em contextos outros que o das sociedades indígenas da América do Sul estudadas por Pierre Clastres.

constituição das alianças. Entretanto, neste caso específico, se a troca funda as alianças, a guerra as consolida.

Os pixadores que integram uma mesma grife devem prestar algumas obrigações recíprocas. A mais fundamental é elevar a popularidade da *grife*, ou seja, espalhar o seu símbolo pelo maior número de locais da cidade para aumentar o seu prestígio. Para garantir que isto seja cumprido, um dos pré-requisitos para se ingressar em algumas *grifes* é já ter uma certa notoriedade, o que significa já estar inserido no mundo da pixação e com muitas marcas pela cidade. Assim, os pixadores elevam o prestígio de seu pixo por estarem associados a uma *grife* e esta, por sua vez, consegue uma maior divulgação. Um outro dever daqueles que ingressam numa *grife* é o de reverenciar os pixadores que já morreram, mesmo sem conhecê-los. A homenagem aos pixadores falecidos é uma constante entre os pixadores. Observa-se em muitos muros da cidade a referência aos que já morreram e a frase “esteja em paz”. Certa feita, em uma entrevista gravada com um pixador do município de Diadema, este homenageou dois pixadores de sua grife que ele não conhecia, pois eles tinham falecido antes de seu ingresso na mesma: *“queria mandar uma homenagem para o nego dos Homens Pizza e pro moreno dos Vikings, apesar de eu não conhecer eles, estejam em paz”* (Sombras).

A *grife*, portanto, desempenha dois papéis na dinâmica da pixação em São Paulo. O primeiro, destacado anteriormente, é o de permitir a troca entre grupos de diferentes regiões da cidade. Já o segundo é o de unir forças. Pois, entre os pixadores, há uma intensa competição para ver quem deixa mais marcas nos espaços da cidade e consegue com isso aumentar o seu *ibope*. Desta disputa surgem conflitos que se expressam nos muros pelos atropelos e por brigas - no caso de encontro dos grupos rivais. Fazer parte de uma *grife* assegura que os outros grupos de pixação ficarão a seu favor, em caso de confrontos com outros pixadores, e efetivamente ajudarão nos conflitos, *atropelando* os adversários ou utilizando a força quando acontecem as brigas. Chico, pixador que *lança Baderneiros*, apresentou a seguinte definição para a grife:

A grife é uma união, é uma família (...). Se tiver uma treta, você chama a grife. A grife é forte. A grife é o seu seguro. De repente vem uns cem pra te pegar e você não tem

como reagir. Não tem quem corre por você. Com a grife, se o cara te zoar depois eles te vingam (Chico, Baderneiros).

Como se pode perceber, a *grife* envolve seus integrantes numa série de prestações e contra-prestações que remetem às relações ressaltadas por Marcel Mauss (2003). Não por acaso ela é também denominada aliança pelos próprios pixadores. O pixador Zé que *lança Lixomania* ao falar dos problemas de se pertencer a uma *grife*, ajuda a evidenciar a força das regras de reciprocidade nestas alianças de pixadores, em que se deve assumir a briga do outro para que, futuramente, este o ajude em alguma contenda.

Para mim, grife significa briga e inimizade. Você tem que assumir brigas dos outros que você não tem nada a ver, já fui de grife, mas depois de uma briga em que caras de outra grife quiseram bater em mim e nos caras da minha grife que estavam comigo por causa da briga de um moleque, saí fora. O cara arranja confusão e os outros pagam. Os caras só não fizeram nada comigo porque me reconheceram e eu falei para eles que não tinha nada a ver com a treta. A partir daí saí fora desse negócio de grife (Zé, Lixomania).

A fala deste pixador apresenta uma outra questão importante, pois, ao entrar em uma *grife*, um pixador automaticamente assume as inimizades que esta já possuía anteriormente. Assim, ele terá inimigos que nunca conheceu pessoalmente. A rivalidade entre as *grifes* é intensa. Alguns chegam a afirmar que os conflitos entre os pixadores intensificaram-se justamente por causa do seu surgimento. O Risadinha, um dos pixadores que pode ser enquadrado na categoria dos mais velhos, disse no *Point* da Vergueiro que, para ele, a pixação tinha se tornado briga de gangues. Ele afirmou ainda que antes a competição se dava em torno de quem deixava a sua marca no local mais alto ou através de frases deixadas ao lado do pixo, que provocavam os outros pixadores. Este pixador contou ainda que, nas grifes em conflito na cidade, poucos são os pixadores que teriam ibope realmente. A maioria, segundo ele, só quer saber de brigar, esquecendo até da pixação. Apesar de um mesmo pixador poder unir-se a várias grifes, isso também gera problemas às

vezes, pois se uma delas entrar em conflito com a outra, ele é obrigado a escolher em qual vai continuar, tornando-se inimigo da outra.

Um conflito em especial foi muito importante para a configuração da relação entre as *grifes* em São Paulo. Trata-se da rivalidade entre as *grifes* Os Mais Imundos (OS + IM) e Os Registrados (OS RGS). Estas duas têm uma relação de oposição muito forte, na qual o indivíduo ser um Mais Imundo torna-o automaticamente inimigo daquele dos RGS. O encontro de integrantes destas duas *grifes* nos *points* nem sempre acaba bem. Diversas são as confusões relatadas. Alguns chegam a falar em assassinatos em algumas dessas situações. Entretanto, como estas duas *grifes* congregam muitos pixos, um número considerável de seus integrantes não conhece grande parte de seus amigos e muito menos de seus inimigos. Por isso a importância do reconhecimento de quem será o possível parceiro no ato que antecede a troca das folhinhas. Pois, perguntar a um indivíduo “o que ele lança” permite classificá-lo como aliado ou inimigo, ou até mesmo como alguém neutro que pode vir a tornar-se um aliado.

Esta *treta* entre Os Mais Imundos e os RGS é muito comentada e organizou novas alianças entre os pixadores. Muitas histórias surgiram sobre o porquê do início desta rixa. O pixador Irany¹⁹, que *lançava* Pirados como marca e fazia parte dos RGS, conta uma versão interessante do início desta rivalidade entre as *grife* Os RGS e Os Mais Imundos. Segundo ele, havia três histórias, ou, conforme ele mesmo definiu, “*três boatos*” sobre a origem da briga entre estas duas *grifes*.

1ª Tudo começou com dois pixadores: o Telo, que lançava A Firma, e era um dos donos dos RGS, e o Negão, que lançava Os Maldosos, e era um dos donos dos Mais Imundos. Eles eram amigos e um dia foram sair para pixar e o Telo roubou os passes de ônibus do Negão. A partir daí, então, começaram a brigar e a atropelar um o pixo e a grife do outro.

2ª O Negão tinha comprado uns sprays e os deixado com o Telo, mas o Telo “baforou” todos os sprays – baforar significa tirar todo o ar do spray e colocá-

¹⁹ A entrevista com Irany foi realizada em junho de 2001. Ele parou de pixar em 2003. Entretanto, continua a acompanhar tudo o que acontece na pixação e ainda mantém contato com muitos pixadores.

lo em um saco plástico para cheirar que nem cola, isto deixa o spray ruim. O Negão ficou nervoso e foi tirar satisfações com o Telo, este, já “bem louco” por ter cheirado o ar dos sprays, foi para cima do Negão e a partir daí começou a briga entre as grifes.

3ª O Telo e o Negão haviam combinado de roubar umas latinhas de spray juntos, mas o Telo “passou a perna” no Negão, foi na frente e roubou todas as latinhas sozinho. A partir daí o Negão começou a atropelar os pixos do Telo e a lançar Os Mais Imundos em cima dos RGS.

(Irany, Junho de 2001).

Estas versões da história sobre a origem do conflito entre as *grifes* lembram o que Lévi-Strauss afirma sobre os mitos:

Um mito diz respeito, sempre a acontecimentos passados: “antes da criação do mundo”, ou “durante os primeiros tempos”, em todo caso, “faz muito tempo”. Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro (Lévi-Strauss, 1975:241).

Pode-se notar também uma estrutura comum que permeia estas três versões da origem da rivalidade entre as *grifes*. Em todas, os dois supostos fundadores das *grifes* são amigos no início, mas rompem a amizade por causa de um *procedimento* errado do mesmo indivíduo, o Telo dos RGS. Na terceira versão da história, Telo combina algo com o Negão dos Mais Imundos, mas não age conforme o que foi acordado, enganando o amigo. Em outras palavras, Telo age de maneira *desleal*. Entretanto, se é Telo quem se comporta inadequadamente com o seu amigo, rompendo a amizade, é Negão quem leva o conflito para os muros da cidade. Percebe-se que, após a afronta feita por Telo, Negão atropela o pixo e a *grife* do Telo, instaurando, assim, definitivamente, o conflito entre Os Mais Imundos e OS RGS.

As variações deste “mito de origem” evoca ainda alguns elementos muito presentes na dinâmica da pixação. Um deles é o furto, que é uma atividade muito praticada por alguns pixadores e até certo ponto venerada. Muitas vezes, é dessa forma que alguns pixadores conseguem suas latinhas de tinta. As drogas são outro fator de forte presença, principalmente os inalantes como a cola e os solventes. No caso de uma das versões da história, o próprio gás da lata de *spray* usada para pixar serve também como psicoativo.

O então pixador Irany ainda contou que, após essa briga, todos os integrantes dos *RGS* e dos *Mais Imundos* começaram a *atropelar a grife* um dos outros. Porém, o conflito não ficou restrito a essas grifes. Outras que existiam na cidade também tomaram parte na briga e se aliaram a uma das duas que já estavam em conflito, criando dessa maneira alianças mais amplas de pixadores na cidade. Assim, algumas se alinharam aos *RGS* e outras aos *Mais Imundos*, fazendo com que grande parte dos pixadores que se organizavam em *grife* na cidade entrassem para a briga, dividindo-se em dois blocos antagônicos. “*Virou uma epidemia*”, relatou Irany. Este mesmo pixador ainda nomeou algumas das grifes que se juntaram aos *RGS* e aos *Mais Imundos* nesta briga. Segundo ele, as grifes União Tira Paz, União Pega Nós em Cima e em Baixo e Os Fora da Lei aliaram-se aos *RGS*; já as grifes: União São Paulo, Dead Kennedys, União 007, Os Podrão e União Agressão aliaram-se aos *Mais Imundos*.

O ápice desta guerra entre as grifes, conforme relataram os próprios pixadores, aconteceu entre os anos de 1998 e 1999. Embora alguns pixadores digam que esta “treta” já tenha acabado, ela ainda organiza a relação entre os pixadores na cidade e sempre está presente nas conversas nos *points*. Assim como o real motivo da morte de alguns pixadores é sempre tema de muita discussão e de inúmeras indagações, a suposta verdade sobre o começo desta rivalidade entre os *Mais Imundos* e os *RGS* também gera muita polêmica. Em um fórum de discussão de pixadores na internet (na verdade, uma comunidade de pixadores criada na rede de relacionamentos virtuais *Orkut*) surgiu, no final do ano de 2004, um tópico com o seguinte tema: “Treta, RGS x OS+IM o que pega???”. Neste tópico os pixadores levantaram as diversas versões da história do início deste conflito. Nele, percebe-se

o surgimento de novas versões deste mito e o modo como este conflito ainda é importante para a organização dos pixadores na cidade.

*****TRETA, RGS x OS+IM, O QUE PEGA???** ******* 10/26/2004 8:40 PM

Eu gostaria de saber qual o motivo da treta dos Rgs com Os+Im (ou vice e versa)... já me chamaram pra lançar RGS mas eu nem quis por causa dessas tretas aí que dizem que os dois tem... Eu queria saber qual foi a pegada [motivo] dessa treta aí oh... alguém sabe?

Falou Ae Paz!

10/26/2004 9:05 PM

vixi o verdadeiro motivo poukos sabem eu sei mi ligaram a idéia hj mesmo que um nego num sei de qual grife derrubo o outro do prédio se pa é quente isso [talvez seja verdade isso] pq eu já vi uma cena dessa quando eu era menor eu nem pixava que um maluko morreu que caio do prédio num sei pode ser mintira mais tmb mi falaram que uma vez as duas grifes se trombaram i morreu neguinho dos mais im [Mais Imundos] vixi cada um fala uma coisa eu num sei, eu tmb queria saber o verdadeiro motivo dessa treta que eu falo é uma das treta mais fudida do pixo.

Só é... 10/26/2004 10:50 PM

Tbm ja ouvi uma historia...

Que o Telo do "A firma" tinha tomado um Point dos +IM... aí depois os cara dos +IM cataram ele de quebrada e deram uns pipocos [tiros] nele...(não sei se isso é verdade).

Falaram que mataram ele depois dele ter catado uma casa... ai os cara deixaram o jet [latinha de spray] do lado da cabeça dele quando ele tava no chão...

sei lá né..são mitos que acho que poucos que sabem a real historia!

mas é isso ae!

quem souber de mais coisas coloquem ai!

Falou...

vai sabe 10/27/2004 12:47 PM

O certo ninguém sabe, cada um fala uma coisa, só sei que começo com o telo do AFIRMA Bom a historia que eu ouvi, foi que o telo era truta do maluco dos + imundos , só que ai parece que o maluco deu um bonde no cd do telo [roubou o cd],

aí o telo começou a atropela os pixo do maluco, um baratu assim, mais sei lá, é tanta historia que já viro lenda a parada!!!!!!

Já escutei mais de 20!!!!

falow rapaziada!!!!

Jah era *10/29/2004 8:36 AM*

Sem Maldade???Essa Treta Jah Miou [já acabou] Velho....Vcs taum eskentando a Cabeça com passado.....Mais Imundos e RGS Jah era.....agora treta com RGS eh soh Podrao....(eh Nois)....O Di (MSK8) Faz role com MFS q eh rgs.....nem pega nada jah era.....eh quente memo...fuiz

a verdade *11/5/2004 3:22 AM*

ae a verdade e o seguinte mano...o telo e o urso era amigão mano ai o telo e o urso combino de pegar um muro em uma padaria estava tudo programado para os dois catarem o muro a noite mais o telo foi sapão [não seguiu o combinado e quis tirar vantagem em cima do outro, foi desleal] e não espero o urso... quando o urso passo e viu OS RGS a firma telo....ele passo o rolo de ponta a ponta OS + IM...e assim começou a treta.....agora falar que OS + IM e OS RGS não tem mais treta o cara tá loko os podrões sempre teve treta com os rgs...

Já era! *12/2/2004 3:46 AM*

È o seguinte tenho a grife RGS desde os 11 anos, peguei a treta desde o começo, a gente tinha união com os+im,e treta só com os podrão tanto os rgs e im, só que aí por coisa besta os im começo a leva os pixo e fizeram união com os podrão, mas essa treta já era pq aki na kbrada já tem role dos im e rgs juntos, do q era a treta quase acabo, só alguns otários ainda tentam continuar essa bobeira, mas nem eh +, hj RGS só tem treta firme com os podrão, se alguém leva [atropela] seu pixo é pq tem inveja e só da ponto pra vc!

CANALHAS=EMER--> OS IMBATIVEIS + OCA

Vcs não sabem de nada *12/17/2004 5:21 AM*

*Sou mulher, e daí ?? Mas tenho certeza q vcs inventam mil historias e estão bem longe de saber a real. Bom, a real é q os caras eram tudo parceiros fortes, lado a lado mesmo, pode ver q ainda tem uns beral de uns Roles OS+IM e OS*RGS juntos. Os caras roubavam (Nunca soube o que...) E um começou a querer ser mais zóião q*

o outro e dai começou a treta... Quer dizer, A GRANDE VERDADE É QUE A TRETA NÃO TEM NADA A VER COM PIXAÇÃO. Muitos vão pensar q eu to falando besteira né?? Mas eu não to não, Sou amiga Do Jé do Wolfs e uma vez coleí num churras [fui a um churrasco] na casa do PLK e foi ai q fikei sabendo de tudo isso.(...) Ae quem achar q eu to num falei a verdade sobre a treta, quando colarem lá no point de São Bernardo perguntem pessoalmente. Ah, meu pixo é BADSIDE , mas tô de boa.

12/17/2004 5:56 AM

A VERDADE DISSO É QUE NINGUEM NUNCA VAI SABER A VERDADE SOBRE ESSA TRETA, SÓ SE ALGUÉM MORRER E IR PERGUNTAR PRO TELO PRO LELO , PRO PRETO(PRT) E VOLTAR PRA CONTAR CASO CONTRARIO POUÇOS SABEM DA REAL DESSA TRETA.

***vixiii treta forti** 12/18/2004 6:21 PM*

c liga.. quando eu lançava poison nois tinha OS+IM e DK ai o z tava cum o boné bordado cum DK ai uns maluko do AUTOPSIA (RGS) trombo [encontrou com] ele e dixavo [bateu, surrou] o muleke na treta e keimo a bombeta [boné] dele... falou paz...

***VCS VIAJAM !!!!!** 12/18/2004 8:51 PM*

Eu antes de parar de pixar lancei A Firma um tempo... assinava adr ! tem gente falando que a treta acabo, mas ninguém ta ligado oq são os olhares pra vc nos points "neutros".

Ninguém vinha acelerar do nada [ninguém vinha provocar ou querer arrumar briga sem motivo], mas soh esperavam vc dar uma brexa pra bomba estora.

*A rixa fico pra sempre, sempre vai ter enquanto tiver as grifes, oq muda eh a intensidade dela.e um tempo atras antes de pixar A firma eu era OS + IM a moh era [há muito tempo] (Tribos poco tempo e depois MKL*S)... a mudança gero uns conflito forte pro meu lado soh conhece a treta mesmo quem se fudeu (ou quase) por causa de treta de OUTROS...PURA PALHAÇADA !*

oq fode eh quando o povo leva pixação como vida..questao de honra....isso q fode !

... 1/19/2005 11:49 AM

Eu sei que a historia foi assim...o telo e o urso era amigos ...aí um dia eles tretaram e

o telo falou que ele era o cabeça dos mais imundos..e o urso negou..e de birra o telo criou os registrados..e saiu atropelando...

Esta discussão na rede aponta para outras versões do “mito de origem” deste conflito entre as grifes, porém na maioria dos casos retoma-se alguns dos temas já levantados nas versões relatadas por Irany. Contudo, o mais importante de se atentar nesta discussão é o quanto esta rixa entre os Mais Imundos e os RGS é relevante para o modo como se configuram as relações de conflito e aliança entre os pixadores. O próprio número de variantes que surgiram demonstra o quanto este assunto é importante e o quanto ele é discutido.

Um fato iria reforçar ainda mais esta contenda entre as duas grifes, Telo dos RGS e o personagem principal destacado nas três primeiras versões da história da rivalidade seria assassinado em 2001, poucos meses depois de ceder uma entrevista para um vídeo sobre pixação chamado *Pixadores em Ação*. Muitos atribuíram a morte de Telo a sua aparição nesta fita de vídeo, pois a mesma foi exibida em programas de televisão como o do “Ratinho”²⁰. No vídeo, em um determinado momento, Telo é questionado sobre a “treta” com os Mais Imundos. Este afirma que para ele nunca houve “treta” nenhuma e que se atropelavam o seu pixo, apenas estavam lhe dando mais ibope, pois já tinha parado de pixar por causa de sua filha que estava para nascer. Afirmou também que, naquele momento, estava apenas preocupado em ganhar dinheiro. Alguns dias após a morte de Telo, pixadores da grife OS RGS chegam ao Point da Vergueiro com uma faixa homenageando o Telo. Ocorreu uma grande briga neste dia, pois os pixadores dos Mais Imundos encararam aquela atitude como uma provocação. Houve muita confusão e correria e logo a polícia chegou em peso para intervir. Assim como o início do conflito entre as grifes, a morte de Telo também gerou muita discussão entre os pixadores e trouxe diversas teses sobre o real motivo de seu assassinato. No próprio fórum virtual dos pixadores apareceram diversas versões sobre o motivo do assassinato, conforme poderá ser observado a seguir.

²⁰ Transmitido pela emissora SBT e conhecido por seu conteúdo apelativo e por muitas vezes explorar a miséria humana como atração.

A*Firma telo 03/09/2005 03:39

Alguem ae sabe a história real da treta dele com os + imundos, e como ele morreu?
Abraz ae

03/12/2005 08:49

existe uma historia que me falaru uma vez num point, que foru segura ele pelos pé num pico [topo de um prédio] aí o maluco solto mas num sabe se foi na maldade ou não...mas tem otra história tamem que os + im mato por causa de treta

a causa da morte. 03/12/2005 22:28

Ai tem 2 historias uma foi q ele foi pixar a casa do mano q fazia energumenos, ai o maluko abriu a janela e enfiou polvora no Telo, outra historia é a de q o Telo tava na goma [o mesmo que bairro, ou quebrada] dele os manos do mais IM, enfiaram bala nele e no Lin 2, só que o Lin 2 conseguiu sair correndo, por isso os kra tão atraz do Lin 2.

RAFA*ARSENAL* OS+IM 03/14/2005 21:14

AE TO LIGADO QUE ELE TOMOU UNS TIRO..MAS NA REAL MESMO PARECE QUE NINGUÉM SABE DIZER.. FAZER O QUE..EU QUERO É PAZ.. ESSAS TRETA ANTIGA NEM TO AÍ.. FALOW

03/15/2005 11:14

Quando eu conheci o Telo, ele era o melhor amigo do Negão "Os + IM", andavam lado a lado! Aí eles tiveram uma treta boba, e começou a treta "OS RGS" X "OS + IM".

Quando o Telo morreu ele já tinha sussegado de rolê, tava curtindo a filhinha dele que tinha 13 dias, mas treta é sempre treta, chegou um cara na casa da mina dele, e deu vários tiros nele. Um no pescoço, fatal! E é isso, mas quem conhecia o Kara sabia como ele era. O maior deixa disso que eu já conheci. Fui...

nada a ave 03/16/2005 19:09

ate sei, mas nem vo da de zé povinho
deixem ele descansar em paz.....
zé povinho é foda

03/21/2005 22:17

camarada meu (a firma tom) morava na rua do telo... dizem q colaram de madrugada na casa dele... chamaram ele e deram uns pipoko nele na frenti da casa deli...Na minha opinião quem matou foi o Negão (os maldosos os+im) pq na época eles tavam com treta de um leva o outro [atropelar]...mas vai saber qual eh a real... quem foi q matou.

Muitas das versões do assassinato de Telo atribuem sua motivação a suas desavenças na pixação, inclusive algumas retomam a rivalidade com o Negão dos Maldosos. Outras variantes, entretanto, levantam a possibilidade de Telo ter sido assassinado pixando. Há também afirmações de que Telo realizaria algumas práticas criminosas pesadas, sendo por isso assassinado. Contudo, como os próprios pixadores afirmaram, nunca se saberá a verdadeira história de sua morte. Para eles, independentemente do real motivo do assassinato, restou a importância deste fato na pixação através das discussões suscitadas e das diversas versões da história contada por eles nos *points*, ou em fóruns virtuais de discussão.

3.3. Os dois sentidos da humildade

A noção de humildade é um elemento bastante evocado pelos pixadores, que constantemente se referem a essa idéia, principalmente quando se trata de apontar a virtude de alguém. Fazem alusão a esta categoria, também, quando querem evidenciar os defeitos de um pixador, mas, nestes casos, é apontada a falta dessa qualidade. Ser humilde aparece como elemento importantíssimo, senão imprescindível, na conduta de um pixador. É comum ouvir deles, ao se referir a um colega, frases do tipo: “O *mano* é *mó humilde*”, “o *mano* troca uma *idéia na humildade*”; ou ainda, ao explicar para um pixador mais novo como ele deve abordar um mais velho: “É só chegar na *humildade pra trocar idéia*”. Nos muros da cidade, ao lado de suas pixações, é comum se observar frases do tipo: “A *humildade é a base da fama*”. Esta noção rendeu até o nome da grife “A *humildade faz a*

diferença". Não ser considerado humilde pode causar sérios problemas para um pixador e acarretar em diversos desafetos pela cidade dispostos a *atropelá-lo*.

A humildade, no entanto, adquire dois significados para estes jovens. No contexto da pixação, ela não é entendida como subserviência, nem como uma postura de se rebaixar ao outro e demonstrar as fraquezas. Dessa forma, ser humilde significa estar aberto às relações de troca, não se expressar com arrogância e não adotar uma postura de superioridade. Em meio à competição gerada pela pixação, o apego a esta idéia peculiar de humildade contribui para que as relações de troca ocorram. Sendo assim, ser humilde entre os pixadores é estar disposto a assinar uma folhinha e a compartilhar o *spray* com outros colegas e, também, cumprimentar a todos com um aperto de mão quando se chega a uma roda de pixadores no *point*, mesmo que nela estejam dezenas de pessoas. Ser humilde é o contrário de ser "metido", de ser arrogante, porém não significa também se submeter aos outros ou dar a outra face, conforme o modelo cristão de humildade. Quando se é tratado de forma ríspida por alguém, deve-se também deixar a humildade de lado e enfrentar o sujeito que chega "*querendo se crescer*", "*querendo ser melhor do que os outros*". Adota-se nestas situações uma postura desafiadora contra quem age de forma não condizente com as normas de conduta.

Há, entretanto, uma outra forma destes jovens praticarem sua humildade que se expressa nos momentos de contatos com as chamadas autoridades da cidade. Ao serem abordados pela polícia, a postura desafiadora e transgressora desaparece. Nestes momentos, flagrados ou não pixando, eles se comportam de maneira subserviente: cabeça abaixada, mãos para trás, expressão séria e de submissão, sempre a chamar os policiais de senhor. Porém, engana-se quem pensa que estão demonstrando respeito aos policiais. Esta forma de expressar a humildade, mais de acordo com a concepção original do termo, porém distante do modo como eles o entendem, constitui, na verdade, uma encenação estratégica para não sofrer maiores punições. Faz parte dessa representação fazer cara de coitado para tentar enganar os policiais e convencê-los de que se é inocente, de que não se tem nada a ver com a pixação, ou mesmo de que se é grafiteiro - o que, muitas vezes, serve de atenuante para quando são pegos em ação. No *point*, um dos temas corriqueiros de suas conversas é o modo como conseguem enganar a

polícia simulando um suposto rebaixamento servil. Eles sempre dão muitas risadas ao contar como os policiais acreditaram em suas falsas histórias.

Na relação com autoridades de menor poder, ou que não detêm o monopólio legítimo da coerção física, a humildade como subserviência pode ser usada como uma estratégia inicial para a obtenção de determinados fins, mas assim como na relação entre eles, a conduta humilde pode ceder lugar a uma atitude de confronto. Foi o que aconteceu em uma das vezes em que acompanhei alguns pixadores que tentavam passar por baixo da roleta de um ônibus sem pagar a passagem, na Avenida Paulista. Neste dia, uma terça-feira, não pretendia ir ao *Point* da Vergueiro. Porém andando pela Avenida Paulista, próximo à rua da Consolação, encontrei alguns pixadores, que me convidaram para ir com eles. Não pude recusar o convite e segui para o *point* também. Fomos até o ponto esperar o ônibus e perguntei a eles se não era complicado passar por baixo da roleta na Avenida Paulista, se ali não era mais difícil os cobradores liberarem a passagem. Eles responderam que não, que era só chegar intimando o cobrador e ir passando. Um deles, o Leandrinho, ainda brincou comigo e disse que, em caso de resistência, eu, com a minha pasta, poderia dizer que roubei um banco e que “*tava dando fuga*” com o dinheiro e as armas na pasta, pois assim, segundo ele, o cobrador “*ficaria na moral*”.

Enfim, chegou um ônibus. Dudu foi o escolhido para pedir ao cobrador que passássemos por baixo. Acenamos para que o ônibus parasse e entramos. Dudu começou então com a ardilosa encenação de humildade. Falando baixo, com gestos contidos, demonstrando certa vergonha, pediu ao cobrador para “por favor” nos deixar passar por baixo, tudo com muita educação. O cobrador respondeu que não. Dudu insistiu para que ele liberasse nossa passagem. O diálogo ficou tenso, pois o cobrador levantou a mão e bateu na caixa onde guarda o dinheiro, dizendo: “*Já falei que não vai passar e pronto*”. Dudu, então, não teve dúvidas em se desfazer do personagem subserviente que pedia humildemente para passar por baixo da catraca sem pagar. Ele mandou o cobrador abaixar a mão e disse que se não quisesse deixar passar tudo bem, mas que não era pra levantar a mão para ele não. Dudu começou a provocar, falando do brinco que o cobrador usava e passou a chamá-lo de “viado”. Descemos do ônibus, Dudu ainda parou na porta antes de descer e ficou xingando o cobrador mais um pouco.

Pegamos outro ônibus e desta vez DML foi o escolhido para encenar a humildade e convencer o cobrador a permitir que viajássemos sem pagar. Este pixador usou da mesma estratégia de Dudu, agindo de forma parecida. O cobrador ficou meio vacilante, dizendo que não podia, que tinha câmera no ônibus, fiscal disfarçado etc. DML falou que era só até o Paraíso e que nem sentaríamos nos bancos. Ele insistiu bastante e o cobrador acabou permitindo que viajássemos sem pagar. Passamos todos por baixo da catraca. Logo após alcançar seu objetivo, DML deixou um pouco a humildade de lado e, em solidariedade ao cobrador, disse em voz alta que se houvesse algum fiscal no ônibus mesmo que era pra vir *“trocar idéia”* porque aí eles *“dariam um jeito”* nele. Fomos para o fundo do ônibus. Uma senhora estava visivelmente assustada, com medo da gente, encarando-nos e prestando atenção em nossa conversa. Leandrinho, para provocar, ainda brincou comigo mais uma vez, perguntando-me se o dinheiro e as armas estavam na minha bolsa, o que deixou a senhora mais assustada. No restante da curta viagem pela Avenida Paulista, entre a região da Consolação e o bairro do Paraíso, eles conversaram sobre o absurdo de se pagar R\$ 1,70 na passagem de ônibus e, como não podia deixar de ser, falaram sobre as pixações. Na hora de descer, agradeceram ao cobrador e desejaram-lhe um bom trabalho.

Constata-se, então, como a humildade aparece para os pixadores com formas e significados diferentes em dois momentos. No instante em que entram em contato com outros personagens da cidade, ou quando parados pela polícia ou quando precisam viajar de ônibus sem pagar, conforme os exemplos acima, eles põem em prática o modo mais adequado para se portar com estes atores sociais da cidade que detêm um certo poder, com humildade. Aqui se adota claramente uma estratégia para não ser punido ou para se conseguir certos benefícios: a humildade dissimulada. Entretanto, eles não assumem que esta postura que tomam com estes personagens seja de humildade, pois o que eles entendem por esse termo, apenas se concretiza entre os iguais, entre eles que são pixadores. Tem-se então a outra forma de manifestação da humildade, como ela realmente é entendida pelos pixadores.

Humildade Verdadeira ----- Entre Iguais

Humildade Dissimulada ----- Com Autoridades

Conforme já discutido, na pixação ser humilde é estar receptivo a estabelecer relações de troca. Não por acaso, alguns pixadores mais velhos que se recusam a assinar folhinhas são chamados de pixadores sem humildade. Neste contexto, a humildade não é mais uma forma de subserviência ou de se demonstrar diminuído em relação ao outro, mas um modo de se garantir uma certa igualdade. Essa humildade que tanto exaltam como qualidade principal de um pixador, na verdade, não tem uma definição exata. A humildade entre eles é mais bem definida pelas suas negativas. Humilde é aquele que não conta muitas vantagens, que não se porta como se fosse superior e que não desmerece os outros pixadores, mesmo que os mesmos estejam começando. Enfim, a humildade para os pixadores não têm o caráter de demonstrar uma certa inferioridade ou submissão, mas sim de evitar que alguns demonstrem superioridade em relação aos outros. Assim, a valorização da humildade funciona como uma estratégia para garantir a reciprocidade. Pois, mesmo que haja pixadores em *status* superior dentro da pixação, nenhum deles deve esquecer de agir com humildade e estar disposto a compartilhar algo com os colegas. A idéia do que é “ser humilde” entre os pixadores encontra, de uma certa maneira, similaridades com idéia de “ser considerado” assinalada por Marcos Alvito (2001) em sua pesquisa sobre as relações estabelecidas entre os moradores da Favela de Acari no Rio de Janeiro. Segundo Alvito, “ser considerado” é ser alguém que não se posiciona como superior aos companheiros, mas que, assim como entre os pixadores de São Paulo, também “não abaixa a cabeça”. Enfim, “*é a qualidade daquele que sabe criar em torno de si uma extensa rede de reciprocidade sem ferir susceptibilidades*” (ALVITO, 2001:65).

Além da noção de humildade, um outro elemento destacado pelos pixadores é a questão da lealdade, que remete ao respeito pelos acordos firmados e ao cumprimento da palavra empenhada. A evocação da lealdade, portanto, ressalta as obrigações que os pixadores têm com seus aliados, com os parceiros de sua grife. Nas versões da história do surgimento da rivalidade entre as grifes já é possível perceber como a quebra da lealdade pode gerar conflitos. Em uma delas, tem-se o

caso, em que o Telo e o Negão tinham combinado de furtar latas de tinta juntos, quando o primeiro resolveu ir sozinho, antes do outro, gerando uma cisão entre os dois. Embora não se refiram à noção de lealdade com a mesma intensidade que a de humildade, os pixadores estão sempre condenando aqueles que não cumprem o que foi combinado. Eles sempre comentam no *point* sobre fatos como o de quando dois pixadores acertam de pixar juntos em algum lugar e um deles vai antes sozinho. Agir de forma desleal pode ser ainda mais perigoso do que não ter humildade, pois o indivíduo será visto pelos outros como um traidor, alguém em quem não se pode confiar.

Estes dois elementos, humildade e lealdade, são fundamentais para que as relações de troca entre os pixadores ocorram. A humildade evoca a idéia de se estar receptivo ao contato com o outro e, conseqüentemente, à troca. Já a idéia de lealdade garante que os acordos recíprocos e as alianças sejam respeitados. Esta troca estabelecida pelos pixadores em São Paulo tem, então, um caráter agonístico, pois ela está acompanhada da rivalidade e da disputa por uma elevação de *status* dentro da pixação. Contudo, pode-se afirmar que a dinâmica da pixação somente se efetiva por conta da presença desta troca e desta disputa em suas devidas medidas. Pois, se uma das motivações que os levam a pixar é obter *ibope*, ou seja, ser reconhecido e adquirir notoriedade entre os colegas, sem as relações de reciprocidade e somente com a competição e o conflito, não haveria espaço para se desfrutar desta fama adquirida entre os pares da pixação. Por isso, a importância de espaços de troca como os *points* é tão grande para eles. Dessa maneira, a guerra e a troca confluem para garantir a dinâmica da pixação e embora a troca minimize os conflitos entre os pixadores ela não os elimina. Estes conflitos, por sua vez, contribuem para reforçar as alianças criadas a partir dos contatos estabelecidos entre eles em seus pontos de encontro.

CAPÍTULO 4

GRUPOS JUVENIS NA CIDADE

“Não adianta querer ser, tem que ter pra trocar, o mundo é diferente da ponte pra cá”.
(Da ponte pra cá, Racionais MC's)

4.1. O proceder dos pixadores e o circuito da “cultura de rua”

Na primeira vez em que fui a um *point* estava acompanhado por um pixador morador de um bairro vizinho ao meu, o Junior do Arteiros. Finalmente, conheceria o famoso *Point da Vergueiro*. Marcamos de nos encontrar na catraca da estação Vergueiro do Metrô. Ao chegar, ele logo me avisou para que eu tivesse cuidado, pois, como não estava vestido no estilo pixador, eu poderia ter problemas. Neste momento, estranhei o aviso dado por Junior, pois eu me considerava trajado de uma maneira bem casual, vestindo camiseta, calça cargo e tênis, avaliava que assim não me diferenciaria tanto dos pixadores. Mais tarde perceberia que não se tratava apenas da roupa, mas de outros elementos que caracterizariam o *proceder* dos pixadores. O meu colega pixador, nesta ocasião, assim como eu, não sabia muito bem onde se situava o *point*. Por isso, ao ver um jovem ao estilo *Hip Hop* (calça cargo larga, boné, camiseta de time de basquete), logo perguntou a ele. Porém, este não soube dar a informação, pois não era pixador, mas *b.boy* (dançarino de *break*). Embora o jovem *b.boy* não tenha conseguido nos ajudar mostrando onde ficava o *Point da Vergueiro*, o fato de Junior o ter abordado foi revelador de como o estilo de roupa utilizado pelos pixadores é compartilhado por outros grupos de jovens na cidade, gerando inclusive, em alguns momentos, certas confusões como esta. Somente quando encontramos alguns pixadores portando as folhinhas com suas pixações na frente do Centro Cultural São Paulo, percebemos que, enfim, tínhamos encontrado o *point*.

As primeiras conversas com os pixadores no *Point* da Vergueiro foram frustrantes para mim. Adotei como estratégia inicial apresentar-me como um pesquisador que realizava um trabalho para a universidade. Porém, na maioria das vezes que fazia esta apresentação, eu era completamente ignorado por eles. Afirmavam não ter nada a dizer e deixavam-me falando sozinho. Nos momentos em que o meu colega pixador - que ocasionalmente me acompanhava nas incursões ao *Point* da Vergueiro - apresentava-me aos seus pares, no entanto, estes se mostravam mais dispostos a falar comigo e a pesquisa rendia muito mais. Notei, então, que havia algo errado no modo como eu me portava junto a eles neste primeiro momento. Contudo, foi somente com um maior tempo de pesquisa de campo, após muitas idas ao *point*, que percebi o que estava errado com a minha abordagem. Observei que quando os pixadores, na troca de folhinhas, por exemplo, começavam a conversar, não chegavam já dizendo quem eram, mas perguntando ao outro quem ele era. Por isso, era comum neste contato inicial entre eles a seguinte pergunta: “o que você lança?”²¹. Comecei então a utilizar a mesma estratégia deles, não mais me apresentava logo de início, mas antes perguntava o que eles “lançavam” e também pedia para que assinassem uma folhinha pra mim. Após este contato inicial, muitos também perguntavam o que eu “lançava”, somente neste momento eu revelava que não era pixador e que estava fazendo uma pesquisa. A estratégia funcionou e consegui melhores resultados em minhas conversas com eles. Tive também mais um aprendizado sobre os *procedimentos* a serem adotados neste primeiro contato que os pixadores estabelecem entre si. Aprendi um pouco mais sobre o seu *proceder*. Esta forma de não chegar se apresentando, mas antes demonstrar interesse em saber quem o outro é, revela um pouco da noção de humildade evocada por estes jovens e discutida no capítulo anterior. Se para os pixadores, ser humilde é não se considerar melhor do que os outros, ao dizer quem eu era logo de início, já me situava numa posição superior a deles, o que era interpretado como falta de humildade, pois, conforme as palavras deles: “eu já chegava me crescendo”. Por isso o insucesso nas abordagens em que eu *procedia* desta maneira. Pois, mesmo entre eles, não se pode, em um primeiro contato, identificar-se como sendo este ou aquele pixador famoso. Nestas ocasiões,

²¹ Como já foi dito, esta pergunta é feita para identificar o nome do pixo do outro. O mesmo que “O que você pixa?”.

é de bom tom esperar que lhe perguntem quem você é, ou, no caso dos pixadores mais famosos, esperar que o reconheçam.

Como se pode perceber, estes primeiros contatos entre pixadores que ainda não se conhecem são ditados por certas normas que enunciam o que eles entendem por *proceder*. Dessa maneira, pode-se apresentar uma definição inicial dessa noção como um conjunto muito particular de regras de comportamento comum a determinados grupos na cidade, que não só regula as relações entre os indivíduos como também exprime o seu pertencimento. Esta idéia de *proceder* utilizada pelos pixadores também engloba outros dois elementos, já citados anteriormente: a humildade e a lealdade. Pois, como já foi visto, proceder com humildade e lealdade são fundamentais para o sucesso da relação entre os pixadores, já que estes dois elementos garantem o funcionamento da rede de reciprocidade e asseguram as alianças. Porém, a idéia de *proceder* é mais ampla e engloba outros elementos. Ela envolve um repertório próprio de modos de agir, de postura corporal, de fala, de gírias, de vestimenta e de outras referências comuns. Enfim, o *proceder* envolve um conhecimento específico, um capital simbólico peculiar a estes jovens e que inclusive extrapola os limites da pixação. O *proceder* remete a dois significados: o de procedência (de origem, de proveniência) e o de procedimento (de modo de portar-se, enfim, de comportamento). Pode-se afirmar que estes dois sentidos da palavra *proceder* estão presentes no uso feito pelos pixadores. Portanto, a idéia de proceder – ou simplesmente *procedê*, como muitos costumam dizer – refere-se a normas de procedimento permeadas por noções de procedência social.

Durante a pesquisa com os pixadores, embora não conhecesse muito bem o modo como eles *procediam*, percebi que dominava um pouco desse *proceder* mais geral que eles compartilhavam. Pois, assim como a maioria deles, eu era morador de um bairro reconhecido como de periferia. Ou seja, eu era de alguma *quebrada* da cidade. Portanto, conhecia algumas gírias, sabia algumas regras de como se comportar e tinha acesso a algumas referências comuns. Senti que, muitas vezes, ao dizer que morava em um bairro na periferia da cidade, aproximava-me mais deles. Porque, ao me reconhecerem como um morador de uma *quebrada*, eles logo diziam conhecê-la e já citavam alguns pixadores que moravam no meu bairro

também. Estava, portanto, falando a língua deles. Havia um repertório comum. Desse modo, quando eu era apenas um pesquisador da USP, acontecia uma relação de afastamento, pois eles me consideravam apenas mais um *boy* interessado em fazer um trabalho sobre pixação para a faculdade. Já quando afirmava ser de uma quebrada na zona sul, tornava-me alguém mais próximo deles, o que facilitava o contato. No caso em que os meus interlocutores moravam na mesma quebrada em que eu, ou às vezes em um bairro vizinho, a relação tornava-se mais estreita, pois a identificação era ainda maior. Nestes momentos, eles tentavam acionar minhas referências sobre o bairro, se eu conhecia tal escola, ou se conhecia aquela padaria, ou aquela avenida que tem aquele supermercado outro, para verificar se eu era mesmo da quebrada. Quando a dúvida se dissipava, logo já comentam entre si: “*o mano é lá da quebrada*”, como que dizendo que eu era um deles também. Assim, para fazer esta pesquisa com os pixadores, foi importante saber um pouco sobre o *proceder* da periferia da cidade, utilizado por diferentes outros grupos de diversas quebradas. Contudo, foi também necessário aprender o *proceder* mais específico utilizado pelos pixadores, que envolve alguns conhecimentos próprios da pixação, expressões e mesmo maneiras de se comportar como, por exemplo, nunca dizer a um pixador que não conhece o seu pixo, que nunca o viu, mas sempre afirmar que já o notou em algum canto da cidade.

O *proceder* dos pixadores insere-se no repertório mais amplo de certos grupos ligados à periferia ou à idéia, muito disseminada pela mídia, de “cultura de rua”. Ao ouvir a letra de um *rap*, logo se percebe o quanto a noção de *proceder* é também comum dentro do movimento *Hip Hop*. Em pesquisa com os *rappers* paulistanos, Pedro Guasco nota a importância do termo *proceder* dentro do *Hip Hop*: “O termo *proceder*, no meio social dos *rappers*, carrega o sentido de todo um conjunto de normas de conduta necessárias ao convívio social nesse contexto” (2001:88). Mesmo outros termos como humildade e lealdade são bastante recorrentes em outros contextos, como na quadra da escola de samba e torcida de futebol Gaviões da Fiel, por exemplo, onde se lê, com grande destaque, a seguinte expressão: Lealdade, Humildade e Procedimento, lema da torcida organizada do *Sport Club Corinthians*.

Percebe-se, então, que a identificação com as *quebradas* da cidade não ocorre apenas entre os pixadores. Outros grupos também se identificam e compartilham elementos que fazem referência à periferia, como exemplo tem-se os jovens do movimento *Hip Hop*, os membros de torcidas organizadas, os baloeiros, os skatistas, entre outros. O proceder dos pixadores possui então, além dos dois sentidos, dois níveis de expressão: um, mais amplo, que engloba todos estes diversos agrupamentos juvenis que fazem alusão a um mesmo repertório e outro, mais particular, que, a partir destas noções mais gerais, configura certas peculiaridades da dinâmica da pixação e do modo característico dos pixadores se relacionarem. Uma análise sobre os pixadores não deve, portanto, contemplar somente o plano mais específico em que eles se situam, mas também se remeter a este plano mais geral em que estão inseridos. Portanto, ao se falar sobre este grupo torna-se imprescindível tratar também dos outros com os quais eles se relacionam e compartilham o mesmo *proceder*. Englobam-se, assim, diferentes práticas culturais e de lazer que têm um repertório de referências comum: temas que façam alusão à periferia, à apropriação do espaço da rua e mesmo a uma certa idéia de transgressão, ou de contestação em alguns casos. Estes elementos aparecem em maior ou menor intensidade nos vários grupos juvenis que se articulam em torno do que se denomina por “cultura de rua”.

Algumas destas manifestações de jovens, no entanto, têm uma relação mais direta com os pixadores é o caso do *Hip Hop* e do *skate*. Com o primeiro, tem-se uma aproximação ainda maior, pois a relação com a periferia é também muito forte para este grupo. Muitas letras de *rap* fazem referência à periferia e, além disso, os pixadores estabelecem um contato intenso e ambíguo, já discutido anteriormente, com os grafiteiros²². Apesar de nem todos os pixadores gostarem deste gênero musical, a maioria deles o admira e muitos, inclusive, reivindicam um lugar para a pixação dentro do *Hip Hop*, afirmando-se como a parte mais radical deste movimento. Torna-se inclusive, atualmente, impossível não relacioná-los, basta observar o modo de se vestir dos pixadores, que converge para o estilo dos *rappers*, ou freqüentar algumas de suas festas que têm o *rap* como trilha sonora, para perceber o quanto a pixação está entrelaçada com esse estilo musical. Porém,

²² O grafite, junto com o *rap*, o *break* e o *DJ*, é tido como um dos elementos constitutivos do Movimento *Hip Hop*.

assim como na relação com os grafiteiros, este entrelaçamento tem as suas complexidades. Embora os pixadores digam pertencer a esta forma de expressão cultural, eles também acusam alguns dos integrantes “oficiais” do *Hip Hop* de discriminá-los e de não reconhecê-los como parte do movimento. Além do *Hip Hop*, eles também mantêm grande contato com uma prática esportiva e de lazer bastante comum nas grandes cidades, o *skate*. Esta relação pode ser comprovada pela maior concentração de pixações no entorno das pistas onde esse esporte é praticado.

Assim, se um pixador pode também ser um *rapper* e/ou um *skatista*, em outros momentos, nos dias de jogos, por exemplo, ele pode fazer parte de uma torcida organizada e ir com os amigos assistir aos jogos do time para o qual torce. Durante a madrugada, quando não está fazendo um rolê, este mesmo jovem pode soltar balões, para depois correr com sua turma atrás deles de motocicleta e tentar recuperá-los; prática bastante comum nos bairros da periferia da cidade. Atividade que, entretanto, é proibida por causa do risco de incêndio que os balões podem causar. Os baloeiros são, por esse motivo, tão perseguidos quanto os pixadores. Percebe-se, então, que nesta forma de lazer também há o componente da transgressão, pelo qual vislumbram-se pontos de contato com a pixação. Aliás, é interessante observar a semelhança do álbum de cromos de pixação, chamado “Só Pixo”, com os álbuns de cromos de balões colecionados pelos baloeiros. Conversando com os criadores do álbum de pixações, no entanto, percebe-se que esta semelhança não é obra do acaso, um de seus criadores é também baloeiro e até pediu auxílio para os produtores dos álbuns com fotos de balões.

Não obstante os inúmeros outros grupos juvenis dos quais os pixadores podem participar, estabelecendo assim trocas com outros jovens que não façam parte da pixação, estas relações obedecem a uma certa lógica: acontecem principalmente entre os que têm alguns elementos em comum, enfim, que têm um mesmo *proceder*. Individualmente, no entanto, não se pode descartar casos de jovens que façam parte de outras manifestações culturais e/ou práticas de lazer que estejam inseridas dentro de outro contexto em que a idéia de periferia, de “cultura de rua”, ou de transgressão não tenham tanta importância. Porém, esses casos são menos recorrentes e, na maioria das vezes, esse indivíduo também participa de algum outro grupo juvenil que tenha uma maior proximidade com a pixação.

Percebe-se, todavia, que há na cidade alguns grupos e/ou práticas nos quais a presença de pixadores seria mais incongruente, portanto, mais rara. No final da década de 1990 e nos primeiros anos de 2000, ficaram famosos e são até hoje comentados entre os pixadores os conflitos destes e dos *skatistas* com outro grupo de jovens da periferia que freqüentavam a cena eletrônica²³, os *cybermanos*. Pude certa vez presenciar dezenas de *cybermanos* perseguindo dois *skatistas* no bairro de Pinheiros²⁴, zona oeste da cidade. O contrário também ocorreu inúmeras vezes, até com maior freqüência. A rivalidade parece perdurar até hoje, conforme relato dos pixadores, porém em menor intensidade. Há alguns, no entanto, que chegam a afirmar que não existe mais essa “treta”, evidenciando o enfraquecimento da contenda. Outro grupo com o qual os pixadores dificilmente instituirão relações mais estreitas é constituído por jovens que são, genericamente, denominados como *boys*, termo que se refere aos jovens de famílias melhor situadas economicamente, conhecidos entre os pixadores por levarem uma vida fácil e ostentarem tal riqueza. Estes são quase que o par oposto dos pixadores. Embora estes não saibam definir muito bem quem são estes *boys*, eles os têm como modelo de como não se comportar. Segundo muitos deles, o *boy* não tem *proceder* e também não tem humildade. É alguém que quer humilhá-los por ter a posse de alguns bens de consumo aos quais eles não podem ter acesso. Portanto, dificilmente se verá um pixador em alguma badalada casa noturna do bairro da Vila Olímpia junto com os *boys*, ou *mauricinhos* como também são chamados pela mídia²⁵.

Contudo, se é raro encontrar um pixador em alguma danceteria de *boy* no bairro da Vila Olímpia, o mesmo não se pode dizer de um *show* de *rap* ou de uma pista de *skate*, por exemplo. Há, portanto, certos lugares em que a presença dos pixadores é maior. Dessa maneira, pode-se inserir o circuito dos pixadores em um circuito maior, que denominaremos aqui de *circuito da “cultura de rua”* em São Paulo. Este circuito mais amplo, além dos espaços próprios dos pixadores, como os *points* e festas, engloba também locais freqüentados por estes outros grupos juvenis

²³ Sobre a cena eletrônica em São Paulo ver pesquisa de mestrado em andamento de Carolina de Camargo Abreu, *Festas Raves - Encontros e Disputas*, FFLCH, USP.

²⁴ Região de concentração de diversas casas noturnas de diferentes estilos na cidade.

²⁵ Sobre o lazer noturno de jovens na Vila Olímpia ver pesquisa de Clara Azevedo e Ana Luiza Borges: “A mancha de lazer da Vila Olímpia”. In: MAGNANI & MANTESE (orgs.). *Jovens na Metrópole* (no prelo).

com os quais os pixadores têm uma certa afinidade ou que até, em muitos casos, também participam deles. Assim, diversos pontos podem ser apresentados como pertencentes a este circuito da “cultura de rua” compartilhado pelos pixadores: shows de *rap*, pistas de *skate* (que em alguns casos coincidem com certos *points* de pixadores na cidade) e casas noturnas voltadas para o público do *Hip Hop* (Clube da Cidade, na região central, e Tio Sam na zona norte, entre outras). Há ainda um pavimento de uma galeria comercial na rua 24 de Maio no Centro de São Paulo bastante freqüentado pelos pixadores. Esta galeria é também conhecida por Galeria do Rock por conta das inúmeras lojas especializadas em CDs de *rock* situadas em seus andares superiores. Porém, em seu piso inferior há as lojas que vendem produtos ligados ao Movimento *Hip Hop* e ao movimento negro de uma maneira geral²⁶. Nessa galeria é possível se comprar CDs de *rap*, acessórios para *skate* e roupas do estilo *Hip Hop* com as principais grifes desse segmento²⁷. Para os pixadores, especificamente, há diversos produtos diretamente ligados à pixação como o álbum de cromos “Só Pixo”, a fita de vídeo com o documentário feito por pixadores denominado, “Pixadores em ação”. Encontra-se por lá até uma loja especializada em produtos para grafiteiros e pixadores chamada Grapixo. Nela, pode-se adquirir *sprays* de tinta, bicos de *spray*, revistas e filmes especializados em grafite e pixação, entre outros acessórios para aqueles que têm as latinhas de tinta como instrumento de expressão na cidade. Os diversos pontos deste circuito da “cultura de rua” em São Paulo não estão contíguos na paisagem da cidade, porém conseguem ser reconhecidos em sua totalidade por aqueles que o utilizam e, neste caso, que pertencem a esta “cultura de rua”, conforme a própria definição de circuito elaborada por Magnani (2000).

Conforme já exposto, esta idéia de “cultura de rua” é bastante utilizada pela mídia para denominar estes diferentes estilos juvenis. Porém, a expressão é também usada pelos próprios grupos, que afirmam pertencerem a uma “cultura de rua”. Devemos então evidenciar que entendemos “cultura de rua” como um conjunto de práticas de lazer e manifestações culturais majoritariamente de jovens, pautadas por formas particulares de apropriação do espaço da rua. Os grupos que se

²⁶ Há inclusive cabeleireiros especializados em cortes afros.

²⁷ Ver pesquisa de Márcio Macedo sobre a galeria e o consumo da juventude afro-paulista, “Serviço de Preto: uma faceta do consumo da juventude afro-paulista” (2004).

autodenominam integrantes desta “cultura de rua” possuem certas referências comuns, como as noções de periferia, transgressão, contestação e têm até mesmo um modo de se vestir que perpassa todos os grupos, baseado na moda denominada *street wear* (calças largas, tênis, boné e camiseta com estampas que façam alusão à temática dos grupos juvenis). Porém, apesar da identificação com o espaço da periferia ser um dos pontos definidores desta “cultura de rua”, deve-se ressaltar que não são apenas jovens pobres, moradores dos bairros da periferia da cidade, que partilham deste conjunto de práticas. Há também uma grande afluência de jovens mais abastados, pertencentes à chamada classe média.

Nos diversos locais que compõem este circuito da “cultura de rua” ocorrem pontos de intersecção (pistas de *skate*, *shows*, galeria etc.) em que jovens de diferentes grupos se encontram. Dessa maneira, os jovens das classes médias começam, seja através do *rap*, do grafite ou do *skate*, a ter contato com os pixadores na cidade. Com isso, muitos deles ingressam na pixação em busca do desafio maior que ela proporciona e da sua aparência mais radical e transgressora. Para entender como estes jovens, que geralmente não moram em nenhuma *quebrada* da cidade²⁸, conseguem se articular dentro da dinâmica da pixação e da lógica do *proceder* que há nela e entre os outros grupos mais ligados à periferia, é preciso retomar os dois níveis em que o *proceder* se manifesta: o *procedimento* e a *procedência*. Os indivíduos oriundos das classes médias, não obstante o fato de não terem a mesma procedência social, ou seja, não serem pobres da periferia, conseguem, em alguns casos, manipular algumas regras de como *proceder* neste meio. Portanto, eles aprendem alguns *procedimentos* necessários para serem bem aceitos dentro do grupo de pixadores e não receberem o tratamento conferido aos *boys*. Para se conseguir esta façanha, diversas são as estratégias. Há casos em que não se revela o bairro onde mora para não ser discriminado, como o do jovem que reside em Moema, bairro de classe média alta, mas que diz aos colegas que mora em Santo Amaro, distrito na zona sul da cidade próximo a Moema, que agrupa diversos bairros de periferia²⁹. Há ainda casos, como o de um rapaz formado em administração de

²⁸ Embora alguns destes jovens possam também ser moradores mais abastados dos bairros da periferia da cidade.

²⁹ O distrito de Santo Amaro, apesar de abrigar diversos bairros de classe média alta, é considerado a porta de entrada para os bairros pobres da periferia da zona sul. Do Terminal de Ônibus Santo Amaro partem ônibus para os bairros mais afastados. Há ainda neste bairro a linha de metrô que segue até o

empresas, que mora na região de Interlagos, zona sul de São Paulo e que diz não levar os colegas pixadores para a sua casa porque estes ficavam reparando nos seus pertences e comentando que ele era “o maior boy”. Porém, ocorrem casos em que o desejo de *proceder* como um pixador “de verdade” é tão grande que alguns destes jovens de classe média acabam exagerando ao querer afirmar de forma exaustiva certos sinais de pertencimento ao grupo. É o que acontece com um pixador, que também é *rapper*, conhecido por Grilo. Ele sempre aparece no *point* trajando, de maneira exagerada, diversos elementos que lembrem esta “cultura de rua”: lenço na cabeça, boné, correntes no pulso e no pescoço etc. Além disso, este jovem ao tentar imitar o modo de andar dos pixadores e dos *rappers*, que têm um certo gingado desafiador, acaba agindo de forma extremamente caricata. Grilo é constantemente alvo de piadas e de comentários depreciativos por parte dos outros pixadores.

Entretanto, não se pode afirmar que os pixadores somente mantenham contatos e estabeleçam trocas com os outros grupos que pertencem ao que nomeamos por “cultura de rua”. Tampouco se pode dizer que os pixadores instituem uma relação conflituosa com todos os outros jovens que integrem outras práticas culturais e de lazer que destoem desta “cultura de rua”. Os pixadores podem sim entrar em contato e mesmo pertencer a outros grupos juvenis que não necessariamente tenham a periferia ou as idéias de transgressão e contestação como orientadoras de suas ações, pois não formam um grupo isolado na cidade. Porém, é interessante destacar que estas relações não são totalmente aleatórias, e mesmo quando parecem destoar do que seria o mais lógico dentro da dinâmica desta cultura de rua, há outros nexos que justificam estas outras interações na cidade. Assim, poderia soar estranho que um pixador freqüentasse os forrós universitários³⁰ na cidade de São Paulo. Porém, conforme relatou o Chico, dos Baderneiros, muitos pixadores vão até o KVA, conhecida casa de forró universitário no bairro de Pinheiros. No entanto, ele faz uma ressalva: “a gente vai curtir um forrozinho no KVA também, mas a gente não entra, fica nos bares em frente, quem

bairro do Capão Redondo, considerado em determinado momento como um dos mais violentos da cidade.

³⁰ Sobre o Forró Universitário, ver pesquisa de Daniela Alfonsi: “O Forró Universitário em São Paulo”. In: MAGNANI & MANTESE (orgs.). *Jovens na Metrópole* (no prelo).

paga para entrar lá são os boys". Percebe-se nesta fala uma apropriação outra do espaço: os jovens não entram na casa noturna, mas ficam do lado de fora. Aproveitando do movimento gerado pela presença da mesma no local, alguns jovens, entre eles os pixadores, ficavam pelos bares e calçadas do entorno, numa forma de apropriação muito parecida com a do Centro Cultural São Paulo. Embora de maneira um pouco diferente da dos freqüentadores habituais, os pixadores participavam das festas de forró universitário no bairro de Pinheiros.

Retomar a noção de circuito pode ajudar a compreender um pouco melhor como se dão estas relações entre os diferentes grupos juvenis. Ao analisarmos o circuito mais amplo, da "cultura de rua", percebemos que em alguns pontos do mesmo há uma intersecção com pontos de encontros de outros grupos na cidade. É o que acontece, por exemplo, com a galeria comercial da rua 24 de Maio, apesar do piso inferior congregar majoritariamente os integrantes desta "cultura de rua", os pisos superiores reúnem os jovens apreciadores dos diversos estilos musicais derivados do *Rock*, unindo assim num mesmo espaço grupos diferentes, que têm neste gênero musical um elemento aglutinador. Assim, nestes pisos superiores podem ser encontrados *punks*, jovens apreciadores de *heavy metal*, *rockabillys* etc. Todos, no entanto, acabam, em algum momento, cruzando com pixadores e *rappers* na entrada da galeria ou no piso térreo. Esta galeria é, portanto, um ponto de intersecção de pelo menos dois circuitos: o da "cultura de rua" e o do *Rock* na cidade. No caso mais específico dos pixadores, é interessante perceber como alguns de seus *points* situavam-se em espaços utilizados por outros grupos. É o caso do *Point* da Vergueiro, que além dos pixadores congregava os "alternativos". Neste caso, há mais uma relação inusitada, a de pixadores com *hippies*. Embora, o contato entre os dois grupos não fosse tão estreito, eles acabaram compartilhando durante um certo período de um mesmo espaço sem maiores conflitos.

4.2. Reflexões sobre a juventude e suas práticas culturais: o caso dos pixadores

Registra-se a existência de outros grupos de jovens com os quais os pixadores têm maior afinidade, estabelecendo relações de trocas mais diretas e

constituindo, dessa maneira, um circuito na cidade. Porém, assinalam-se também outras formas juvenis de expressão com as quais, ocasionalmente, eles podem constituir relações de aproximação, troca e, em alguns momentos, até de pertencimento. Demonstra-se, dessa maneira, que não formam um grupo autocentrado. A troca, apesar de ser um elemento importante na pixação, não ocorre exclusivamente entre os próprios pixadores. Entretanto, detectar estas relações mais amplas que estabelecem na cidade apenas é possível através de um olhar que não os enxergue como um grupo fechado e isolado na metrópole, impossibilitado de estabelecer relações com os outros. Eles também não podem ser vistos como um grupo que está à deriva, desterritorializado, ao contrário do que poderia se concluir em um primeiro momento. É preciso adotar, então, uma perspectiva que seja capaz de apreender determinadas regras do modo como estes jovens se apropriam do espaço urbano e tecem suas redes de reciprocidade, bem como da maneira com que estes se portam em suas relações cotidianas. Porém, para isso, deve-se atentar tanto para as características mais particulares do grupo estudado, como para aspectos mais gerais, que os situem na cidade. Torna-se necessário, portanto, articular um enfoque que se coloque de perto e de dentro do grupo estudado com um outro, este de longe e de fora, conforme conceituação de Magnani (2002) ao discutir as peculiaridades da pesquisa na antropologia urbana.

Para captar essa dinâmica, por conseguinte, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido. Em outros termos, nem no nível das grandes estruturas físicas, econômicas, institucionais etc., nem no das escolhas individuais: há planos intermediários onde se pode distinguir a presença de padrões, de regularidades (MAGNANI, 2002).

Este olhar mais distanciado permite perceber que os pixadores não estão isolados na metrópole, mas inseridos numa dinâmica maior de trocas com outros grupos de jovens na cidade. Isto demonstra o quanto seria inviável aplicar aos pixadores a denominação de “tribo urbana”, conforme o modo como a mídia e determinadas abordagens acadêmicas referem-se a diferentes práticas culturais juvenis que se articulam nas grandes cidades. Pois o termo “tribos urbanas”, no

plural como é mais comumente utilizado, evoca, como afirma Magnani (1992b:49), *“pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades”*. Magnani ainda aponta como esta acepção de “tribo” é utilizada de uma maneira totalmente contrária de seu sentido original, empregado como termo técnico pela etnologia no estudo de sociedades de pequena escala. Pois, “tribo”, neste emprego específico utilizado no estudo das sociedades indígenas, configura:

(...) uma forma de organização mais ampla que vai além das divisões de clã ou linhagem de um lado e da aldeia, de outro. Trata-se de um pacto que aciona lealdades para além dos particularismos de grupos domésticos e locais (MAGNANI, 1992b:49).

Dessa maneira, se “tribo” em seu contexto original denota alianças mais amplas, nesta sua outra utilização, direcionada para as sociedades urbano-industriais, aponta para os particularismos, para grupos bem delimitados. A pesquisa com os pixadores, no entanto, possibilitou demonstrar que há um segundo equívoco nos usos desta noção, pois a idéia de “tribo”, quando aplicada aos grupos urbanos, em especial aos formados por jovens, não apenas destoa de seu sentido original, como também se mostra inadequada no modo como se quer abordar estes grupos, pois estes não podem ser vistos como uma comunidade homogênea, conforme o termo evoca.

(...) Sob esta denominação costuma-se designar grupos cujos integrantes vivem simultânea ou alternadamente muitas realidades e papéis, assumindo sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares.

É o caso, por exemplo, do rapper que oito horas por dia é Office-boy, do vestibulando que nos fins de semana é rockabilly; do bancário que só após o expediente é clubber; do universitário que à noite é gótico; do secundarista que nas madrugadas é pichador, e assim por diante (MAGNANI, 1992b:51).

Como se pôde constatar, os grupos juvenis não são fragmentos isolados que não se comunicam na cidade. A pesquisa com os pixadores revelou que grupos com diferentes práticas estabelecem relações de trocas entre si e configuram arranjos culturais particulares que se estendem por toda a cidade, possibilitando encontros e múltiplos pertencimentos.

Há ainda um outro problema com a denominação “tribos urbanas”, pois esta também, muitas vezes, quer enfatizar apenas um certo exotismo como característico de alguns agrupamentos juvenis. O sociólogo português José Machado Pais (2004), em introdução a uma coletânea de estudos sobre as intituladas “tribos urbanas” em Portugal e no Brasil, aponta para esta busca do exótico por parte da mídia, que acaba por estigmatizar através do uso de termos como “tribos urbanas”, “gângues” e “bandos”.

(...) Logo nos demos conta de como as abordagens do senso comum e dos mass media sobre o fenômeno das tribos urbanas buscavam um “outro” crítico para o etiquetar, da mesma forma que a velha etnografia farejava o exótico para melhor o colonizar (PAIS, 2004:9).

O antropólogo espanhol Carles Feixa (2004) também irá enfatizar o caráter midiático e estigmatizante do termo “tribos urbanas” e aponta uma mudança terminológica protagonizada pela literatura acadêmica internacional nos estudos sobre juventude. Tem-se assim uma nova forma de denominar as práticas dos jovens: “culturas juvenis”. Este último termo passa a ser o mais utilizado pela academia e, ainda segundo Feixa, indica também uma nova forma de olhar o problema da juventude que não se pauta pela busca de estigmas e exotismos.

Como se pode perceber, há diversas chaves interpretativas nas quais os pixadores poderiam ser lidos. Um delas foi revelada, de uma certa maneira, nesta discussão sobre o termo “tribos urbanas”, trata-se da temática da juventude, campo em que este estudo sobre os pixadores, de certa forma, se insere. Optou-se aqui, entretanto, por não se fazer um extenso levantamento da literatura sobre juventude. Tampouco serão discutidas as diferentes abordagens sobre esta temática, tendo em

vista que outros autores já o fizeram de forma satisfatória³¹. Dessa maneira, o que se pretende é muito mais discutir o modo como esta questão configura-se entre os pixadores.

Cabe, primeiramente, enfatizar que não há um conceito de “juventude”, mas diferentes concepções do que se entende por esta categoria, que podem variar conforme a sociedade e a época. Nas Ciências Sociais, há a tentativa de se desnaturalizar esta noção. Groppo (2000), em texto sobre as juventudes modernas, afirma ter como tarefa desmistificar o fundamento “natural” da juventude e, dessa forma, pretende mostrar:

(...) que a faixa etária juvenil, assim como os demais grupos de idade, são uma criação sócio-cultural própria, marcante e fundamental dos processos de modernização e da configuração das sociedades contemporâneas (GROPPO, 2000:27).

Porém, se a noção de juventude não pode ser naturalizada e nem definida de forma unívoca, alguns enfoques tendem a atribuir um único critério para definir a constituição dos denominados grupos juvenis. José Machado Pais (2003) aponta para duas destas abordagens. Uma delas, nomeada por este autor como “corrente geracional”, define as chamadas “culturas juvenis” a partir do seu critério etário, ou seja, em sua relação com a “geração adulta”. “*A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente diz respeito à continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais*” (PAIS, 2003:48). O outro modo de tratar os grupos juvenis evidenciado por Pais (2003) enfatiza a origem social destes grupos, tendo, portanto, um enfoque na classe social em que os grupos juvenis se inserem, esta última recebe a denominação de “corrente classista”.

Para esta “corrente classista”, as “culturas juvenis” seriam “culturas de classe”. Por esse motivo, conforme afirma Pais (2003), ela seria crítica em relação a qualquer conceito de juventude, pois, mesmo quando entendida como categoria, a noção de juventude teria sempre as relações de classe como elemento dominante. Deste ponto de vista, as culturas juvenis apresentariam sempre um significado

³¹ Com destaque para José Machado Pais (2003), Luís Groppo (2000), Angelina Peralva (1997), Hermano Vianna (1997) e Helena Abramo (1994).

político. Uma das principais abordagens que percebe os grupos juvenis a partir de suas relações políticas e de classe surge no Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham. Para esta linha de pesquisa, os rituais e os estilos das culturas juvenis manifestariam uma forma de resistência política³².

Dividido entre qual dos dois enfoques utilizar em sua análise sobre a juventude portuguesa, José Machado Pais (2003) decide não adotar nenhum deles como pressuposto principal para a análise. Ele procura se valer pela realidade, revelada pela pesquisa, das diferentes manifestações culturais dos jovens para, então, definir quais perspectivas que poderiam orientar a configuração das culturas juvenis.

Em vez de teimosamente me agarrar a uma, e uma só, destas correntes teóricas, o exercício a que me proponho é o de olhar as culturas juvenis a partir de diferentes ângulos de observação, de tal forma que umas vezes elas aparecerão como culturas de geração, outras como culturas de classe, outras vezes, ainda, como culturas de sexo, de rua, etc (PAIS,2003:109).

Da mesma forma este trabalho não tomou nenhuma destas alternativas, de forma exclusiva, para analisar os pixadores. A proposta escolhida foi a de discutir como a questão da juventude revela-se no grupo estudado, ou seja, partindo de sua dinâmica e formas de inserção na cidade. Pois os próprios pixadores definem, entre eles, categorias etárias distintas. Conforme evidencia a troca de folhinhas, pelo menos três categorias de idade podem ser identificadas: os pixadores mais velhos, os mais novos e os intermediários. Cada uma destas três faixas geracionais definidas tem, como pôde ser observado no capítulo anterior, um papel diferente nas relações de troca. Estas diferenciações de idade, no entanto, não têm necessariamente o tempo biológico como elemento definidor: outros critérios podem ser levados em consideração. O tempo em atividade na pixação e o bom desempenho em deixar a sua marca pela cidade podem contar para que um pixador possa ser considerado como alguém mais velho. Por exemplo, um pixador pode ser mais novo em relação à sua idade biológica, mas ter o *status* de um pixador mais

³² A principal obra desta escola, um clássico dos estudos sobre juventude, chama-se justamente *Resistance Through Rituals*, de 1976, com Stuart Hall e Tony Jefferson como organizadores.

velho, ou pelo menos de um pixador de idade mediana, se este for bastante conhecido entre os seus colegas de pixação. Em outras palavras, se alguém consegue se destacar alcançará o reconhecimento de um pixador veterano, mesmo que não tenha ainda idade para isso. O contrário também ocorre, com isso um pixador mais velho em idade pode ser considerado como alguém sem ousadia e com pouco destaque na cidade, sendo, portanto, igualado aos mais novos.

Os papéis de cada uma das faixas de idade, entre os pixadores, não se revelam apenas na troca de folhinhas, mas em diversos outros momentos. Esta diferenciação expressa-se principalmente no modo como cada um deles manifesta seu pertencimento ao grupo. Assim sendo, percebe-se que os pixadores mais novos, que ainda não têm tanto tempo na pixação e nem a fama dos mais velhos, tendem a carregar mais nos seus sinais de pertencimento para se afirmarem pixadores. Por esse motivo, é comum vê-los em um estilo de se vestir característico dos grupos que fazem parte da “cultura de rua” na cidade. Além disso, estes mais jovens utilizam certos elementos que evidenciem que eles são pixadores, um deles é o boné pixado³³, outros são as roupas sujas de tinta. Os pixadores intermediários já não costumam andar com tantas marcas que expressem a sua relação com a pixação, pois estes já não têm a necessidade de comprovação constante de seu envolvimento com a dinâmica desta prática. Ambos, no entanto, mais novos e intermediários, têm em comum o fato de freqüentarem com certa intensidade os espaços de troca e sociabilidade dos pixadores na cidade. Os pixadores mais velhos, no entanto, freqüentam muito pouco os locais de encontro, por isso são bastante assediados para assinar folhinhas quando resolvem aparecer em algum *point*. Estes veteranos também não utilizam muitos elementos que os identifiquem como pixadores. Eles não precisam afirmar seu pertencimento ao grupo e nem o seu envolvimento com a pixação, pois já alcançaram o pleno reconhecimento que um pixador pode alcançar.

Ao focar jovens que se expressam por uma prática execrada pelos outros cidadãos paulistanos e que é considerada crime contra o meio ambiente, uma outra abordagem possível para estes jovens seria a da delinqüência. Dos autores que abordaram a questão da delinqüência, podemos destacar Albert Cohen. Este autor

³³ Alguns deles bordam o nome do seu pixo no boné.

utilizou o termo subcultura delinqüente para designar os problemas de ajustamento dos grupos juvenis, porém, neste caso, a um determinado *status* social. Segundo Cohen (1968), a subcultura delinqüente teria como marca o repúdio aos padrões da classe média.

Esses problemas são principalmente problemas de status: a certas crianças é negado o status numa sociedade respeitável porque não podem elas se enquadrar nos moldes do respeitável sistema de status. A subcultura delinqüente trata desses problemas, fornecendo, os padrões aos quais essas crianças se podem adaptar (COHEN, 1968:133).

Já para David Matza (1968) a delinqüência juvenil é vista como uma das tradições ocultas da juventude. Ele enquadrará dentro destas tradições ocultas, além da delinqüência, a boêmia e o radicalismo de jovens universitários. Em exercício de comparação destes três formas de manifestação juvenil, este autor mostrará diferenças e similitudes entre elas. Conclui que ambas têm em comum o fato de se mostrarem hostis, cada uma ao seu modo, à ordem burguesa. Destaca-se este trecho do texto de Matza (1968) em que ele apresenta as características do que nomeou como o “espírito da delinqüência”.

O aspecto característico do espírito da delinqüência é o culto da proeza. Cada um dos temas da tradição delinqüente desenvolve um aspecto do significado de proeza. Em primeiro lugar, os delinqüentes estão profundamente envolvidos numa incansável busca de excitação, de “sensações” ou “emoções”. De acordo com o código do delinqüente, o estilo de vida aprovado é o da aventura. Atividades perpassadas de demonstrações de ousadias e cheias de perigos são muito valorizadas, em comparação aos padrões terrenos e rotineiros de comportamento. Embora as ações do delinqüente não esgotem o campo das atividades aventureiras, aquelas constituem um importante componente de atividades que podem ser consideradas como aventureiras. O fato de uma atividade implicar desrespeito às leis é muitas vezes a razão de ser do seu aspecto atraente. De fato, as “emoções” ou a “ação” podem vir a ser definidas com uma objetividade evidente, como um “tabu imposto pelos quadrados”, que aumenta e intensifica o momento presente da vivência e o diferencia das rotinas enfadonhas da vida cotidiana. O delinqüente, ao cortejar o

perigo físico, fazendo o que é proibido, e desafiando as autoridades, não está simplesmente se arriscando; está criando os riscos, numa tentativa de produzir excitação (MATZA, 1968:89-90).

Este excerto remete-nos logo às práticas dos pixadores em São Paulo, pois entre eles também se apresenta esta criação dos riscos para se produzir excitação, que eles expressam como sendo o anseio pela “adrenalina”. Por isso, aquele que pratica a maior proeza e enfrenta os maiores desafios consegue maior reconhecimento entre os parceiros da pixação. No entanto, assim como com o conceito de juventude, é interessante observar como esta questão configura-se entre os próprios pixadores, a partir de suas práticas na cidade. Dessa maneira, ao invés da noção de delinqüência, o melhor termo para analisá-los seria o da transgressão, pois há uma valorização desta idéia e de uma certa postura marginal, que está presente em diversos momentos de seu cotidiano e não apenas no ato de atentar contra a propriedade alheia com a sua pixação. No transitar pela cidade tentam sempre burlar o pagamento do transporte coletivo, passando por baixo da catraca do ônibus. No consumo de drogas está outro elemento presente como forma de desafio às regras; além da maconha, o uso de inalantes (cola e solventes) é muito comum. Há também aqueles que praticam furtos. Essa é, aliás, uma das formas encontradas para se conseguir as latas de tinta *spray*, seja furtando-as diretamente em lojas de tinta, seja através do roubo de pequenos objetos (pilhas, aparelhos de barbear, cosméticos, entre outros) em supermercados para serem vendidos no centro da cidade e assim se conseguir comprar as tintas. Embora não sejam todos os pixadores que admitam praticar os furtos, referências a estes estão sempre presentes em suas conversas nos *points*. Eles se referem a esta prática pelo seu artigo no código penal, o 155. Criou-se até uma grife exaltando o furto, a *Love 155*. Há, portanto, um certo flerte com a criminalidade, que para alguns se encerra nestas ações, consideradas “mais leves”. Para outros, no entanto, tais atos podem transformar-se em uma participação efetiva em crimes mais graves, como o narcotráfico e os assaltos à mão armada. O modo como a polícia procede com eles nas ruas da cidade acaba por tornar esta opção pela criminalidade algo ainda mais interessante. Ela quase sempre os trata de maneira violenta em suas abordagens. Os pixadores relatam casos de agressões verbais e físicas. Quando são flagrados

pixando, o mais comum é terem os seus corpos pintados com suas próprias tintas. Poucas vezes, no entanto, são levados presos. Os pixadores demonstram grande aversão aos policiais. Por isso, desafiar a polícia, ainda que não seja diretamente por causa da desigualdade de forças, é apontado por eles como um grande fator de motivação para a prática da pixação.

As transgressões realizadas por estes jovens adquirem também um caráter contestatório. Muitos afirmam protestarem por meio da pixação; poucos, entretanto, sabem dizer claramente contra o quê. Contudo, esta noção de contestação parece representar a idéia de que eles agem de forma negativa, indo contra as regras que regem a vida em sociedade, justamente para mostrar como as coisas estão erradas, como eles não têm oportunidades etc. Por outro lado, esta também se torna uma maneira de justificar suas ações, tão mal vistas pelo restante da população. Ao afirmarem que estão protestando, suas ações passam a fazer mais sentido para parte dos cidadãos paulistanos. Por isso, ao lado de algumas pixações surgem frases com um conteúdo mais político e escrito de maneira legível para quem não faz parte da pixação, tais como: *“ajudando a destruir um país mal governado”* ou *“só paro de pixar quando os políticos pararem de roubar”*. Contudo, como se pode perceber, o que eles fazem, na verdade, é muitas vezes dizer que todos praticam crimes no país, mas que apenas eles são condenados. Assim, os pixadores costumam se posicionar, quando são acusados de vândalos, como se fossem um mal menor, se comparados aos outros problemas do país, como os políticos corruptos, exemplo sempre levantado por eles. Quando são entrevistados por jornalistas, eles têm o discurso do protesto na ponta da língua.

Além da transgressão e da marginalidade, uma outra possibilidade de interpretação é a colocada por Angelina Peralva (2000), que tenta explicar o ingresso de parte da juventude no narcotráfico e na prática do surfe ferroviário³⁴ no Rio de Janeiro a partir da idéia do risco. Segundo esta autora, estes jovens, pobres em sua grande maioria, estariam mais submetidos aos riscos urbanos e, em especial, aos da violência. Por esse motivo, as condutas de risco poderiam se apresentar como forma de resposta ao próprio risco. Segundo Peralva, isto decorreria do fato de eles já terem uma familiaridade com ele. No caso dos

³⁴ Uso “não convencional” dos trens, em que os jovens vão do lado de fora dos vagões, equilibrando-se sobre o teto, como se estivessem surfando.

pixadores, entretanto, a conduta de risco constitui também uma outra maneira de transgredir, pois o que eles querem é ir além do que as regras impõem e desafiar os perigos. Para se entender o porquê destes jovens irem contra as normas e buscarem os riscos (de se escalar edifícios altos, de serem pegos pela polícia e mesmo de serem assassinados por um segurança particular) é preciso retomar a principal característica da pixação: a efemeridade. Este é o principal obstáculo que estes jovens desejam superar com suas pixações pela cidade. De forma paradoxal, eles tentam imortalizar seus nomes em um suporte extremamente efêmero que é a paisagem urbana. A pixação estampada em um muro pode ser apagada no dia seguinte à sua realização. Enquanto eles fixam suas marcas com letras estilizadas à procura “*da fama por outros meios*”, como afirmam grande parte dos pixadores, a cidade tenta arrancá-las da paisagem. Surgem as coleções de folhinhas como uma forma de fazer com que os seus pixos permaneçam e não sejam apagados da memória. Este é o grande objetivo almejado pelos pixadores. Muito mais do que fugir do anonimato, eles querem a permanência de seus nomes para que os seus colegas possam admirá-los. Nos muros, nos prédios, no grupo de amigos, nas revistas e na televisão, nas pastas com as folhinhas, nas histórias das aventuras, o que se busca é uma continuidade, algo que vença a efemeridade característica da pixação e que permita que a sua marca possa ser apreciada por futuras gerações de pixadores. Porém, para eles próprios, a pixação também é algo passageiro em suas vidas. Nenhum deles quer realmente continuar correndo riscos por muito mais tempo. Embora haja pixadores que já chegaram à faixa dos trinta anos, esses são exceções e, em sua maioria, não pixam mais, ou pixam muito pouco e, mesmo assim, em lugares que não ofereçam grandes ameaças. A maioria dos mais velhos apenas goza do fato de ter começado a pixar há muito tempo e de, por isso, possuir grande admiração e respeito na pixação.

De todos os pixadores com quem mantive contato, cinco foram meus interlocutores principais. Destes, um já não pixava mais desde quando comecei a pesquisa, três pararam de pixar antes que eu terminasse de redigir a dissertação, e o último estava pensando em parar por causa da idade, vinte e três anos, já avançada segundo ele, e da namorada que não gostava muito de sua atividade. O grande motivo que faz com que estes jovens parem de pixar é o aumento de

determinadas responsabilidades, o que para muitos significa o ingresso na vida adulta. Existem os que param por pressão das namoradas, ou quando se tornam pais e precisam trabalhar para sustentar os filhos ou porque têm que ajudar a mãe com as despesas de casa, como revelou um ex-pixador. Mas há também aqueles que entram definitivamente na criminalidade e muitas vezes acabam sendo presos. Este último fator também representa a passagem para a vida adulta de alguns deles que já alcançaram a maioridade penal, pois, a partir do momento que começam a cometer crimes, após os 18 anos têm que responder como adultos. Podem ainda surgir outros interesses que façam com que a pixação perca um pouco o sentido para alguns destes jovens. O empenho em uma outra forma de manifestação cultural é um deles, como o caso do pixador que passou a freqüentar os forrós universitários e acabou por montar uma banda de forró, parando de pixar. Há aqueles que param por causa da religião. A adesão a alguma igreja pentecostal também pode fazer com que alguns deles abandonem a pixação.

Concluindo, nota-se que diferentes e importantes abordagens, como a da juventude e da delinqüência, poderiam ter sido utilizadas como a chave explicativa principal para o estudo sobre os pixadores. Este trabalho, no entanto, sem desprezar a relevância destas e, de uma certa forma, contemplando-as, adota como perspectiva fundamental para analisar o grupo a sua relação com a cidade. Embora a transgressão, conforme já visto, seja um elemento importante para estes jovens, esta constitui apenas uma parte do modo como estes se apropriam do espaço urbano. Revelou-se, assim, que mais importante até do que o próprio ato de pixar em si são os trajetos que eles fazem pela cidade, os seus rolês, o modo como concebem o espaço da periferia como um local que é valorizado pela noção de quebrada e a forma como o centro é apropriado por estes jovens com o seu *point* central. Eles configuram assim o circuito da pixação em São Paulo que abrange diversos espaços e está inserido em outro circuito, o da “cultura de rua”, este compreendendo diferentes grupos juvenis na cidade, com os quais os pixadores estabelecem relações de proximidade e, muitas vezes, até de pertencimento. No interior deste circuito funciona uma ampla rede de trocas que possui determinadas regras e se expande por toda a metrópole. Aponta-se assim para uma outra forma

de se estudar estes grupos de jovens que tem como enfoque os diferentes usos que estes fazem da cidade, evidenciando o modo como se apropriam dela.

CONCLUSÃO

A realização desta etnografia levou-me a percorrer a cidade ao encontro dos pixadores em seus *points* e em suas festas. Conheci, assim, muitos bairros de diversos distritos e de outros municípios da Região Metropolitana pelos quais, não fosse pela pesquisa, talvez nunca tivesse passado. Posso afirmar, portanto, que, após esta experiência, passei a dominar muito mais os diversos caminhos da *urbe*: do centro à periferia, foi preciso realizar inúmeros trajetos para entender um pouco mais a prática destes jovens e o modo como se constituem suas relações. Foi interessante perceber como a dinâmica de apropriação do espaço urbano efetuada pelos pixadores está imbricada com a própria dinâmica da metrópole.

Nestas andanças, reveladores foram os momentos em que, acompanhado pelos pixadores, pude observar como as marcas deixadas por eles serviam de referenciais em seus percursos pela cidade. Quando se trata do bairro onde residem, então, esta relação torna-se ainda mais intensa, cada inscrição na paisagem urbana de tão observada acaba por ser decorada. Um pixo que surge em algum muro é logo notado. Certa vez, ao caminhar com um pixador pela avenida principal de seu bairro, este percebeu que havia uma nova pixação em um prédio e afirmou que aquela deveria ter sido feita há pouco tempo, ao olhar para o chão, ele pode ver as marcas de tinta ainda fresca, o que confirmou sua suspeita.

Mesmo aqueles que já largaram o ofício afirmam saber o que está acontecendo na pixação (quem está em destaque ou quem parou de pixar) observando os muros, ou melhor, lendo os muros, conforme a expressão utilizada por eles. Assim como os sujeitos pesquisados, eu também passei a ter as pixações como meus referenciais na paisagem urbana. Tinha, porém, o interesse despertado para aquelas que pertenciam aos pixadores que eu já conhecia, lembrava imediatamente do responsável pela inscrição e do bairro onde ele morava e pensava como aquele jovem tinha se deslocado até ali apenas para estampar seu nome. O que antes eram simples rabiscos, passaram a fazer mais sentido para mim, pois, afinal, agora eu conhecia seus autores e podia identificá-los nos muros de São Paulo. Eu, finalmente, conseguia, ainda que com certa dificuldade, *ler o muro*.

Conforme já foi relatado, esta etnografia levou-me a fazer incursões pelas diversas *quebradas* desta metrópole. De uma certa maneira, reconstitui seus rolês pela cidade. Porém, foi na região central, mais especificamente na rua Vergueiro, próximo à famosa avenida Paulista e à movimentada avenida Vinte e Três de Maio, que tive condições de perceber como estes jovens se articulam e como se apropriam dos diferentes espaços urbanos. O *Point da Vergueiro* não apenas revelou a importância do centro para os pixadores, como permitiu manifestar o modo como se relacionam com os bairros da periferia, não apenas com o seu, de origem, mas também com os de outras regiões da cidade nos quais moram seus colegas. Neste contexto, desponta a noção de *quebrada*, utilizada pelos pixadores não apenas como modo de denominar esta periferia em sua diversidade, mas também como categoria de identificação. O fato de morarem em alguma *quebrada* é valorizado por eles e torna-se um elemento legitimador. Para muitos deles, os verdadeiros pixadores são aqueles que habitam alguma *quebrada*. Embora não se possa afirmar que todos venham da periferia, percebe-se um grande apreço pela idéia de ter como local de moradia um bairro pobre, marcado por altos índices de violência. Isto porque o indivíduo que tem esta origem é considerado como sendo conhecedor de certas normas particulares de comportamento, próprias de determinados grupos sociais na cidade. Aprender a conviver, e mesmo sobreviver, em meio a todos os aspectos negativos atribuídos a esses bairros torna-se um elemento de grande importância para eles.

A noção de *quebrada* demonstra, assim, ter dois sentidos. Um que se refere ao próprio bairro de onde se é oriundo, valorizando-o e apontando-o como local das relações mais próximas baseadas em laços de vizinhança, parentesco e coleguismo, conforme acepção da categoria de pedaço discutida por Magnani (1998). E outro que faz alusão aos bairros pobres da periferia da cidade como um todo; neste, tem-se uma concepção mais universal, onde são enfatizados os aspectos negativos destes espaços, como falta de infra-estrutura pública, violência, pobreza econômica etc. Em suma, a *quebrada* remeteria aos espaços apartados das regiões mais centrais da cidade, e centrais não apenas geograficamente como também socialmente e economicamente. Ser procedente de uma *quebrada* torna-se,

portanto, uma categoria de reconhecimento de um outro igual na cidade que merece ser respeitado.

O *point* principal dos pixadores tornou-se, portanto, um local privilegiado para se observar e conhecer estes jovens que ali se encontravam todas as terças-feiras à noite. Pode-se afirmar, então, que foi possível compreender muito mais sobre os pixadores e sua relação com a periferia numa região central da cidade, do que nos próprios bairros periféricos onde residiam, já que era ali, no *Point da Vergueiro*, que se realizavam os encontros dos jovens de distritos afastados. E não poderia haver local mais adequado para o estabelecimento de um ponto de encontro do que o centro da cidade, pois, afinal, como os próprios pixadores afirmam ao justificarem o porquê da preferência por deixar suas inscrições no centro, é por lá que passam os pixadores de todas as regiões. Para eles, a região central constitui-se como um espaço de passagem e, por esse motivo, ideal para a fixação de um lugar de encontro. Assim, toda semana, reúnem-se, na praça da estação Paraíso do Metrô ou na calçada em frente ao Centro Cultural São Paulo, pixadores de diversos bairros periféricos que recriam, em um ponto central da cidade, o espaço da periferia. Porém, configura-se ali uma forma diferente de se pensar essa periferia que une, em um mesmo lugar, bairros distantes geograficamente, como Capão Redondo na zona sul, São Mateus e Cidade Tiradentes na zona leste, Jardim João XXIII na zona oeste, Vila Brasilândia na zona norte, e também jovens de outros municípios da região metropolitana que marcam sua presença no *point*, vindos de cidades como: Santo André, Diadema, Jandira, Ferraz de Vasconcelos, Osasco, Carapicuíba, Itapevi, entre outras. A lista de lugares é extensa e poderia estender-se ainda mais; porém, apesar da diversidade de locais de origem, no *point* eles se reconhecem como pixadores oriundos de alguma *quebrada* da cidade.

O *Point da Vergueiro* também é o principal espaço de trocas entre os pixadores. Nele trocam-se as folhinhas, marcam-se os rolês, relatam-se as experiências e os apuros passados por causa da repressão policial. Neste ambiente de trocas, surgem as alianças entre os grupos de pixadores, que se unem para divulgar suas marcas por outros espaços da cidade, conquistando, assim, maior notoriedade. Os grupos de um pixo têm, geralmente, uma base mais local; já as alianças, ou grifes, costumam ter uma abrangência maior e aglutinar membros de

toda a cidade. Porém, se são as trocas entre as diversas turmas de pixadores que se reúnem no *point* central que propiciam a formação de alianças, é a competição e o conflito entre alguns pixos que as reafirmam. Como foi visto, ao fazer parte de uma grife, eles passam a ter mais força para competir, tendo, dessa forma, aliados para auxiliar em embates com grupos rivais. Demonstra-se, assim, que o *point* constitui-se também em um espaço onde as desavenças são colocadas em questão, seja por meio de tensas discussões, seja pelo confronto físico.

Ao retratar os pixadores, a mídia sempre destaca os aspectos negativos dessa prática: o vandalismo, a depredação do patrimônio, a delinqüência etc. Esta etnografia, no entanto, demonstrou outros aspectos que nunca são abordados quando se trata deste tema, como a relação que constroem com o espaço urbano, as redes de trocas que configuram e as relações de aliança e conflito. Porém, não se pode desprezar a dimensão da transgressão presente no cotidiano das práticas destes jovens, pois é uma questão que eles mesmos reconhecem como importante. Contudo, este outro olhar, mais amplo, sobre os pixadores somente foi possível porque eles não foram estudados de forma fragmentada, e sim em sua relação com a cidade. A busca pelas interações mais amplas que os pixadores estabelecem com o espaço urbano e com os outros grupos juvenis, aspecto que norteou essa pesquisa, possibilitou uma observação desses jovens não como se estivessem a deriva ou isolados, mas constituindo uma prática cultural comum que apresenta certas regularidades. Atentou-se, portanto, não apenas para as relações constituídas entre os próprios pixadores, mas, principalmente, para o feixe de relações que constituem na metrópole. Percebendo, assim, sua atuação dentro de um circuito – o *point* central, os *points* regionais, as festas nas quebradas, as lojas de artigos especializados na galeria comercial do centro da cidade etc. Este circuito dos pixadores, no entanto, está inserido ainda em um outro circuito, este o da chamada “cultura de rua”, do qual fazem parte outros grupos juvenis na cidade (*rappers*, *skatistas*, grafiteiros etc.) e com os quais os pixadores mantêm uma relação muito próxima, pois têm o mesmo *proceder*. A inserção dos pixadores na cidade demonstrou, portanto, não se restringir ao ato de pixar um muro e de deixar nele a sua marca. A etnografia revelou os diversos outros modos de apropriar-se do espaço urbano que configuram toda uma rede de sociabilidade.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994.
- _____. "Os embalos de sábado à noite". In: *Tempo e Presença*. São Paulo, n. 240 CEDI, 1989.
- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- ABREU, Carolina de Camargo. *Festas Raves: encontros e disputas*. Dissertação de mestrado em andamento no PPGAS/USP. São Paulo, 2005.
- ALFONSI, Daniela. "O forró universitário em São Paulo". In: MAGNANI, José Guilherme & MANTESE, Bruna (orgs.). *Jovens na Metrópole* (no prelo). São Paulo, 2005.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- ALVES, Glória da A. *O uso do centro da cidade de São Paulo e suas possibilidades de apropriação*. São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH - USP, 1999.
- ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.
- ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.
- ARIÉS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Clara & BORGES, Ana Luiza. "A mancha de lazer da Vila Olímpia". In: MAGNANI, José Guilherme & MANTESE, Bruna (orgs.). *Jovens na Metrópole* (no prelo). São Paulo, 2005.

- BARTALANI, Vladimir. "Espaços Públicos na Cidade". In: *Oculum 4, Revista Universitária de Arquitetura, Urbanismo e Cultura*. São Paulo: Nov. 1993, p.64-67.
- _____. *Praças do Metrô*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FAU - USP, s.d.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- BEVILAQUA, Cimea. *O consumidor e seus direitos : um estudo sobre conflitos no mercado de consumo*. São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH - USP, 2002.
- BLASS, Leila & PAIS, José Machado (orgs.). *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo, Annablume, 2004.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- CALDEIRA, Tereza. *Cidade de Muros*. São Paulo, Editora 34, 2000.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Studio Nobel, 1993.
- CARDOSO, Ruth & SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo, EDUSP, 1995.
- CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- CARLOS, Ana Fani A. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo, Contexto, 2001.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Cultura da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo, Senac, 2001.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo, Cosac & Naify, 2004.
- _____. *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de Antropologia Política*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.
- COOPER, M. *Subway Art*. Londres, THAMES, 1991.
- COHEN, A. K. "A delinquência como subcultura". In: BRITO (org.). *Sociologia da Juventude*, vol. 3. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- COSTA, Roaleno. *Graffiti no contexto histórico social, como obra aberta e uma manifestação de comunicação urbana*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA – USP, 1994.

- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, Papirus, 1995.
- DANTAS, F. L. *A dança do intelecto pelas palavras na parede: uma Análise da tradução do humor no grafite*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, 1997.
- DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- _____. *A Casa e a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara/Koogan, 1991.
- DAVIS, Mike. *Cidade de quartzo*. São Paulo, Página Aberta, 1993.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.5. Rio de Janeiro, Editora 34, 1997.
- _____. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. São Paulo/Fortaleza, Annablume/Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaios sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa, Edições 70, 1991.
- EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- FEIXAS, Carles. “Introducción” & “Los estudios sobre culturas juveniles en España (1960 – 2003)”. *Revista de Estudios sobre Juventud nº 64*. Madrid, Instituto de la Juventud, 2004.
- FRÚGOLI JR., Heitor. “Os Espaços Públicos numa perspectiva antropológica”. In: CAMPOS, Cândido Malta, GAMA, Lúcia Helena & SACCHETTA, Vladimir (orgs.). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2004.
- _____. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo, Cortez/Edusp/Fapesp, 2000.

- _____. “Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico”, in: PINTAUDI, S. M. & FRÚGOLI JR., H. (orgs.). *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo, Editora da Unesp, 1992, p. 75-92.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, Difel, 2000.
- GUASCO, Pedro. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. São Paulo, Dissertação (Mestrado), 2001.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.
- _____. *Territórios Alternativos*. Niterói/São Paulo, EDUFF/Contexto, 2002.
- HALL, Stuart & JEFFERSON, Tony. *Resistance through rituals; youth subcultures in post-war Britain*. London, Hutchinson and Co, University of Birmingham, 1976.
- HANNERTZ, Ulf . *Explorer la ville*. Minuit, Paris, 1962. / *Exploración de la Ciudad: Hacia una Antropología Urbana*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.
- _____. “Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras chaves de uma antropologia transnacional”. In: *Mana*, 3, 1, 1997.
- HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London and New York, Routledge, 1994.
- LARA, Arthur. *Tribos urbanas: transcendências, rituais, corporalidades e (re)significações*. São Paulo, Tese de Doutorado, ECA - USP, 2002.
- _____. *Grafite: Arte urbana em movimento*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, ECA – USP, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- _____. “A Estrutura dos Mitos”. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.
- MACEDO, Márcio. *Serviço de Preto: uma faceta do consumo da juventude afro-paulista*. XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Caxambu, 2004 (*mimeo*).

- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- _____. *O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo na sociedade da massas*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- MAGNANI, José Guilherme C. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L.L. (Orgs.). *Na metrópole*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2000.
- _____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.
- _____. "Da periferia ao centro: pedaços e trajetos". *Revista de Antropologia*. São Paulo, v.2, n.2, 1992, p. 203-191.
- _____. "Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?". *Cadernos de Campo, Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia*. São Paulo, v.2, n.2, 1992b, p. 51-48.
- _____. "Transformação na cultura urbana das grandes metrópoles". IN: MOREIRA (ORG.), *Sociedade global, cultura e religião*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. "As cidades de tristes trópicos". IN: *REVISTA DE ANTROPOLOGIA, VOL. 42, Nº 1 E 2*. São Paulo, 1999.
- _____. *Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo, Livros Studio Nobel, 1999b.
- _____. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS/Edusc, vol. 17, n.49, jul./2002, p. 11-29.
- MARQUES, Eduardo & TORRES, Haroldo. "Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno metropolitano". *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, nº 4, 2001.
- MATZA, David. "As tradições ocultas da juventude". In: BRITO (org.) *Sociologia da Juventude*, vol. 3. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão de troca nas sociedades arcaicas". In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

- NIEMEYER, A. M. & PIETRAFESA DE GODOY, E. (orgs.). *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas, Mercado de Letras, 1998.
- OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003
- PERALVA, Angelina Teixeira. *Violência e Democracia: o paradoxo brasileiro*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- _____. "O jovem como modelo cultural". *Revista Brasileira de Educação*, n. 5/6. São Paulo, maio/dez, 1997, p. 15-24..
- PERLONGHER, Néstor. "Antropologia das sociedades complexas". In: *Revista Brasileira de Ciências*, n.22, ano 8, São Paulo, 1993.
- _____. "Territórios marginais". *Primeira Versão*, nº 27, IFCH – UNICAMP. Campinas, 1991.
- _____. *O negócio do michê*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite, Pichação e Cia*. São Paulo, Anna Blume, 1994.
- SEABRA, Odete. "São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia". In: CARLOS, Ana Fani Alessandri & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (orgs.). *Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole*. São Paulo, Contexto, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. "O centro e as formas de expressão da centralidade urbana". *Revista de Geografia*, v. 10. Presidente Prudente: Unesp, 1991, pp. 1-18.
- SPOSITO, Marília P. "A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade". *Tempo Social, Revista de Sociologia – USP*. São Paulo, v.5, n.1-2, 1993.
- THRASHER, Frederic. "The Gang". In: BURGUESS & BOGUE (orgs.). *Contributions to Urban Sociology*. Chicago, University of Chicago, 1964.
- _____. *The Gang*. Chicago, University of Chicago, 1927.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas, Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996.

- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- _____. "O funk como símbolo da violência carioca". IN: VELHO, Gilberto & ALVITO, Marcos (Orgs.). *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.
- _____. (org.). *Galeras Cariocas: territórios de conflito e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.
- VIRILIO, Paul. *Fin de l'histoire, ou fin de la géographie? Um monde surexposé*. Le Monde Diplomatique (agosto).
- WACQUANT, Löic D. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- WAISELFISZ, Julio J. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. S./Cidade, Cortez Editora, 1998.
- _____. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*. S/Cidade, Garamond, 1998.
- WHYTE, William Foot. *Street Corner Society*. Chicago, University of Chicago Press, 1943.
- WIRTH, Louis. "O Urbanismo como Modo de Vida". In: VELHO, Otávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.
- YÁZIGI, Eduardo. *O mundo das calçadas*. São Paulo, Humanitas, 2000.
- ZALUAR, Alba. "Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência". In: VIANNA, Hermano (org.). *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1997.
- _____. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

FONTES DE PESQUISA

Álbum de Cromos Só Pixo. São Paulo, s/d.

Folha de São Paulo. Caderno Cotidiano, São Paulo, 30/06/2003.

<http://gacetadameianoite.zip.net/index.html> - 15/11/2004.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, s/d.

O Estado de São Paulo. São Paulo, 26/02/2000.

Panorama Metrópole. Programa transmitido pela Rádio Eldorado em São Paulo, 17/02/2005.

Revista Veja São Paulo, nº 7, ano 38, p. 7. São Paulo, 16/02/2005.

Revista Veja São Paulo, nº 44, ano 30, p. 12 - 18. São Paulo, 06/11/1997.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Alexandre Barbosa Pereira